

**UFRRJ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**TESE**

**REPOVOANDO RUÍNAS: FÉ, SAUDADE E PERSEVERANÇA EM UM  
TERRITÓRIO ARRUINADO PELA BRASKEM EM MACEIÓ (AL)**

**LARYSSA OWSIANY FERREIRA**

**2024**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**TESE**

**REPOVOANDO RUÍNAS: FÉ, SAUDADE E PERSEVERANÇA EM UM  
TERRITÓRIO ARRUINADO PELA BRASKEM EM MACEIÓ (AL)**

**LARYSSA OWSIANY FERREIRA**

*Sob a orientação da professora  
Carly Barboza Machado*

Tese submetida como requisito parcial  
para obtenção do grau de **Doutora em  
Ciências Sociais**, no Programa de Pós-  
Graduação em Ciências Sociais.

Seropédica, RJ  
dezembro de 2024

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F383r Ferreira, Laryssa Owsiany, 1994-  
Repovoando Ruínas: fé, saudade e perseverança em um  
território arruinado pela Braskem em Maceió (AL) /  
Laryssa Owsiany Ferreira. - Seropédica, 2024.  
243 f.: il.

Orientadora: Carly Barboza Machado.  
Tese(Doutorado). -- Universidade Federal Rural do Rio  
de Janeiro, Programa de Pós graduação em Ciências  
Sociais, 2024.

1. Braskem. 2. crimes corporativos  
socioambientais. 3. eventos climáticos extremos. 4.  
ruínas. 5. Igreja Batista do Pinheiro. I. Machado,  
Carly Barboza, 1975-, orient. II Universidade Federal  
Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós graduação em  
Ciências Sociais III. Título.



**UFRRJ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

LARYSSA OWSIANY FERREIRA

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Doutora em Ciências Sociais**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

TESE APROVADA EM 18 /12/ 2024

Documento assinado digitalmente

CARLY BARBOZA MACHADO

Data: 17/02/2025 17:59:59-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Carly Barboza Machado. Dra. UFRRJ** (Orientadora)

Documento assinado digitalmente

ODJA BARROS SANTOS

Data: 10/02/2025 10:28:18-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Odja Barros. Dra. EST**

Documento assinado digitalmente

ROSANE MANHAES PRADO

Data: 12/02/2025 19:23:21-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Rosane Prado. Dra. UERJ**

Documento assinado digitalmente

CLEMIR FERNANDES SILVA

Data: 14/02/2025 15:03:54-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Clemir Fernandes. Dr. ISER**

Documento assinado digitalmente

FLAVIA BRAGA VIEIRA

Data: 11/02/2025 18:50:33-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Flávia Braga Vieira. Dra. UFRRJ**

## Agradecimentos

Esta tese é coletiva e agradecimentos são tecidos a quem me ajudou a construí-la ao longo de todos os capítulos. Por este motivo, aqui serei um pouco mais breve.

Palavras são insuficientes para descrever meu orgulho em ser a primeira orientanda de doutorado de Carly Machado. Nossa cumplicidade transcende a experiência acadêmica de orientação. Aproveito o momento para estender os agradecimentos ao CORRE - nosso tão sonhado grupo de pesquisa, que esteve presente em todos os momentos desta jornada.

Henrique Bresolin, mil vezes obrigada por enxugar minhas lágrimas e me abraçar mil vezes ao dia para que eu não desistisse durante o processo de escrita.

Agnes Alencar, Luciana Petersen e Marília Asterito, a leitura atenta e encorajadora de vocês foram essenciais para que eu vislumbrasse futuros em momentos de extrema dificuldade criativa. Sthefanye Paz e Mauro Cordeiro, obrigada pela estratégia de checagens quase que diárias procurando saber como eu estava me sentindo e se eu precisava de alguma coisa neste percurso.

O meu mais sincero agradecimento à Igreja Batista do Pinheiro e a cada pessoa que me acolheu em Maceió. Dando continuidade aos agradecimentos alagoanos: Carlos Eduardo Lopes e Paulo Accioly, obrigada pela generosidade em compartilhar a arte de vocês comigo para que esta tese ganhasse o mundo repovoada.

E tecendo uma clara referência ao memorial de Rosane Prado, onde ela agradece ao “planeta UERJ”, eu digo o meu muito obrigada ao planeta rural e a todos os seus habitantes: é de lá que tudo emerge e para onde tudo converge na minha trajetória acadêmica. Este pertencimento está prestes a completar 13 anos e definitivamente cursar a graduação, o mestrado e o doutorado em Seropédica transformou minha vida.

Agradeço, de forma breve e sincera, a todos os meus professores — especialmente aos que compuseram as bancas de qualificação (Isabel Carvalho, Gustavo Chiesa e Patrícia Reinheimer) e de defesa da tese (Odja Barros, Clemir Fernandes, Rosane Prado e Flávia Braga Vieira) — pela valiosa contribuição e generosidade nas observações. A composição das bancas mudou, assim como esta tese, que se fez e se refez em tantas versões.

À minha família e meus amigos: têm um pouquinho do apoio de cada um de vocês nesta pesquisa.

Por fim, agradeço ao ISER, a casa de muitas janelas que me acolhe desde 2022. Sem o apoio de minha amada equipe esta tese definitivamente não existiria.

**O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.**

## Resumo

FERREIRA, Laryssa Owsiany. **Repovoando Ruínas: fé, saudade e perseverança em um território arruinado pela Braskem em Maceió (AL)**. 2024. 220p. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2024.

Mais de 200 mil famílias foram direta ou indiretamente afetadas pela subsidência do solo causada pela extração de sal-gema realizada pela Braskem em Maceió, configurando assim o maior crime corporativo socioambiental urbano em andamento no mundo. Através de uma etnografia que percorre as rotas de fuga e os escombros de bairros afetados pela mineração, esta pesquisa busca, simultaneamente, reconstituir os múltiplos crimes cometidos pela empresa desde sua instalação durante o regime militar e também documentar estratégias de perseverança em meio às ruínas. A partir de uma antropologia das colagens, os resultados aqui apresentados são contextualizados por meio de eventos climáticos extremos e também pelo entrelaçamento de tramas políticas e familiares alagoanas com questões mais amplas. Por meio de uma inserção mediada por uma igreja evangélica, esta pesquisa experimenta e combina diferentes metodologias, explorando a esperança que brota através da fé e da resistência artístico-política em um território arruinado.

**Palavras-chave:** Braskem; crimes corporativos socioambientais; eventos climáticos extremos; ruínas; Igreja Batista do Pinheiro.

## **Abstract**

FERREIRA, Laryssa Owsiany. **Repopulating Ruins: Faith, homesickness and Perseverance in a Territory Devastated by Braskem in Maceió (AL).** 2024. 220p. Thesis. (Doctorate in Social Sciences) Institute of Humanities and Social Sciences, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2024.

More than 200,000 families have been directly or indirectly affected by land subsidence caused by the extraction of rock salt by Braskem in Maceió, thus constituting the largest ongoing urban socio-environmental corporate crime in the world. Through an ethnography that traces the escape routes and the ruins of neighborhoods affected by mining, this research seeks, simultaneously, to reconstruct the multiple crimes committed by the company since its establishment during the military regime and to document strategies of perseverance amid the ruins. Drawing from an anthropology of collages, the results presented here are contextualized by extreme weather events and intertwined with Alagoan political and familial narratives, as well as broader societal issues. Through an insertion mediated by an evangelical church, this study experiments with and combines different methodologies, exploring the hope that emerges through faith and artistic-political resistance in a ruined territory.

**Keywords:** Braskem; socio-environmental corporate crimes, extreme weather events; ruins; Igreja Batista do Pinheiro.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I - MACEIÓ AFUNDA EM LÁGRIMAS.....</b>	<b>33</b>
1.1 A terra tremeu no Pinheiro.....	34
1.2 A gênese do caos.....	47
1.3 “A Braskem é a dona da rua, é dona até de gente”.....	69
1.4 O colapso da mina 18 e “a tragédia que não existiu”.....	71
<b>CAPÍTULO II - COM QUANTAS CRISES SE ESCREVE UMA TESE?.....</b>	<b>82</b>
2.1 Espiritualidades ecológicas e o cuidado com a casa comum como inspiração para construção de uma questão de pesquisa.....	82
2.2 Desconstruindo conceitos.....	85
2.3 Fé no Clima e minha atuação no ISER.....	90
2.4 Apocalipse Climático e outros fins de mundos.....	97
2.5 “A Braskem é o dragão do Apocalipse em Maceió”.....	111
<b>INTERLÚDIO - TRAMAS POLÍTICAS ALAGOANAS.....</b>	<b>118</b>
<b>CAPÍTULO III - “QUE DEUS NOS ABENÇOE E PERDOE O PECADO DA BRASKEM”.....</b>	<b>132</b>
3.1 Um breve histórico da Igreja Batista do Pinheiro.....	134
3.2 A interdição do Templo-Patrimônio e a decisão de continuar resistindo.....	144
3.3 Em busca de um novo e provisório lar.....	153
3.4 “A minha esperança está em Deus, não na Braskem”.....	159
<b>CAPÍTULO IV - RUÍNAS COMO JARDINS.....</b>	<b>169</b>
4.1 Um dia de protesto na “ilha” dos Flexais.....	176
4.2 Mapeando ruínas e afetos.....	183
4.3 “Braskem: A demolição de um sonho”.....	190
4.4 Repovoando as ruínas.....	196
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>205</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>212</b>
<b>REFERÊNCIAS ETNOGRÁFICAS E AUDIOVISUAIS.....</b>	<b>218</b>

## INTRODUÇÃO

A presente tese é sobre o maior crime corporativo socioambiental em área urbana em curso no mundo. De acordo com o Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM), mais de 200 mil famílias foram afetadas de forma direta ou indireta pela subsidência do solo, fruto da extração de sal-gema realizada pela Braskem em Maceió. Busco percorrer as rotas de fuga no território atingido não só como um percurso etnográfico, mas também como um caminho reflexivo-analítico que dialogue com debates sobre ruínas, esperanças, saudades, fé e perseverança.

O psicanalista André Alves (2024), publicou em seu instagram<sup>1</sup> uma reflexão sobre como o horror causado por eventos extremos tem o poder de devorar até as palavras. Para ele, “catástrofe parece desresponsabilizar quem tem contas a prestar, desastre insinua que a natureza chegou aqui sozinha e colapso é insuficiente” quando tantas pessoas são afetadas. Partindo deste pressuposto, utilizei tragédia, catástrofe, desastre e crime como conceitos complementares. Afinal, “a violência destrutiva da catástrofe escapa a qualquer narração. Sempre faltam palavras para expressar a devastação irreversível de um mundo compartilhado, a perda de uma forma de vida singular e insubstituível” (Souza; Petronilho; Eduardo, 2023, p.14) Mas antes de começar a seguir as pistas de uma investigação criminal, preciso dizer algumas palavras na forma de um prólogo.

O tempo está fora do eixo e andando cada vez mais rápido (...) Tudo que pode ser dito sobre a crise climática, se torna por definição, anacrônico, defasado; e tudo que deve ser feito a respeito disso é necessariamente muito pouco, e tarde demais - too little, too late. Essa instabilidade metatemporal se conjuga com uma insuficiência de mundo” (Danowski; Viveiros De Castro, 2017, p.23)

Apresento muitas versões de um percurso etnográfico e formativo cheio de desvios e reviravoltas e assumo o compromisso de apresentar não só os antropólogos e a revisão teórica que me inspiraram, mas também as estradas alternativas que foram percorridas, os bastidores<sup>2</sup>, e principalmente as condições nas quais este trabalho foi escrito.

---

<sup>1</sup> Sua análise intitulada relatos das ruínas está disponível em: [https://www.instagram.com/p/C6tGf88OXbk/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/C6tGf88OXbk/?img_index=1) Acesso em: 26 out. 2024

<sup>2</sup> O não dito sempre me fascinou, tive a sorte de encontrar professores ao longo de minha trajetória que buscavam trabalhar contextos. Quase como fofocas sobre o que estava acontecendo na época em que alguma obra foi escrita, ou o motivo da demora para que fosse publicada porque o autor precisou lutar na guerra ou se esconder dela. Sempre me perguntava porque essas coisas nunca entravam nas versões finais, então resolvi optar por uma escolha narrativa cheia de prosas, rumores e bastidores.

Na linguagem e na vida, os seres humanos são sinuosos; nós continuamente pegamos desvios. Artistas, filósofos e etnógrafos frequentemente pegam estradas alternativas que os conduzem para dimensões do tempo-espacó que se afastam da estrada principal. Mas muitos de nós descrevem essas estradas alternativas como se ainda estivessem na estrada principal. O resultado é um discurso “direto” (às vezes analógico, às vezes digital) sugerindo que pegamos estradas que nos levam diretamente a nossos destinos teóricos, sugerindo que “conhecemos o lugar pela primeira vez”. (Stoller, 2022, p. 217)

Quero que minhas palavras sejam datadas, pois acredito ser extremamente importante contextualizar as condições políticas, financeiras, emocionais e mentais em que estamos produzindo ciência na atualidade. É importante ressaltar que minhas reflexões sobre as circunstâncias, os sentimentos, e tudo que estava ao meu redor enquanto eu tentava escrever são absolutamente inspiradas pelo trabalho de Tim Ingold (2015). Assim como o autor, algumas vezes me senti parte de “um ambiente acadêmico profundamente hostil à tarefa de estar vivo” (Ingold, 2015, p.13).

Ao longo de uma pesquisa tão extensa, a escolha sobre o que não entra no trabalho final nem sempre é fácil. Durante uma conversa com Carly Machado, minha amada orientadora, chegamos à conclusão de que, para além das minhas referências bibliográficas, eu tinha referências etnográficas de sobra. Fiz muito trabalho de campo, acompanhei muitos coletivos diferentes, me aventurei por propostas metodológicas inusitadas na pandemia e finalmente aceitei que era preciso desapegar de muito material de pesquisa em nome de um bom recorte temático. O que apresento a seguir, é um compósito de referências etnográficas que ilustram como cheguei até aqui. A verdade é que mesmo que tenha escolhido dar centralidade para o caso Braskem em Maceió, esse trabalho só existe dessa maneira por conta do meu encontro com o Coletivo Gesturing Towards Decolonial Futures (GTDF) e com o Projeto Fé no Clima desenvolvido pelo Instituto de Estudos da Religião (ISER). Sobre estes, vou tratar mais detalhadamente no segundo capítulo.

## Prosas

Os capítulos que compõem esta tese são coletivos, construídos não só a partir de referências teóricas, mas também de trechos de conversas despretensiosas e profundas com pescadores da borda da Lagoa Mundaú, rendeiras do Pontal da Barra, membros da Igreja Batista do Pinheiro, do Movimento Unificado de vítimas da Braskem, motoristas de aplicativo, artistas, ativistas, turistas, e funcionários de todos os locais por onde circulei em minhas idas à Maceió.

Contribuições e insights importantes dessa pesquisa foram dados por grandes amigos e também por pessoas para as quais algumas vezes eu não perguntei nem sequer como se chamavam; às quais eu também sou muito grata. Não há hierarquização de referências: inspirações teóricas essenciais surgiram tanto da leitura de cânones da teoria antropológica quanto de prosas cotidianas.

Diversos personagens e/ou protagonistas desta tese ora aparecem como referência bibliográfica quando acompanhadas de normas da ABNT, ora como amigos, em uma conversa de bar. Sem dúvidas, é um enorme privilégio poder constatar que tenho como interlocutores pessoas que também me formam como pesquisadora no âmbito teórico. Além do mais, esse material é composto por referências que vieram de filmes, *podcasts*, músicas, sonhos, memes e aleatoriedades inusitadas que contribuíram para o meu processo de escrita atravessado por alguns percalços.

O trabalho do antropólogo João Biehl (2020) é uma importante referência na construção desta tese. Ele nos ajuda a pensar o quanto a indeterminação e a incompletude podem se tornar forças generativas e criativas no caminho etnográfico. Além disso, defende uma teoria antropológica crítica que não esteja ancorada em visões apocalípticas e sim no poder de sobrevivências imaginativas e insurgentes que são capazes de redimensionar nosso pessimismo.

As criações etnográficas se originam da incompletude dos nossos interlocutores e eu diria de nós antropólogos, pesquisadores também – o desconhecido pode nos inspirar a produzir uma ciência social mais humilde e experimental, mantendo nossa teoria mais multifacetada e sensível, nossos modos de expressão menos caricatos e, ao mesmo tempo, adaptáveis a fugas, rupturas e outros caminhos (Biehl, 2020 p.7)

Do mesmo modo, Anna Tsing (2018; 2019; 2021; 2022) me ajuda a pensar as ruínas deste crime corporativo socioambiental não apenas como sinônimos de um mundo colapsado mas, também como um espaço onde novas formas de resistência e adaptação possam emergir. Imaginar as ruínas como jardins definitivamente mudou o rumo desta tese.

Nesta época de terrores ambientais, é difícil não nos perguntarmos sobre as consequências das ações humanas, especialmente por parte dos programas imperiais e industriais que tanto modificaram a terra, a água e a atmosfera do planeta. Como um antropólogo poderia responder a esses terrores? Este ensaio defende a importância de uma descrição melhor do Antropoceno, em todos os seus fragmentos e manchas – uma tarefa que precisa de todo tipo de participantes, desde anciãos indígenas até artistas, cientistas sociais e cientistas naturais, tanto do Norte quanto do Sul global. Antropólogos têm tido receio de narrar perigos ambientais.

Gostaríamos de confirmar a importância da criatividade humana, especialmente daqueles que nunca tiveram reconhecimento por suas habilidades. Gostaríamos, também, de evitar estórias paralisantes, assustadoras a ponto de os leitores perderem a vontade de agir e de intervir. Essas metas são importantes, mas elas devem lançar um desafio, e não fazer com que os acadêmicos se retraiam diante de más notícias. Como podemos contar estórias sobre dilemas de relevância local e contá-las de modo tão atraente que os leitores desejem aprender mais, ainda que aprendam sobre terrores? (Tsing, 2021, p. 177)

Não sou pragmática. Estou longe de ser o tipo de pesquisadora que escreve um projeto objetivo e entra em campo buscando comprovar uma hipótese. Parte do fazer antropológico com o qual eu me identifico tem absoluta relação com aceitar se perder<sup>3</sup> por aí, experimentando muitos caminhos etnográficos e analíticos.

Sinto-me atraído por esse campo etnográfico aberto – com sua miríade de enredos, duplos vínculos, imprevistos e fugas – e aos lampejos dialéticos nele engendrados (Benjamin 2002:463, 2004:37). Digo lampejos dialéticos pois o trabalho da etnografia gera imagens erráticas que carregam tanto a iminência de acontecimentos e mundos quanto a rendição criativa das pessoas através e para além da ameaça de aniquilação. (Biehl, 2020, p.17)

Cris Lisbôa, fundadora do Go Writers,<sup>4</sup> foi uma de minhas descobertas na saga da escrita e uma inspiração; com ela, aprendi a 'honrar os projetos possíveis' e minha tese é definitivamente um deles. Um dos principais lemas de seus cursos é “deslocar o coração do peito até a pontinha dos dedos”. Não só meu coração foi deslocado, mas também minhas incertezas, minha indignação, raiva, insônia, meu choro e meu cansaço. A possibilidade concreta de desistência do doutorado por muito tempo foi um assombro constante. Refleti muito se deveria me expor e admitir explicitamente isso aqui, mas li muitas teses durante a construção da minha, e várias vezes me questionei por que tudo parecia tão fácil para todo mundo, menos para mim. Mesmo que nos bastidores, ou em apresentações de congressos, ficassem explícitos as dificuldades enfrentadas no trabalho de campo, eu me perguntava por que nada disso transparecia na escrita, no produto final.

Aqueles antropólogos que têm observado ou experienciado algo que está além dos limites da racionalidade tendem a discutir isso em termos informais - durante o almoço, o jantar ou bebendo algo. Discussões antropológicas sérias acerca do

<sup>3</sup> “Accepter de se perdre” é inclusive o título de um artigo de Catherine Rémy que li durante a disciplina de Metodologia logo que ingressei no mestrado em Ciências Sociais. O artigo apresenta algumas das lições etnográficas que podem ser extraídas da obra de Jeanne Favret-Saada e destacam a importância da interpretação de erros e fracassos como alavancas de conhecimento. Disponível em: <https://journals.openedition.org/sociologies/4776>. Acesso em: 23 mar. 2024.

<sup>4</sup> Go Writers é uma escola livre de criação e escrita. Disponível em:< <https://www.instagram.com/gowriters/>> Acesso em: 23 mar. 2024.

extraordinário somente em raras ocasiões transcendem o bar ou o restaurante (Favret-Saada, 1980; Peters, 1981, Stoller & Olkes, 1987). Em contextos formais, supõe-se que devemos ser analistas desapaixonados; não deveríamos incluir no discurso nossas confrontações com o extraordinário porque elas não são científicas. Simplesmente porque não é apropriado expor a nossos colegas a textura dos nossos corações e a incerteza de nosso “olhar”. (Stoller, 2022, p. 77-78)

## Curadoria

Para além desse documento escrito e dos muitos diários de campo, há um acervo com uma playlist musical colaborativa, uma lista de séries, filmes, podcasts e memes que fazem parte do repertório temático aqui desenvolvido. As referências gráficas e audiovisuais se somam à bibliografia e às diferentes experimentações etnográficas, formando este compósito final. Gosto de pensar nesse portfólio como uma ferramenta epistemológica importante para uma análise que vai muito além do texto escrito.

O hábito de tirar prints de notícias e acumular conteúdos viralizados na internet se deve principalmente à sua efemeridade. Com a mesma velocidade que alguns conteúdos viralizam, eles também desaparecem. Reviravoltas inesperadas como a interrupção das atividades do X (antigo Twitter) no Brasil<sup>5</sup> em 2024 fizeram com que um volume imenso de conteúdo desaparecesse num piscar de olhos. Já presenciamos o fim gradativo de outras redes sociais, seja por irem perdendo usuários, como o caso do Snapchat<sup>6</sup> e do Clubhouse<sup>7</sup>. Ou, por exemplo, o caso do Orkut que anunciou seu encerramento em 2014 impactando de forma nostálgica a minha geração. Apesar do Google ter anunciado o fechamento da rede social em junho de 2014, deixando de receber novos cadastros de forma imediata, até setembro de 2016 ainda era possível exportar informações, fotos, mensagens etc.

Apesar de na época já não ser uma usuária ativa do Orkut, eu me recordo de ter feito o login no site com o objetivo de salvar as minhas fotos e tirar prints dos depoimentos marcantes

---

<sup>5</sup> Disponível em:  
<https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/08/30/suspensao-do-x-no-brasil-entenda-as-leis-que-basearam-a-decisao-do-ministro-alexandre-de-moraes.ghtml> Acesso em: 23 mar. 2024.

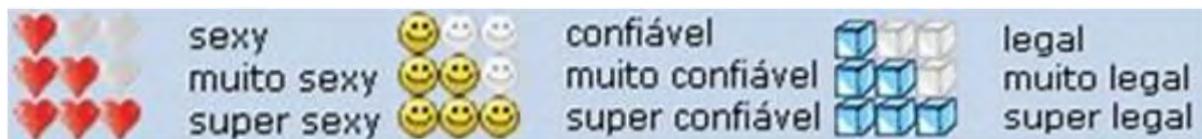
<sup>6</sup> O Snapchat é uma rede social que permite aos usuários enviar fotos e vídeos (snaps) que desaparecem após serem visualizados, ou publicar stories com duração de 24 horas. Lançado em 2011, parte de sua popularidade se deve também aos recursos chamados de “filtros” de realidade aumentada que eram aplicáveis à câmera. O Snapchat acabou perdendo usuários porque as mesmas funcionalidades acabaram sendo incorporadas ao Instagram e ao Tiktok, fazendo com que ele perdesse a sua particularidade.

<sup>7</sup> O Clubhouse é uma rede social de chats por voz lançada em 2020 em contexto pandêmico. O aplicativo só permitia o cadastro de membros que receberam convites exclusivos e estava disponível apenas para iPhone (iOS).

que meus amigos e meu namorado haviam escrito para mim anos antes. Fiz também um último passeio pelos *scraps* (recados públicos) e pelas comunidades dando boas gargalhadas<sup>8</sup>.

Nessa mesma época, além da contínua “era das remoções” no Rio de Janeiro ocasionada pelas Olimpíadas e o golpe sofrido pela presidente Dilma Rousseff, a terceira temporada de Black Mirror também estreou em 2016 e um episódio em específico intitulado Nosedive<sup>9</sup> virou assunto na mesa de bar entre meus colegas, estudantes de ciências sociais. Ao retratar um mundo onde as pessoas avaliam umas às outras com estrelas após cada interação social, a protagonista, Lacie, se torna obcecada por sua classificação e tenta melhorar sua pontuação para ser aceita em uma sociedade elitista.

Nos demos conta de que a nossa realidade não estava distante assim, conversamos sobre qual era a nossa pontuação no UBER<sup>10</sup>, e fizemos piadas sobre quem era o mais simpático, digno de 5 estrelas. Além disso, pontuamos o quanto parecia absurdo que nosso falecido perfil do Orkut calculasse em porcentagens o quanto éramos confiáveis, legais e sexys e confabulamos que se isso ainda existisse, talvez pudesse ser levado em conta em entrevistas de emprego. Já que haviam rumores de que ao avaliar o currículo de alguém, o comportamento nas redes sociais e em alguns casos até o mapa astral eram examinados.



Fonte: Reprodução Google Imagens.

A sede brasileira da rede social de Elon Musk<sup>11</sup> fechou as portas no dia 17 de agosto de 2024. A velocidade do ocorrido pode ser exemplificada pelo fato da equipe brasileira ter sido toda demitida em apenas 15 minutos como demonstra uma reportagem do G1 (2024d). Os acessos ao (X/Twitter) foram bloqueados não permitindo que os usuários fizessem nenhum tipo de backup,

<sup>8</sup> Uma reportagem do Uol relembra com detalhes como era e como funcionava a rede social. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2022/04/28/scraps-comunidades-depoimentos-do-que-voce-tem-saudades-no-orkut.htm> Acesso em 31 mar. 2025

<sup>9</sup> Uma sinopse do episódio está disponível em: <https://amenteemaravilhosa.com.br/nosedive-black-mirror/> Acesso em: 23 mai. 2024.

<sup>10</sup> O aplicativo de transporte chegou ao Rio de Janeiro de forma limitada em 2014, na época da Copa do Mundo e contava com apenas carros de luxo. A expansão foi se dando aos poucos e nessa época da conversa estávamos no auge das polêmicas com os taxistas. Para saber mais: <https://www.tecmundo.com.br/mercado/282498-10-anos-uber-brasil-relembre-trajetoria-avancos-polemicas-app.htm?ab=true&> Acesso em: 20 de abr. 2024.

<sup>11</sup> Além de CEO do X (antigo twitter), da Tesla (carros elétricos), da SpaceX, Neuralink (ocada em interfaces cérebro-máquina), do PayPal, Elon Musk é conhecido por se posicionar como um defensor da colonização de outros planetas para garantir a sobrevivência da humanidade. Seu nome está sempre envolvido em discussões sobre futuro, mudanças climáticas, exploração espacial, energia e inteligência artificial.

como ocorreu na época do orkut. Diversos usuários brasileiros acabaram migrando para plataformas semelhantes como o Bluesky<sup>12</sup> e o Threads<sup>13</sup>.

Os estudos no campo da antropologia digital sempre me fascinaram. Não é como se eu nunca tivesse parado para pensar no “poder da internet”, porém a reflexão desencadeada pelo rápido desaparecimento do X/Twitter fez com que eu valorizasse um pouco mais o hábito de acumular tantos prints como possíveis fontes de pesquisa. É importante ressaltar que a empresa de Elon Musk pagou as multas e cumpriu as determinações da justiça brasileira, fazendo com que o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes determinasse o fim da suspensão da rede social no Brasil. Ou seja, já é possível acessá-la novamente.

Entretanto, durante o bloqueio, a comunidade acadêmica que já havia passado em 2021 pelo apagão do currículo lattes<sup>14</sup>, voltou a refletir intensamente sobre o tema. Enquanto eu escrevo estes capítulos, me dou conta de que eu desconfio frequentemente de que objetos eletrônicos possam me deixar na mão, mas não “a nuvem” e os materiais salvos na rede. Se alguma coisa acontecesse com o Google Drive, ou até mesmo com a internet em geral me impedindo de acessá-lo, esta tese desapareceria.

## O que se sabe do 'apagão do CNPq' que deixou cientistas sem acesso ao currículo Lattes

*Fonte: BBB Brasil, 2021*

Acho melhor não querer pagar para ver. Logo mais eu volto para a escrita, depois de me certificar que tenho backups suficientes de todo o meu material. (Pensamentos intrusivos desta que vos escreve - Laryssa Owsiany, 2024)

E não é como se eu nunca tivesse cruzado com os alertas do ‘apocalipse da internet’ que seria ocasionado por uma imensa tempestade solar. A colagem a seguir apresenta um compilado de algumas dessas referências que conectam o debate climático a um possível “mundo sem internet”.

<sup>12</sup> Bluesky é uma rede social descentralizada que foi criada como um projeto da equipe do Twitter. Lançada em 2022, com foco na privacidade e na moderação comunitária, o Bluesky utiliza um protocolo chamado AT Protocol, que permite maior controle sobre os dados e experiências dos usuários.

<sup>13</sup> Threads é uma plataforma lançada em 2023. Integrada ao ecossistema do Instagram, permite o compartilhamento de textos, imagens e vídeos com o objetivo de promover discussões.

<sup>14</sup> Para saber mais sobre o caso veja a reportagem disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57992217> . Acesso em: 31 mar. 2025.

## Pesquisador alerta sobre possível colapso da internet após tempestade solar



Enorme tempestade solar pode desligar a internet por meses em 2024



Try:  
Interacting with other Humans.



## Supertempestade solar: por que o fenômeno pode derrubar a internet em todo o mundo

Fonte: Colagem feita por Laryssa Owsiany que mescla notícias e imagens viralizadas reproduzidas do youtube.

Um dos aspectos centrais dessa curadoria memética fragmentada é que muitas postagens são criações anônimas e coletivas, e a cada novo compartilhamento outras camadas de sentido são adicionadas. A dificuldade de precisar a autoria e a fonte exata, eram os motivos principais pelos quais eu inicialmente não imaginava ser possível utilizá-los como material etnográfico. Entretanto, é preciso reconhecer que a presença do debate climático nas redes sociais é parte essencial do cotidiano reflexivo desta pesquisa. Em termos metodológicos, é importante pontuar que sempre que for possível identificar a fonte elas também estarão descritas nas legendas e/ou em notas de rodapé.

O desaparecimento instantâneo de uma rede social nos leva a importantes reflexões teóricas sobre como tudo o que se produz antropologicamente é também mediado por essas interações plataformizadas. Alexandre Werneck (2020) ao utilizar memes como fonte de pesquisa reflete sobre a jocosidade como um operador de crítica durante a pandemia. Seu trabalho foi importante para que eu começasse a pensar o meu portfólio como material constitutivo e importante deste resultado final.

O Museu de memes da Universidade Federal Fluminense (UFF)<sup>15</sup> sugere que reflitamos com maior cuidado sobre o lugar que os memes ocupam na cultura e na comunicação

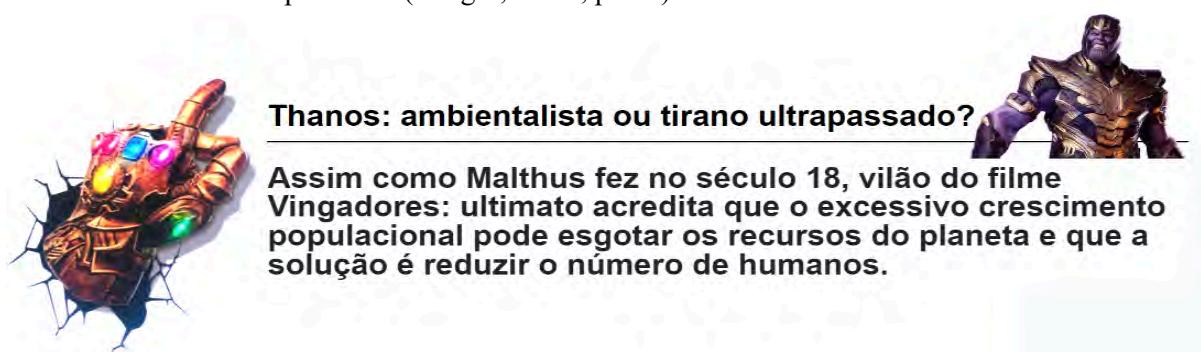
<sup>15</sup> O Laboratório de Pesquisa em Comunicação, Culturas Políticas e Economia da Colaboração (coLAB) coordenado por Viktor Chagas abriga o Museu de memes desde 2011.. Saiba mais em: <https://museudememes.com.br/> Acesso em: 07 nov. 2024

contemporânea, chamando atenção para pessoas que os interpretam apenas como “cultura inútil”. O projeto propõe um deslocamento de sentido de ‘museu’, “normalmente tido como instituição mantenedora de uma arte erudita ou de uma história das elites, e passa a compreendê-lo como ferramenta a serviço da cultura popular da internet”, o definindo assim como um produto da museologia social, que se quer no mundo. Mergulhar no material analítico produzido por eles também me abriu outros horizontes reflexivos.

O que estou chamando de meme está diretamente relacionado ao fenômeno da viralização, ou seja, ele se apresenta não só em imagens ou frames de vídeos, mas também em frases curtas (tweets) ou comentários em postagens que furam a “bolha” resultando em compartilhamentos massivos inclusive em diferentes redes sociais. É comum que se veja no Instagram algo que surgiu primeiro no TikTok ou no X (antigo twitter).

As hashtags (#) e os trending topics também são elementos essenciais desse universo e funcionam como um termômetro para medir a repercussão de determinados temas. Viktor Chagas (2023) - coordenador do Museu de Memes - chama a atenção para batalhas e ações políticas coletivamente orquestradas para alcançar os trending topics no X/Twitter e explica de forma didática o que significam esses anglicismos.

Os trending topics do Twitter são um compilado dos principais assuntos no momento, de acordo com os temas que circulam pela plataforma. Embora o Twitter tenha sido criado em 2006, essa funcionalidade foi apresentada somente em 2008 (Twitter, 2010), logo após a incorporação de outra tão marcante quanto: as hashtags (#). Na prática, os trending topics se apresentam como uma lista de hashtags em destaque nos últimos minutos, a partir do momento em que o usuário acessa o Twitter. Hashtags, por sua vez, tampouco são uma implementação nativa da plataforma. Trata-se, na verdade, de uma convenção utilizada por usuários para marcar um assunto ou um canal de comunicação com grupos e comunidades específicas. (Chagas, 2023, p.668)



Fonte: Reprodução- Ciência Hoje<sup>16</sup>

<sup>16</sup>A reportagem completa está disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/thanos-ambientalista-ou-tirano-ultrapassado/> Acesso em: 04 nov. 2024

A imagem acima retrata o modo como algo viralizado da cultura pop pode fazer emergir e popularizar debates sobre as mais diversas pautas nas redes sociais. Thanos é um vilão do universo Marvel conhecido principalmente pelo filme Vingadores: O Ultimato - recordista mundial de bilheteria. Seu plano de destruição consiste em eliminar metade de toda a vida no universo a partir de um estalar de dedos. Ele acredita que a superpopulação e o consumo desenfreado de recursos naturais estão levando o mundo à sua destruição e para alcançar esse "equilíbrio", a extinção em massa é a única solução para evitar o colapso.

## Colagens

Como um expoente característico dos movimentos dadaístas e surrealistas a imagem fragmentada e recomposta em novos arranjos vem sendo utilizada metodologicamente em trabalhos antropológicos. Minhas colagens são amadoras, não possuem nenhuma pretensão artística em sua composição gráfica, são apenas um recurso cujo objetivo é agrupar um emaranhado de referências. “Narrar com imagens é um exercício de perceber e complexificar. (...) Além disso, com a colagem, a arte, a antropologia e a imagem podem andar juntas e contribuírem para que se dissolvam dicotomias e para que as contradições sejam integradas” (Siqueira; Alfonso, 2023, p. 1)

A colagem não agrupa qualquer resto de papel só porque ele está à disposição para ser colado. Há uma seleção prévia, subordinada ao acaso e supostamente às forças do inconsciente, o que é completamente diverso de uma atitude que propositalmente faz um inventário das diferenças, como um catálogo, e junta todas as nuances (como se isso fosse possível) numa listagem que será chamada de colagem, e elogiada como criativa. A colagem não está preocupada em dar visibilidade ao diverso; ela busca descobrir as relações entre os elementos que ocupam um mesmo espaço. A colagem é seletiva, como é o mito e a bricolagem. Se o repertório é finito, os recursos escassos, isto não significa que todos serão utilizados. Os elementos da equação de Lautréamont são apenas três; o suficiente para provocar diversas reflexões na arte, na filosofia e nas ciências humanas. Fracionar e rejuntar, como faz a colagem, não repõe a unidade quebrada. Ela não pasteuriza nem pacífica. Não tem vocação democrática se isto for entendido como união de todas as diferenças. Há diferenças que não cabem em determinadas formas, mas cabem em outras. Não é mero colecionamento, justaposição. (Passetti, 2007, p.22)



Fonte: Colagem feita por Laryssa Owsiany que mescla uma notícia veiculada da Carta Capital em 2023 e imagens viralizadas que foram reproduzidas do Instagram.

O quadro “A Persistência da Memória” de Salvador Dalí presente na colagem anterior é utilizado para ilustrar diferentes versões de um meme que afirma que o pintor surrealista seria considerado realista se estivesse enfrentando as temperaturas extremas atuais. Como uma piada interna, comecei a acumular registros sobre quais objetos poderiam substituir os relógios derretidos retratados na obra. Solas de sapato, pneus de carro, potes e garrafas de plástico, galões de água de 20L são apenas alguns desses muitos exemplos. Entretanto, se eu tivesse que escolher apenas um substituto, sem dúvida seriam as caixas d’água. Nada supera a viralização delas.

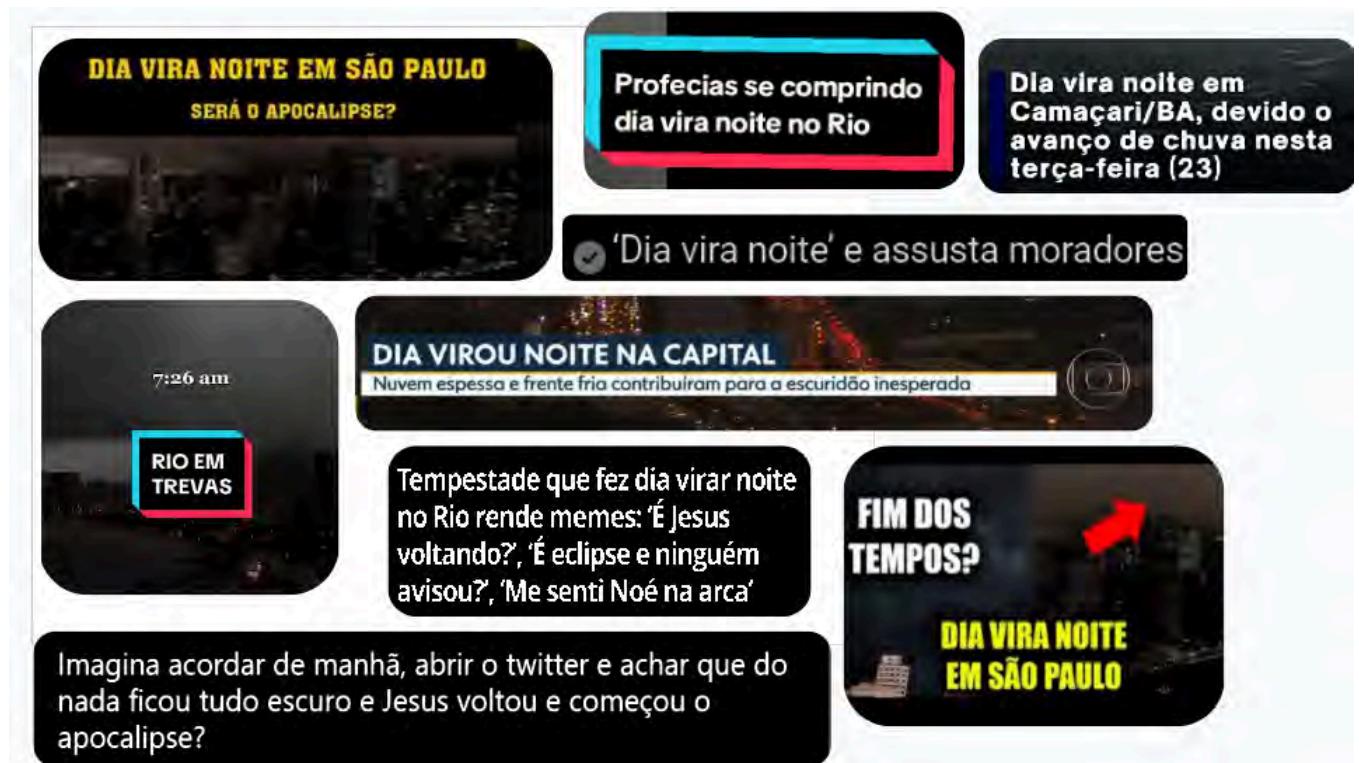


Fonte: Reprodução Google Imagens, 2024.

Cronologicamente, o primeiro episódio registrado por mim em prints aconteceu no dia 19 de agosto de 2019 às três horas da tarde, quando tudo escureceu, e o dia virou noite em São Paulo! Em instantes narrativas apocalípticas tomaram conta das redes sociais. O Instituto Nacional de

Meteorologia (INMET) explicou que o fato ocorreu devido à união de uma frente fria e úmida com os ventos provenientes das queimadas amazônicas naquele período, causando nuvens densas que provocaram a escuridão repentina (Canaltech, 2023a). Destaco aqui outro episódio semelhante, que ficou conhecido nas redes sociais como: Rio de Trevas. Uma reportagem do G1 sobre este acontecimento foi intitulada “Tempestade que fez o dia virar noite no Rio rende memes: ‘É Jesus voltando?’, ‘É eclipse e ninguém avisou?’, ‘Me senti Noé na arca’ (G1, 2023)<sup>17</sup>. Nas duas ocasiões a palavra Jesus entrou para os trending topics do X (antigo twitter).

Acontece que o caso de 2019 em São Paulo e o de 2023 no Rio de Janeiro, não foram isolados. Eles seguem se repetindo cada vez mais em diferentes cidades do Brasil e do mundo. Embora esse portfólio de memes também reúna referências mundiais mais amplas, a curadoria feita privilegia a repercussão e viralização de eventos climáticos extremos que aconteceram no Brasil exclusivamente no período de construção da presente tese.



Fonte: Colagem feita por Laryssa Owsiany que mescla notícias de jornal com imagens reproduzida do X (antigo twitter) e frames de vídeos divulgados no Tik Tok.

Manaus liderou o ranking que mede a poluição do mundo por conta da insalubridade do ar em 2023 (Metrópoles, 2023) Cerca de um ano depois, a extrema seca e a fumaça das

<sup>17</sup> Este é um exemplo de reportagem que ficou absolutamente falhada quando o twitter foi bloqueado no Brasil. Como ela utilizava referências da rede social, os exemplos que foram linkados na matéria que antes redirecionavam para o X desapareceram, restando quadros brancos e imagens com erros.

queimadas, fizeram com que outras três capitais do Brasil (Rio Branco (AC), Porto Velho (RO) e São Paulo (SP), fossem noticiadas como tendo o “pior ar do mundo” por vários dias seguidos. (O Globo, 2024)

## OMS reduz limites para poluição do ar; Brasil não cumpre nem os padrões anteriores

### Cidades do Brasil têm pior ar do mundo: os prejuízos ao corpo e à mente e como se proteger

Fonte: Manchetes de notícias disponíveis respectivamente no G1 (2021a) e na BBC (2024)<sup>18</sup>



Fonte: Colagem com imagens reproduzidas do Instagram na primeira quinzena de setembro de 2024. A ilustração é de @artivistha.

Outro exemplo documentado, foi a seca que tornou visível as chamadas “pedras da fome” em 2022. A inscrição mais antiga encontrada na bacia do rio Elba (que nasce na República Tcheca, corre pela Alemanha e deságua no Mar do Norte) data de 1616 e está em alemão. Ela diz *wenn du mich siehst, dann weine*, que pode ser traduzido para o português como "se você me vê, chore" (BBC, 2022). De modo semelhantes, em 2023 no Brasil, pinturas rupestres apareceram em

<sup>18</sup> Os conteúdos completos estão disponíveis em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/09/27/oms-reduz-limites-para-poluicao-do-ar-brasil-nao-cumpre-nos-padroes-anteriores.ghtml> e <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c8vn304r633o> Acesso em: 05 nov 2024

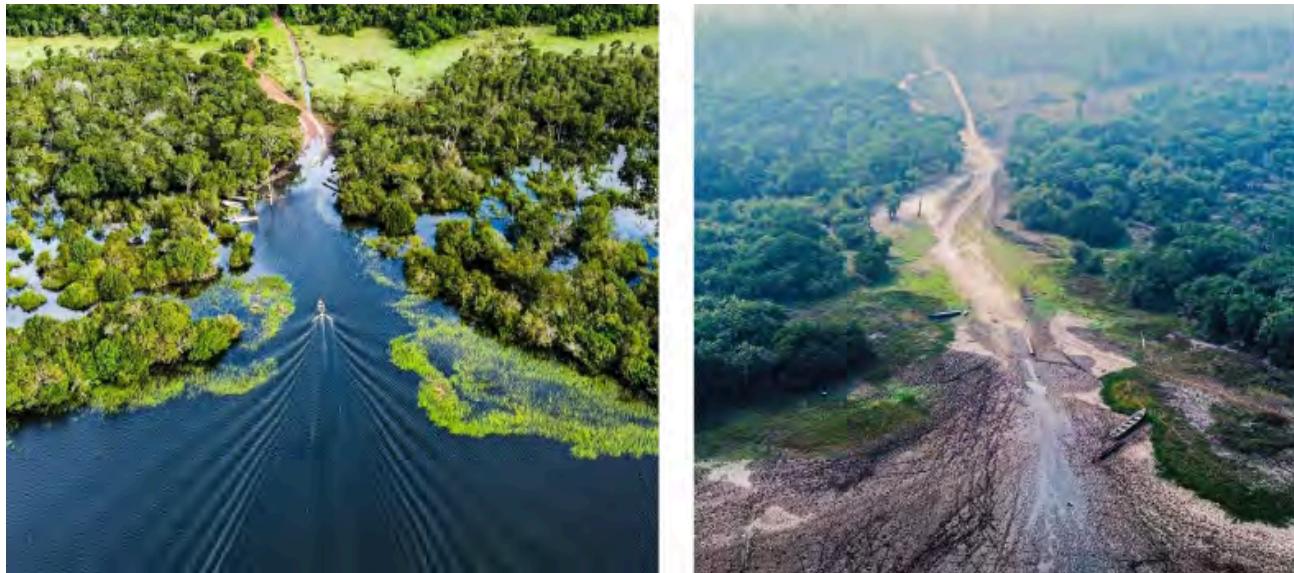
meio a seca do Rio Negro e imagens impressionantes de rios desaparecendo seguem viralizando de forma frequente.



Fonte: Colagem feita por Laryssa Owsiany a partir de imagens reproduzidas do Instagram.



Fonte: Colagem feita por Laryssa Owsiany a partir de imagens do Rio negro em outubro de 2023 reproduzidas do Instagram. A fotografia da esquerda é de autoria de @araquemoficial.



Fonte: Lagoa da Aldeia Piyulaga, do povo Wauja, na região do Alto Xingu retratada pelo comunicador indígena @piraarte.w respectivamente em março de 2024 e setembro de 2024. Reprodução: Instagram<sup>19</sup>.

## Enchentes históricas, secas severas, biomas em risco: como as mudanças climáticas extremas ameaçam o Brasil

Fonte: G1 notícias, 2024a.

## Brasil é líder em deslocamentos internos por desastres climáticos

Fonte: Jornal da Unicamp, 2024

Os estudos que divulgam que Belém será a segunda cidade mais quente do mundo em 2050<sup>20</sup> atrás apenas de Pekanbaru na Indonésia (Canaltech, 2023); vários registros sobre a preocupação desencadeada por flores nascendo na Antártida (Sigma Earth, 2025); as notícias recorrentes de que o Brasil é líder em deslocamentos internos por desastres climáticos, e Recife como um dos lugares mais vulneráveis a crise climática no mundo são apenas alguns outros exemplos do que esse portfólio reunia.

<sup>19</sup> As fotos originais estão disponíveis em: [https://www.instagram.com/p/C\\_03s95P3uE/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/C_03s95P3uE/?img_index=1) Acesso em: 04 nov. 2024

<sup>20</sup> Os estudos foram realizados pela ONG Carbon Plan em colaboração com o Jornal The Washington Post.

Mar vai 'engolir' Recife? Entenda por que cidade é a capital brasileira mais ameaçada pelas mudanças climáticas

**Quem não está em pânico, não está entendendo**

Brasil

**Fumaça, poluição e seca:  
Manaus amanhece com o pior ar  
do mundo**

**BRASIL É LÍDER EM  
DESLOCAMENTOS  
INTERNOSS POR  
DESASTRES CLIMÁTICOS**

Flores começaram a florescer na  
Antártica e especialistas dizem  
que isso não é nada bom

**BELÉM DEVE SER A 2ª CIDADE  
MAIS QUENTE DO MUNDO**

Fonte: Colagem feita por Laryssa Owsiany que mescla notícias com imagens que foram reproduzidas do instagram.



Fonte: Reprodução Instagram @climainfo<sup>21</sup>

Chuvas torrenciais atingiram Petrópolis- região serrana do Rio de Janeiro em 2022, São Sebastião - no litoral de São Paulo em 2023, e o Rio Grande do Sul foi devastado em maio de

<sup>21</sup> Considerada um ícone do aquecimento global, há muitas versões similares da mesma imagem que retrata um urso polar em cima de um bloco de gelo derretendo, não sendo possível identificar a original. Já, as muitas fotografias do Cavalo Caramelo ilhado no telhado da cidade de Canoas foram registradas durante as inundações no estado do Rio Grande do Sul em maio de 2024.

2024 - ocasião em que 463 dos seus 497 municípios sofreram inundações. Vale ressaltar que estes três casos brasileiros estão destacados aqui apenas pela repercussão nacional e cobertura midiática, entretanto infinitos outros episódios extremos semelhantes ocorrem sem que isso seja televisionado.<sup>22</sup>

Por fim, um último destaque sobre o qual me dediquei em mapear consistia nos discursos que viralizavam a partir do pressuposto que o problema do mundo não é o sistema capitalista em que vivemos, é o ser humano. Afinal, “tem gente demais no planeta”. De modo semelhante ao vilão dos vingadores retratado anteriormente, a colagem abaixo apresenta um compilado de reportagens de ampla repercussão nos últimos anos, posicionamentos estes que ganharam proporções radicais a exemplo do que começou a ser chamado de EcoFascismo. O termo é definido pelo historiador ambiental Michael E. Zimmerman (2004) como um governo totalitário que exige que os indivíduos sacrificuem seus interesses pelo bem-estar da ‘terra’.

**Controle de natalidade pode combater mudanças climáticas, diz cardeal próximo ao papa**

**Contracepção é ação mais barata contra aquecimento global, diz estudo**

**Não ter filhos, da opção ao dever**

**Pessoas pobres não deveriam ter filhos?**

**ONG propõe 'menos filhos' contra aquecimento global**

**Mulheres abrem mão da maternidade por temer o colapso do planeta**

Fonte: Colagem feita por Laryssa Owsiany a partir de manchetes de notícias da BBC (2007), O Globo (2024), Terra (2015), Gazeta do Povo \*2022) e ElaEle (2023) que viralizaram sobre o tema.

Em uma postagem no instagram de grande repercussão, Lana de Holanda Pelech<sup>23</sup> afirma que o Ecofacismo vem fantasiado de uma ideia progressista, para atrair os mais jovens.

<sup>22</sup> Eu tenho mais experiências pessoais do que eu gostaria quando o assunto são enchentes. Somente durante o período do doutoramento, precisei largar tudo e voltar para Minas Gerais três vezes para literalmente ajudar a desatolar minha família da lama.

<sup>23</sup> Ver mais em: [https://www.instagram.com/p/ClD4cB3rQWz/?img\\_index=2](https://www.instagram.com/p/ClD4cB3rQWz/?img_index=2) Acesso em: 25 out. 2024

Promovendo a ideia de que o que deve ser combatido não é o sistema capitalista e o neoliberalismo, mas sim o próprio homem. E, não qualquer homem, mas sim os pobres, os que vivem em países periféricos, os migrantes e refugiados, os deficientes, as mulheres, as “minorias” sociais e étnicas. De acordo com uma reportagem do DW (2022), pelos menos 3 massacres recentes ligados à extrema direita utilizavam como argumento, a preocupação ambiental.

Uma série de obras de artes começaram a ser atacadas em museus na Europa por “ativistas do clima”<sup>24</sup>, ações estas que foram responsáveis por popularizar o debate sobre ecofacismo na internet. Grupos como o Just Stop Oil e o Letzte Generation são os mais proeminentes e as performances são transmitidas e divulgadas pelas redes oficiais dos próprios movimentos.



Fonte: Colagem feita por Laryssa Owsiany que mescla imagens das ações/performances feitas por dois grupos o Just Stop Oil e o Letzte Generation. Reprodução: Instagram

## Crises

Beatriz Corrêa, minha amiga e parceira de grupo de pesquisa, me enviou um *podcast* sobre ansiedade climática que foi fundamental para as reflexões que desenvolvo aqui. Bem no início do programa, os psicanalistas André Alves e Lucas Liedke, apresentadores do 'Vibes em Análise', avisam:

<sup>24</sup> Exemplos disso são um quadro de Van Gogh e outro de Gustav Klimt: No link a seguir é possível assistir o vídeo da performance que foi transmitido pela própria organização Just Stop Oil: <https://www.npr.org/2022/11/01/1133041550/the-activist-who-threw-soup-on-a-van-gogh-explains-why-they-did-it> e <https://www.estadao.com.br/cultura/artes/quadro-de-van-gogh-e-atacado-com-sopa-por-ativistas-em-roma/> Acesso em: 25 out. 2024

esse não é um episódio sobre pornografia da catástrofe em que a gente vai ficar só falando de números, de casos e de fatos muito assustadores que deixam a gente extremamente deprimidos ou até apáticos. Mas esse também não é um episódio de vai ficar tudo bem. (Vibes em análise, 2023)

O trecho acima resume absolutamente bem a proposta desta tese. O podcast debate o surgimento de um 'novo vocabulário do sofrer': eco ansiedade, eco culpa, eco psicologia, luto ecológico, solastalgia, preocupação biosférica, traumas climáticos, ecofobia e, o que dá nome ao episódio, ansiedade climática<sup>25</sup>. Assim como no episódio, minha pesquisa reflete muitas crises, uma delas consiste exatamente no desafio de não torná-la uma “espetacularização da catástrofe” e ao mesmo tempo não deixar que se tornasse “meio Poliana”, otimista demais. Em outros termos,

acreditamos não estar exagerando ao dizer que o Antropoceno, ao nos apresentar a perspectiva de um “fim do mundo” no sentido mais empírico possível, o de uma mudança catastrófica das condições materiais de existência da espécie, vem suscitando uma autêntica angústia metafísica. (Danowski; Viveiros De Castro, 2017, p.48)

Em meio a muita angústia metafísica e cheia de ansiedade climática fui negociando os meus próprios limites. Ao revisitar meus diários, encontrei diversas anotações que refletiam acerca do conceito de crise, observações inclusive datadas de antes mesmo da pandemia do Coronavírus. Fui surpreendida com a quantidade de vezes em que encontrei essa palavra mencionada ao longo do tempo, em diferentes contextos e sob muitas perspectivas: crise planetária, cognitiva, climática, ecológica, econômica, financeira, afetiva e política são apenas alguns dos adjetivos que perseguiram o que eu apelidei posteriormente de minha crise etnográfica.

As ‘crises’ sejam elas ambientais ou humanitárias são capazes de aprofundar ainda mais desigualdades sociais latentes na sociedade.

Bairros periféricos se tornam ilhas de calor e/ou áreas alagáveis, em contraste com outros espaços da cidade. Epidemias, doenças respiratórias e mentais atingem, de forma seletiva, as populações mais pobres e sobrecarregam os sistemas públicos de saúde. Além disso, prejuízos na produção de alimentos encarecem a cesta básica e agravam a insegurança alimentar. Exaustão climática, escassez e fome tornam inviável a vida em vastas regiões do planeta, provocando deslocamentos e migrações forçadas. A presença massiva de refugiados climáticos, obrigados a deixar seus países de origem, traz para o centro do capitalismo a pobreza e a suspensão dos direitos humanos que o colonialismo racial havia represado, pela força ideológica e das armas, nas periferias do sistema. Esse horizonte de imprevisibilidade ambiental e de vulnerabilidade de todos os viventes, humanos e

---

<sup>25</sup> O episódio completo está disponível em: <https://floatvibes.substack.com/p/refs-34-ansiedade-climática> Acesso em: 04 nov. 2024.

não humanos, incide profundamente na gramática, na prática e nos discursos religiosos e espirituais em todo o planeta. (Carvalho; Steil, 2024, p.2)

Recorro aqui à Daniel Miller (2020) e sua palestra<sup>26</sup> sobre como conduzir etnografias durante o isolamento social. Nela, o antropólogo afirma que a metodologia de qualquer trabalho é algo que se aprende ao longo dele e não algo com que se começa uma pesquisa. Para o autor, houve um declínio na sensibilidade ética nos últimos anos e a razão disso está no aumento da ética burocrática pautada em formulários, comitês etc. Em sua opinião, “ética é não prejudicar as pessoas. O que elas entendem por privacidade, quais são suas preocupações, deve vir delas mesmas, mais do que da burocracia” (Miller, 2020).

Conduzir pesquisas no campo da antropologia [não só online e não só durante a pandemia] pode causar situações em que “haja ansiedade, depressão, talvez abuso, certamente claustrofobia. O ético é realmente buscar ter certeza de que você se porta de modo sensível a isso no seu envolvimento com as pessoas” (Miller, 2020). A presente tese carrega consigo diversos sentimentos, emoções e obstáculos, os quais não serão silenciados ao longo dos capítulos. Pelo contrário, é a partir desses elementos que as reflexões das páginas seguintes se desdobram.

## Pandemias/Pandemônios

No Brasil, a pandemia de COVID-19 teve o primeiro caso confirmado na cidade de São Paulo em 26 de fevereiro de 2020. Menos de um mês depois, o Ministério da Saúde declarou estado de transmissão comunitária em todo o território nacional. E foi somente no dia 05 de maio de 2023, três anos depois que a Organização Mundial de Saúde (OMS)<sup>27</sup> decretou o fim da emergência global. Em números ‘oficiais’ estima-se que nesse período 7 milhões de pessoas morreram no mundo, mas há inúmeras subnotificações e essas proporções são ainda maiores.

Ao olhar em retrospecto, partes desta tese foram escritas enquanto eu mesma estava contaminada pelo vírus. Meu isolamento em junho de 2021, coincidiu com o momento em que o Brasil atingiu 115 mil novos contágios<sup>28</sup> em apenas 24 horas - assustada, inseri essa observação em uma nota de rodapé do material que foi enviado para a banca de qualificação. Vários recordes

<sup>26</sup> Palestra completa disponível também em vídeo no Youtube [https://www.youtube.com/watch?v=NSiTrYB-0so&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?v=NSiTrYB-0so&feature=emb_logo). Acesso em: 13 ago. 2024

<sup>27</sup> Ver mais em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2023/05/oms-declara-o-fim-da-emergencia-de-saude-global-da-pandemia-de-covid-19> Acesso em: 13 ago. de 2024.

<sup>28</sup> Uma notícia sobre o ocorrido pode ser encontrada em: <https://www.metropoles.com/brasil/com-115-mil-infectados-pais-bate-recorde-de-casos-por-covid-em-24h/>. Acesso em: 13 ago. de 2024.

como este foram sendo quebrados dia após dia, e esse número chegou a quase 220 mil novos<sup>29</sup> casos em um único dia em janeiro de 2022. As anotações nos meus diários de campo abrangem por exemplo, a busca pela vacina. Frases soltas que, originalmente, eram memes também ajudam a contextualizar este material como por exemplo os “e-mails da pfizer não respondidos”<sup>30</sup>.

Ao contrário de algumas posições acadêmicas, o tempo em suspenso representou o oposto de recordes de produtividade em minha vida. A verdade é que eu poderia escrever sobre tudo que não escrevi durante a pandemia. A perda do olfato e do paladar durante a contaminação, por exemplo, poderiam ter rendido artigos que revisitasse os debates sobre antropologia sensorial presentes em minha pesquisa de mestrado (Owsiany, 2019), ou poderia ter escrito sobre a viralização da concepção de que a Natureza estava tomando de volta o que é seu por direito, se vingando dos humanos<sup>31</sup>, assunto tão presente nos debates apocalípticos que permeavam minhas interlocuções.

É difícil mensurar o impacto que a pandemia causou em minha trajetória acadêmica e apesar de ela permear muitas dessas anotações o tema nunca foi o foco central de minhas pesquisas. A emergência global de Coronavírus, foi constantemente mencionada e debatida no X (antigo twitter) como uma “perfeita analogia com as mudanças climáticas”. Tal argumentação era mobilizada para afirmar que o momento em que se torna óbvio que as pessoas precisam tomar ações efetivas é o momento em que já é tarde demais.

A primeira lição do coronavírus é também a mais espantosa. De fato, ficou provado que é possível em questão de semanas, suspender, em todo o mundo e ao mesmo tempo, um sistema econômico que até agora nos diziam ser impossível desacelerar ou redirecionar. A todos os argumentos apresentados pelos ecologistas sobre a necessidade de alterarmos nosso modo de vida, sempre se opunha o argumento da força irreversível da “locomotiva do progresso”. (Latour, 2020, p.127)

<sup>29</sup> Uma notícia sobre o ocorrido pode ser encontrada em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/01/26/em-24-horas-brasil-registra-606-mortes-e-quase-220-mil-casos-conhecidos-de-covid-numero-recorde.ghtml> Acesso em: 13 ago. de 2024.

<sup>30</sup> Um dos memes brasileiros de maior repercussão aconteceu durante o meu período de isolamento restrito. A criação do humorista Esse Menino pode ser vista em: <https://www.youtube.com/watch?v=rWj9meqOQrM>. Acesso em: 13 ago. de 2024.

<sup>31</sup> Esse intenso debate nas redes sociais era estimulado através de notícias que mostravam por exemplo, que o Himalaia ficou visível pela primeira vez em 30 anos para moradores do norte da Índia devido à redução da poluição causada pela quarentena (<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/04/10/com-poluicao-reduzida-durante-quarentena-himalaia-volta-a-ser-visivel-na-india>) imagens da Nasa foram divulgadas mostrando que a poluição na China também havia diminuído radicalmente (<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51699211>) O site Conexão Planeta (<https://conexaoplaneta.com.br/blog/cisnes-e-peixes-voltam-aos-canais-de-veneza-patos-a-roma-e-golfinhos-a-sardenha-com-a-quarentena-do-coronavirus-na-italia/#fechar>) publicou uma matéria que mostrava que cisnes e peixes voltaram aos canais de Veneza com águas azuis e cristalinas, patos retornaram à Roma e golfinhos à Sardenha. Acesso em: 13 ago. de 2024.

**Com temperatura de mais de 50°C, peregrinação a Meca tem mais de 1.000 mortos por calor**

**Estudos preveem aumento de 30 milhões de mortes até o final do século por mudanças no clima**

**Mortes por calor extremo devem quintuplicar até 2050, diz estudo**

Fonte: Colagem feita por Laryssa Owsiany a partir de reportagens veiculadas respectivamente no G1 (2024c), Uol (2023) e Revista Fórum (2024a)

A proposta de documentar o que acontecia ao meu redor enquanto tentava escrever a tese por um tempo ficou centralizada em notícias sobre o coronavírus, em outro focada nos recordes de eventos climáticos extremos e por fim no caso Braskem. À primeira vista podem parecer assuntos completamente diferentes, mas há algo comum entre todos eles: o desafio de lidar com a imprevisibilidade de um campo etnográfico em movimento cheio de reviravoltas.

Uma reportagem publicada no G1 (2024) meio ambiente apresentou um conjunto de gráficos alarmantes sobre o derretimento das calotas polares, sobre o consumo global de combustíveis fósseis, anomalias de temperatura e listou os recordes quebrados mês a mês em um intervalo de cerca de apenas um ano.

- Primeiro, o planeta registrou em 2023 o mês de **junho mais quente da história - até então.**
- Depois, a marca foi sendo quebrada a cada novo mês: **julho, agosto, setembro, outubro**, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho de novo e agora agosto.

- Além disso, o número de dias que **ultrapassou o limiar de aquecimento politicamente significativo de 1,5°C** já atingiu um novo máximo;
- E, para piorar, pela 1<sup>a</sup> vez, o mundo registrou um dia com a **temperatura média global 2°C acima da era pré-industrial**.
- **Fora tudo isso, julho de 2023 foi tão quente que pode ter sido o mês mais quente em 120 mil anos**, enquanto as temperaturas médias de setembro quebraram o recorde anterior em 0,5°C.

Reprodução: G1 Meio Ambiente, 2024.

Reitero aqui o quanto foi importante começar a olhar para este material imagético como parte constitutiva desta pesquisa. É claro que em âmbitos mais gerais, diversos outros marcos importantes poderiam ser listados e ilustrados. Entretanto, o objetivo aqui não é fazer uma retrospectiva climática do que acontecia ao meu redor, enquanto essa pesquisa estava sendo desenvolvida. Talvez esse tenha sido o motivo inicial pelo qual eu comecei a acumular tais registros: porque eles me pareciam “eventos críticos”, rupturas na vida ordinária. (Das, 1995). A verdade é que eles viraram tão corriqueiros que o mundo começou a se acostumar a “habitar a devastação”. Não só o conceito de evento crítico, mas toda a obra de Veena Das (1995) é essencial na construção reflexiva de meu modo de pensar/fazer antropologia. Me interesso particularmente sobre o modo como a autora discute a reconstrução cotidiana da vida após os eventos extremos.

No interlúdio intitulado “Ocupe as ruínas”, Anna Tsing (2019) defende que:

Ocupar é dedicar-se ao trabalho de viver juntos, mesmo onde as probabilidades estejam contra nós. É recusar - e também se recuperar. Se quisermos viver, devemos aprender a ocupar até os espaços mais degradados da vida na Terra. Nossa raiva é necessária. Sem isso, nós definhamos. (Tsing, 2019, p.87)

\*\*\*

Estou ciente de que proponho metodologias e fontes etnográficas que seriam consideradas por muitos arriscadas e até mesmo “não científicas”. Decido abrir a caixa de ferramentas de como se constrói uma pesquisa e não esconde os bastidores, descrevo tudo o que dá errado, o que eu sinto quando estou escrevendo e também os vários caminhos alternativos que foram percorridos

para que esta tese se coloque de pé. Procuro demonstrar como um percurso etnográfico não é linear e como conceitos são desconstruídos e reinventados a partir do diálogo com interlocutores.

E por interlocução é preciso explicitar que nesta pesquisa não há hierarquização de referências. Contribuições analíticas importantes não vieram somente de livros teóricos e pesquisa em arquivos. Inspirações significativas brotaram de filmes, livros de ficção, séries, músicas, podcasts, conversas com motoristas de aplicativo e memes.

A pandemia de COVID-19 intensificou a produção de conhecimento mediada por plataformas digitais tornando imprescindível a criação de novas normas acadêmicas para a citação de *lives*, podcasts, áudios de whatsapp, palestras e diversos outros mecanismos de pesquisa e registro realizados por intermédio de redes sociais. Nunca me esqueço da cerimônia de abertura da 32<sup>a</sup> Reunião Brasileira de Antropologia onde o antropólogo Sérgio Carrara menciona que aquele congresso seria realizado na “cidade da internet”. Desde então, toda vez que preencho atividades remotas no lattes dou algumas risadas ao elaborar termos para preencher os campos: local e cidade. Videoconferência, Plataforma zoom, evento online, Youtube, Google Meet, Microsoft Teams, reunião remota são apenas alguns dos “lugares” que já utilizei.

A antropóloga Carol Parreiras foi minha professora em um curso de antropologia digital oferecido pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) durante a pandemia. Em suas aulas, fazíamos alguns intervalos baseados em um estudo divulgado naquela época que mostrava como regiões do nosso cérebro ficavam vermelhas após algumas horas seguidas em videoconferências.<sup>32</sup> O termo ‘zoom fatigue’ foi se popularizando cada vez mais e os artigos em tom alarmante na área da *ciberpsicologia* e da saúde de modo geral indicavam consequências graves dos novos hábitos. Alguns manuais acabaram surgindo para amenizar a sensação do “espelho constante”, da “redução da mobilidade natural” e também alertar sobre o aumento da carga cognitiva.. A necessidade de passar filtro solar por conta do envelhecimento causado pelas telas, os zunidos e a audição conturbada pelas inúmeras horas de fone de ouvido, e a capacidade de estar em mais de um lugar ao mesmo tempo eram alguns dos assuntos criticamente debatidos por especialistas.

Nesse cenário, é crucial que pesquisas futuras reconheçam o impacto dessas tecnologias digitais, não apenas como ferramentas de comunicação, mas como elementos indissociáveis do cotidiano e da vida acadêmica, desempenhando assim um papel fundamental na popularização de debates que antes pertenciam a círculos bem mais restritos. A rápida disseminação de informações nas redes sociais, aliada à capacidade de registrar imagens e vídeos de eventos climáticos

---

<sup>32</sup> Videochamadas são uma usina de exaustão e estudo mostra o motivo. Matéria completa disponível em: <https://link.estadao.com.br/noticias/cultura-digital/videochamadas-sao-uma-usina-de-exaustao-e-estudo-mostra-os-motivos.70003646089> Acesso em: 18 fev. 2022.

extremos diretamente de celulares, sem depender da mediação das reportagens tradicionais, faz com que o alcance dessas narrativas seja ampliado exponencialmente.

Temperaturas com sensação térmica superior a 60ºC, o uso de máscaras fora do contexto pandêmico devido à poluição do ar, invernos rigorosos, refugiados ambientais, secas extremas e chuvas torrenciais tornaram-se cada vez mais frequentes e atravessam o espaço-tempo de construção desta tese. O mergulho nesse universo de pesquisa instável-climático me conduziu por caminhos que me levaram até Maceió - assunto sobre o qual posso voltar a falar mais diretamente agora.

## CAPÍTULO I - MACEIÓ AFUNDA EM LÁGRIMAS



Fonte: Reprodução Facebook, 2024.

A pesquisa que resultou no texto deste primeiro capítulo apresentou inúmeros desafios. As informações que estão organizadas de forma inteligível foram chegando de forma absolutamente fragmentada e caótica, o que hoje, interpreto como parte do modus operandi da Braskem. Para que fosse possível literalmente ligar os fatos, uma das paredes da minha casa se transformou em um clichê de filmes de investigação policial. *Post-its* coloridos, cronologias confusas e informações contraditórias deixavam explícito as zonas cinzentas do caso. Demorei um pouco para me dar conta de que na verdade, este capítulo apresenta a reconstituição da cena de um crime. Um não, vários.

Até meados de 2022 aproximadamente 15 mil residências foram destruídas, uma área de 300 hectares, quase 5 mil empreendedores que, além de perderem sua renda, foram obrigados a demitir mais de 20 mil trabalhadores. Aproximadamente 60 mil moradores foram expulsos sem saber quando, onde e como vão recomeçar suas vidas. Os locais que os maceioenses já se acostumaram a chamar de “bairros fantasmas” são cenários distópicos de uma acelerada degradação. Das casas abandonadas os antigos moradores levaram portas, telhas, vidraças, pisos e tudo que pudesse ter algum valor. Operários pagos pela Braskem passaram então a lacrar com concreto os imóveis que agora pertencem à empresa. Tudo sob um forte

sistema de vigilância e segurança privada 24 horas por dia. (Histórias do Subsolo<sup>33</sup>)

Paulo Simões (2023) chama a atenção para o fato de que qualquer tentativa de sistematizar dados do caso Braskem “se configura num minucioso e demorado trabalho de juntar informações espalhadas que na sua maioria, deveriam ser públicas e estar disponíveis nos sítios digitais da Braskem e do MPF.” (Simões, 2023, p.91). Os primeiros feedbacks que eu tive da leitura deste trabalho pontuavam que eu deveria ficar atenta ao modo como iria organizá-los textualmente, visto que como eu fui descobrindo os fatos gradualmente isto poderia deixar o leitor perdido na narrativa.

Eu não estava tentando bancar a Agatha Christie<sup>34</sup> e trazer para minha escrita, elementos literários clássicos de um romance policial cheio de suspense. Eu realmente precisei lidar com muitos paradoxos e uma enorme confusão cronológica. A cada nova pista, parecia que eu estava mais longe de solucionar essa trama. O esforço de sistematização e organização abaixo é apenas uma das narrativas possíveis, para se contar a história do maior crime corporativo socioambiental em curso em área urbana no mundo.

## 1.1 A terra tremeu no Pinheiro

Uma reportagem<sup>35</sup> do jornal local “AL TV 2<sup>a</sup> edição” no dia 03 de março de 2018 apresenta as ruas do bairro do Pinheiro em Maceió tomadas por pessoas que procuravam entender o que estava acontecendo, sem saber se era seguro ou não retornar para suas casas. Um tremor de magnitude 2,5 na Escala Richter atingiu a região e assustou os moradores. Naquele momento, a Defesa Civil que estava no local concedeu uma das entrevistas à televisão afirmando que já havia entrado em contato com universidades brasileiras para tentar identificar a causa das rachaduras nos imóveis e das crateras que se abriram no chão. O nome da Braskem ainda não era sequer mencionado como suspeito.

A Braskem S. A. é hoje a maior petroquímica do Brasil e a sexta maior petroquímica do mundo. A empresa tem mais de 40 unidades industriais – no Brasil, Estados Unidos, Alemanha e México – e emprega 8 mil trabalhadores em 11 países. Sua produção é focada nas resinas polietileno (PE), polipropileno (PP) e

<sup>33</sup> O projeto Histórias do subsolo promove uma experiência imersiva no caso. Para saber mais: <https://historiasdosubsolo.org/> Acesso em: 27 out. 2024

<sup>34</sup> Agatha Christie (1890-1976) foi uma escritora britânica amplamente reconhecida como uma das maiores autoras de romances de mistério e ficção policial de todos os tempos. A referência à ela foi puramente afetiva, passei grande parte de minha adolescência sendo leitora de suas obras.

<sup>35</sup> Vídeo disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6549686/> Acesso em: 05 mar. 2024

policloreto de vinila (PVC), além de insumos químicos básicos como eteno, propeno, butadieno, benzeno, tolueno, cloro, soda e solventes, entre outros. (Relatório Final - CPI da Braskem, 2024, p.100)

Muito se especulou sobre a possível causa do tremor. Abel Galindo, professor aposentado da UFAL, engenheiro especialista em Geologia e Geotécnica relata em reportagem ao Metrópoles (2021a) que alguns dias após o tremor aconteceu uma reunião no Conselho Regional de Engenharia que contava com cinco expositores, quatro deles defenderam que o ocorrido não tinha nada a ver com as minas e ele foi chamado de louco por ter sido o único a acusar a Braskem desde o primeiro momento. Apesar de na época ainda não ser possível atestar a relação dos eventos com a atividade de mineração, o primeiro inquérito para apuração da possível conexão do tremor com a exploração de sal-gema foi instaurado poucos meses depois, em maio de 2018.



\*Frame de “A Braskem também passou por aqui: A tragédia dos Flexais”. Documentário de Carlos Pronzato (2023).

Abel Galindo afirma nesta mesma entrevista que teve acesso a cálculos sobre a resistência das rochas mostrando que o diâmetro admissível para as minas seria de 53 metros e o diâmetro de ruptura, 70 metros, porém a Braskem cavou minas com mais de 100 metros diâmetro, e muito próximas umas das outras. “Algumas se juntaram em buracos onde caberia o estádio do Maracanã”. O fato é exemplificado na imagem acima, onde é possível visualizar 29 círculos que correspondem às 35 minas, algumas delas se tornaram uma coisa só. O que assustadoramente também confirma a frase repetida pelos ativistas de que “o solo de Maceió é como um queijo suíço”.

Em dezembro de 2018, o Serviço Geológico do Brasil (SGB) já sugeria a necessidade da criação das primeiras rotas de fuga. De acordo com uma reportagem veiculada pelo G1, simulações chegaram a ser realizadas com o objetivo de ensaiar “ensaiar o esvaziamento do bairro no menor tempo possível” (G1, 2019)



Fonte: Colagem feita com placas de rota de fuga localizadas em diferentes bairros de Maceió. Fotografias de Laryssa Owsiany.

Contudo, a confirmação de que o tremor tinha relação direta com a atividade de mineração realizada na cidade desde a década de 70 só veio em maio de 2019, quando o Serviço Geológico Brasileiro divulgou a interferometria<sup>36</sup> do caso.

O SGB apresentou a conclusão dos estudos realizados no local, intitulados “Estudos sobre a Instabilidade do Terreno nos Bairros Pinheiro, Mutange e Bebedouro, Maceió (AL)”, assinado por mais de 50 (cinquenta) especialistas. Por meio do referido documento, o SGB concluiu, por meio de diversos instrumentos, que a subsidência existente na região tinha relação direta com a atividade minerária realizada pela BRASKEM, nos seus 35 poços de extração de sal-gema. (CPI da Braskem, Relatório final, 2024, p.564)

<sup>36</sup> Estudo geológico cujo objetivo é interpretar os dados para geração de mapas previsionais a movimentos de massa e afundamentos de terreno, com a finalidade de antecipar ações preventivas relacionadas aos desastres resultantes de processos geológicos.

Posteriormente a Braskem afirmou que o CPRM<sup>37</sup> tirou conclusões precipitadas e o tremor de terra teve “causa natural”, como demonstra a matéria publicada no TNH1 (2019). Conforme pontuado por Zuber et. al. (2000 apud Relatório Final CPI Braskem, 2024), “os acidentes com minas de sal, embora frequentes, não são devidamente descritos na literatura e, por consequência, permanecem sendo associados a “uma força inevitável da natureza”.

Desde o início, na maioria dos documentos internos e comunicados oficiais emitidos pela empresa, o afundamento do solo é tratado como um “evento geológico”<sup>38</sup>. Por este motivo, reafirmo que nesta tese ele será tratado sobretudo como um crime corporativo socioambiental em curso; o maior já registrado em área urbana no mundo.



*Fonte: Fotografia de Laryssa Owsiany*

A Braskem é autora do maior crime corporativo socioambiental, em curso e no planeta; porém segue sem qualquer responsabilização penal. Sequer foi obrigada a assumir publicamente a autoria do desastre, segue tratando-o como decorrência de um fenômeno geológico. (Simões, 2023, p.71)

<sup>37</sup> Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais.

<sup>38</sup> Ver mais em: <https://www.braskem-ri.com.br/divulgacoes-documentos/alagoas/> Acesso em: 05 mai. 2024

A área desocupada desde 2018 é equivalente a 78 campos de futebol (Estadão, 2020), e a cratera aberta em novembro de 2023 pela mina 18 sobre a qual trataréi mais adiante comporta em média o volume de água de mais de 11 piscinas olímpicas (Folha de Alagoas, 2024). O Movimento dos atingidos pela mineração (MAM) calcula que mais de 200 mil pessoas foram afetadas indiretamente pelo caso (Brasil de Fato, 2023).

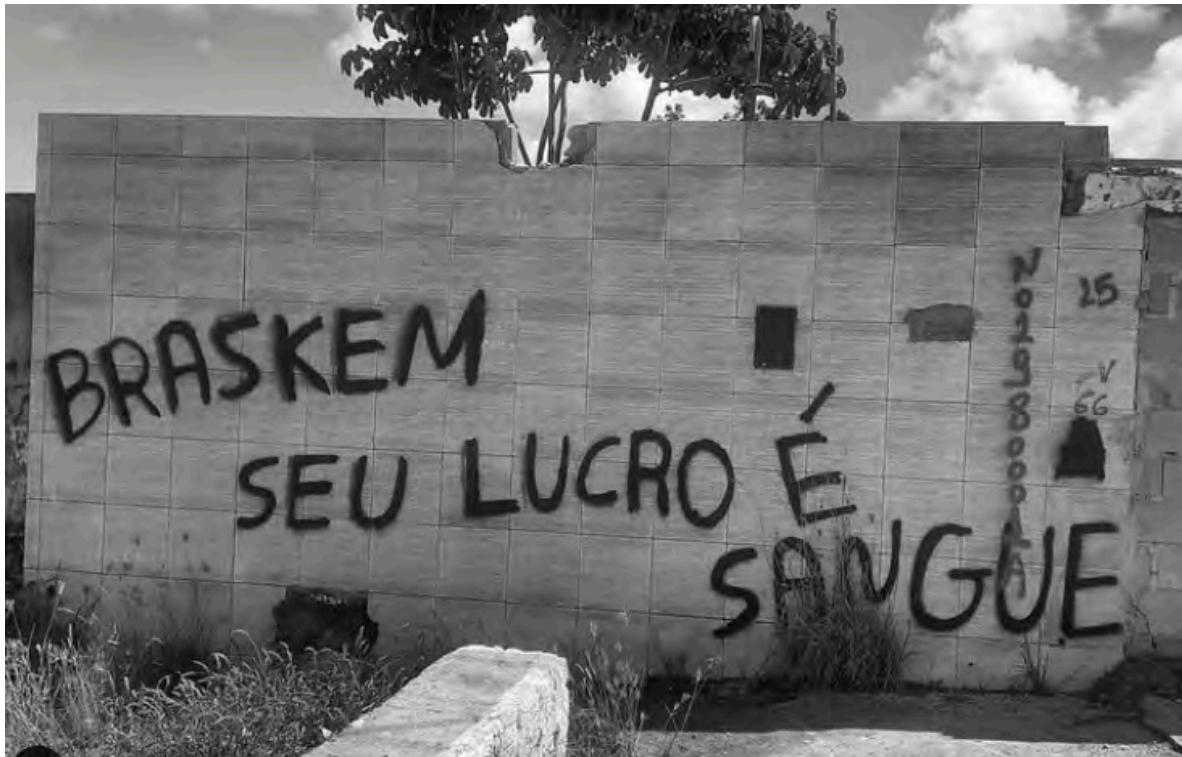
Os serviços de trens, Veículos Leves sobre Trilhos (VLTs) e ônibus, que circulavam em trechos dos bairros afetados, também foram suspensos por tempo indeterminado, prejudicando a circulação de milhares de pessoas (G1, 2020) Essas são descrições que talvez ajudem em um exercício imaginativo das proporções da catástrofe mas, afirmo sem sombra de dúvidas que há muita subnotificação em todos os dados que aqui serão apresentados. “Não há por parte da Braskem ou Defesa Civil um acompanhamento sobre o destino dos moradores, considerando que após o recebimento do valor de indenização o morador deve por conta própria procurar uma propriedade” (Souza, 2024, p.31)

Ao refletir sobre a combinação entre crime, impunidade e rentabilidade, Julio Carvalho (2024)<sup>39</sup> nos mostra que o conglomerado fechou 2023 com um patrimônio líquido de R\$ 3,2 bilhões, figurando como o maior grupo econômico petroquímico da América Latina.

A lucratividade da empresa não foi prejudicada pela tragédia que assola a população de Maceió; ao contrário, o lucro líquido quase quintuplicou de 2018 a 2021. Em 2021, por exemplo, a empresa teve um lucro líquido de R\$ 14 bilhões. Outro dado relevante mostra, ao se abater do montante do lucro, nos últimos 10 anos, os valores correspondentes ao prejuízo (R\$ 3,1 bilhões) e aos aportes para o acordo de compensação (R\$ 1,6 bilhão), que a empresa detém um saldo positivo de R\$ 27,8 bilhões de lucro líquido acumulado, o que corresponde à média de R\$ 2,78 bilhões anuais. A somatória dos recursos provisionados pelo acordo equivale tão somente à metade do prejuízo acumulado pela petroquímica durante o período de dez anos. Além do lucro, com as remoções e indenizações, a empresa está se tornando proprietária de três quilômetros de orla marítima e cerca de 300 hectares de áreas urbanas em Maceió, acumulando um ativo imobiliário, estima-se, que seja da ordem dos R\$ 40 bilhões. (Mansur, Wanderley, 2023, p.13)

---

<sup>39</sup>Julio Carvalho foi meu colega na UFRRJ e possui um importante trabalho sobre a relação da Petrobras com a Ditadura Militar Brasileira. Sua tese está disponível em: [https://www.academia.edu/123490205/Anos\\_de\\_%C3%B3leo\\_sangue\\_e\\_chumbo\\_a\\_Petrobras\\_e\\_a\\_ditadura\\_empresarial\\_militar\\_brasileira\\_1964\\_1988\\_tese\\_de\\_doutorado](https://www.academia.edu/123490205/Anos_de_%C3%B3leo_sangue_e_chumbo_a_Petrobras_e_a_ditadura_empresarial_militar_brasileira_1964_1988_tese_de_doutorado). O texto aqui referenciado intitulado “ O que o crime da Braskem em Maceió tem a ver com a última ditadura brasileira?” foi escrito por ele em uma blog Disponível em: <https://medium.com/@julio.cpc/o-que-o-crime-da-braskem-em-macei%C3%B3-tem-a-ver-com-a-%C3%BAltima-dita-dura-brasileira-fd14e433576e> Acesso em: 29 out. 2024



Fonte: *Cotidiano Fotográfico - Fotografia de Carlos Eduardo Lopes.*

Maíra Mansur e Luiz Jardim Wanderley (2023) são organizadores de uma coletânea que mostra como os desastres de mineração<sup>40</sup> se tornaram eventos recorrentes no Brasil nos últimos anos, com danos e violações de grandes proporções. Porém,

diferentemente dos desastres nas bacias dos rios Doce e Paraopeba na região Sudeste brasileira, a população atingida em Maceió não conta com o direito a uma assessoria técnica independente na construção das condições necessárias à efetiva participação das comunidades nos processos decisórios de reparação e na efetivação de seus direitos. A ausência das condições para participação dos atingidos aprofunda a vulnerabilidade e a assimetria de poder na relação com a corporação. (Mansur, Wanderley, 2023, p.10-11)

Como escolha metodológica, não costumo fazer entrevistas roteirizadas, procuro conversar espontaneamente com praticamente todas as pessoas que cruzam o meu caminho. Por esse motivo, para puxar assunto com desconhecidos, muitas vezes utilizei como ponto de partida o “terremoto” de 2018. Demonstrando interesse nas lembranças daquele dia, perguntava sempre às pessoas sobre o lugar onde elas estavam, se sentiram o tremor; quando perceberam as primeiras rachaduras, se desconfiavam na época que tinha alguma relação com a Braskem etc. Entretanto, muitos relatos

<sup>40</sup> Além da Braskem, são citados os crimes provocados pela Samarco/Vale/BHP Billiton, em 2015, pela Hydro, em 2018, e pela Vale, em 2019.

começaram a bagunçar a linha do tempo. A seguir apresento uma contextualização de diferentes temporalidades dos suscetíveis crimes da Braskem.



*Fonte: Reprodução Instagram - Material colaborativo produzido pela Igreja Batista do Pinheiro e pela Coalizão Evangélicos pelo Clima, 2023.*

O mês de março de 2018 é frequentemente noticiado como o “marco inicial do desastre”, como descrito na reportagem do Portal O Tempo (2023) que destaca cinco pontos principais para compreender o caso. Além disso, é possível encontrar muitas referências a esta data, como o surgimento dos primeiros “danos visíveis”; argumento que talvez seria mais correto dizer que se trata dos primeiros danos visíveis no Pinheiro - um bairro muitas vezes descrito como um local de classe média alta se comparado aos bairros do Mutange e Bom Parto, por exemplo.

Pastor Wellington Santos, um dos principais interlocutores deste trabalho afirma que felizmente o rasgão que se abriu em 2018 foi no meio do bairro do Pinheiro e acabou atingindo parte da elite, pois ele tem certeza que se tivesse atingido primeiro o Mutange, o Saem, bairros mais pobres de Maceió, provavelmente teria demorado muitos mais para o caso vir à tona. Inclusive, durante muito tempo o Ministério Pùblico Federal (MPF) se referia ao ocorrido como Caso Pinheiro/Braskem<sup>41</sup>.

<sup>41</sup> <https://www.mpf.mp.br/grandes-casos/caso-pinheiro/linha-do-tempo> Acesso em: 28 out. 2024

O argumento do Pastor Wellington é corroborado na fala de uma moradora do Bom Parto, que ao relatar o motivo pelo qual não saiu de sua casa, me disse: “Pinheiro vai pra hotel, Bom Parto pra escola!”

As remoções forçadas que resultaram em cerca de 60 mil refugiados ambientais definitivamente não atingiram todos da mesma maneira. Rachaduras, tremores e vazamentos já são visíveis “desde sempre” em outros territórios da cidade.

No debate mais amplo, Malcom Ferdinand (2022) apresenta uma crítica profunda sobre como as questões ambientais estão entrelaçadas com as dinâmicas do colonialismo e do racismo estrutural. Sua defesa de uma ecologia decolonial, propõe uma reconfiguração radical da relação entre meio ambiente e sociedade que rompa com as lógicas capitalistas que afetam desproporcionalmente as pessoas.

Ao menor indício de tempestade, alguns são acorrentados sob o convés, outros são lançados ao mar. As destruições ambientais não atingem todo mundo da mesma maneira, tampouco apagam as destruições sociológicas e políticas já em curso. Uma dupla fratura persists entre os que temem a tempestade ecológica no horizonte e aqueles a quem o convés da justiça foi negado muito antes das primeiras rajadas de vento (Ferdinand, 2022, p.22)

## A crise climática é racista

**O que é racismo ambiental e de que forma ele impacta populações mais vulneráveis**

**Relatório do IPCC faz alerta sobre impacto desigual da crise do clima e põe Brasil entre vulneráveis; veja 5 pontos**

*Fonte: Conteúdos divulgados respectivamente pelo ClimalInfo (2020), G1 (2022a e pela Secretaria de comunicação social do Governo Federal (2024).*



*Fonte: Cotidiano Fotográfico - Fotografia de Carlos Eduardo Lopes.*

A dissertação sobre o crime da Braskem defendida por Luiza Souza (2024) caracteriza o perfil socioeconômico e racial dos bairros atingidos e discute as disparidades sobre o modo como moradores de diferentes territórios experienciam o desastre em curso. Através de um diálogo com a literatura sobre racismo ambiental, reflexões importantes sobre os possíveis futuros dados do Censo também são apresentadas por Souza (2024). A autora destaca a impossibilidade de novas informações sobre o bairro do Mutange, por exemplo, que se encontra completamente desabitado desde 2022.

Os dados sobre cor ou raça são referentes ao ano de 2010 por dois motivos. Primeiro, os dados de 2022 referentes a bairros não se encontram disponíveis na plataforma do SIDRA até a conclusão desta pesquisa. Em segundo lugar, quando os dados de 2022 forem disponibilizados, não abrangerão bairros como o Mutange, em 2022 já completamente desabitado. Os dados sobre os demais bairros também sofrerão alterações drásticas em termos de população. Pinheiro e Farol possuíam maior predominância de população branca, ambos com 46%. Já os bairros de Bebedouro, Bom Parto e Mutange eram bairros periféricos, com população preta e parda de, respectivamente, 63%, 65% e 71%. (Souza, 2024, p. 30-31)

Uma senhora, ex-moradora do bairro do Bebedouro me relatou que por 15 anos consertou danos em seu imóvel; seu companheiro (já falecido) era pedreiro e fazia os serviços de reparo. Ela já havia feito uma cirurgia no joelho causada por uma queda de um degrau no chão de sua casa

que apareceu de uma hora para a outra. Hoje, ela sabe de quem é a culpa, mas sempre que qualquer pessoa da sua vizinhança acionava a Defesa Civil, os danos eram explicados com argumentos acerca da má qualidade dos materiais de construção utilizados nas casas. Em suas palavras: “Minha filha, eles basicamente diziam que a culpa era nossa porque a gente era pobre!”

Em uma visita aos acervos dos jornais da Biblioteca Pública Estadual Graciliano Ramos encontrei muitos jornais que relataram episódios semelhantes aos tremores de 2018. O mais antigo deles, consistia em uma longa reportagem no jornal Gazeta de Alagoas datada do dia 15 de setembro de 1976 cujo título da manchete era: “A Terra tremeu em Maceió na explosão da Salgema que sacudiu um homem no ar”. Com descrições impressionantes, o jornal retrata a morte do operário José Cícero da Silva, de 23 anos de idade, que teve seu corpo mutilado e arremessado do outro lado da avenida. Terezinha Alves Ferreira, uma das testemunhas, relatou que o “operário foi projetado a uma distância de 30 metros, subindo mais de 70 metros” (Gazeta De Alagoas, 1976)



Fonte: Acervo Biblioteca Estadual Graciliano Ramos, Fotografia de Laryssa Owsiany - Maceió, 2024

Outros tantos relatos acumulados versavam sobre o passado: famílias realocadas, explosões, vazamentos de cloro e outras substâncias químicas, indenizações financeiras, estudos que alertavam para o perigo iminente e protestos populares contra a empresa. No início interpretei algumas dessas histórias como hipérboles, exageros propositais para dar ênfase nas narrativas. Até que uma interlocutora compartilhou comigo suas lembranças de forma detalhada. Com a voz embargada e em um tom que expressava muito rancor ela me disse o dia, mês, ano e horário em que sua família foi vítima da Salgema<sup>42</sup> e precisou deixar o Pontal da Barra.

<sup>42</sup> Uma observação importante é que a Braskem naquela época ainda se chamava Salgema. Em Maceió é muito comum que as pessoas ainda se refiram a Braskem como Salgema e/ou vice-versa.



Fonte: Colagem feita por Laryssa Owsiany a partir de imagens do arquivo da Tribuna de Alagoas utilizadas por Vieira, 1997, p. 73, 74 e 75)

Ao me dar conta de que a expressão “desde sempre” não era uma hipérbole, peguei meu celular e fiz uma busca rápida digitando: “braskem quando foi criada”. As informações diziam que a empresa havia sido criada em 2002. E eu me perguntava de onde é então que vinham as referências de 40 anos atrás? Neste mesmo dia, pouco tempo depois me sentei para descansar ao lado de um grupo de pescadores muito simpáticos na beira da Lagoa Mundáu<sup>43</sup>, e é óbvio que eu dei um jeito de puxar conversa.

Você é nova, não deve se lembrar da schincariol, eu bebia essa cerveja, ela virou outro nome depois. Teve um assassinato na época. É tudo a mesma coisa minha filha, estratégia! Eles ficam mudando de nome para encobrir crimes e acham que a gente não tem memória, que ninguém vai lembrar!

(Pescador, morador da borda da Lagoa Mundáu)

O relato acima trouxe importantes pistas sobre um emaranhado complexo de estratégias de *rebranding*<sup>44</sup> utilizadas pela mineradora. A empresa que já se chamou Salgema, Trikem e finalmente Braskem faz parte de um conglomerado que também já mudou de nome, ex-Odebrecht atual Novonor.

<sup>43</sup> Algumas das pessoas com as quais eu conversei, como por exemplo os meus 7 colegas de quarto no Hostel onde fiquei hospedada em uma das ida à Maceió, ou sabiam muito pouco sobre o caso ou sequer imaginavam que haviam 5 bairros fantasmas na cidade e 60 mil pessoas removidas de suas casas.

<sup>44</sup> Rebranding consiste em ressignificar, dar uma nova cara a uma marca, produto ou empresa já estabelecida no mercado. Essa mudança pode envolver a embalagem, as cores, o slogan, a logo, entre outros aspectos, de forma a tirar as conexões anteriores dos consumidores e criar novas percepções

A gigante petroquímica Braskem é uma empresa transnacional de capital aberto, cujos acionistas majoritários são o conglomerado Nonovor (antiga Odebrecht) e a Petrobras. Em Alagoas, a empresa possui quatro unidades, duas em Maceió e duas na antiga capital Marechal Deodoro, que pertence à Região Metropolitana de Maceió. Três destas unidades são plantas químicas, incluindo a unidade do Pontal da Barra, e a quarta, localizada nos escombros do bairro do Mutange, é responsável pela administração das 35 minas de sal perfuradas pela Braskem em vários bairros de Maceió, hoje oficialmente desativadas e em processo de preenchimento. (Souza; Petronilho; Eduardo, 2023, p.9)

“A Corrupção na Odebrecht é a mais organizada da história do capitalismo” (Exame, 2018) e “entenda o maior caso de suborno da história” (DW, 2016) são apenas dois exemplos de manchetes encontradas ao realizar uma pesquisa simples com a palavra Odebrecht em mecanismos de busca online. O escândalo envolvendo a empreiteira veio à tona publicamente a partir de operações da Lava Jato. Com 6 anos de duração e 79 fases foi um marco na política brasileira iniciado a partir da investigação dos chamados doleiros do Paraná, dentre eles Alberto Youssef, em março de 2014. (CNN Brasil, 2020)

Uma reportagem do Fantástico, clássico programa dominical da Rede Globo, afirma que a grande reviravolta da operação ocorreu quando o carro do ex-diretor de abastecimento da Petrobras, Paulo Roberto Costa, registrado em seu nome, tinha como endereço um apartamento de Alberto Youssef. “Estava feita a conexão da lavagem de dinheiro com a maior empresa do país, a Petrobrás” (Fantástico, 2016). Além de fazer parte do conglomerado Novonor (ex-Odebrecht), é importante destacar que a segunda maior acionista da Braskem é a Petrobrás.

A reportagem ainda menciona que como consequência das manifestações de rua ocorridas em junho de 2013, Dilma Rousseff sancionou novas leis de combate à corrupção, entre elas a que ficou conhecida como delação premiada. “Paulo Roberto Costa foi o primeiro a aceitar ter as penas diminuídas em troca de contar tudo o que sabia e fornecer provas” além disso, o fantástico destaca outra lei também criada no contexto de 2013, a “que permite acordo de leniência com empresas, em que elas admitem o crime e devolvem dinheiro ao país em troca de poder continuar participando de contratos públicos.” (Fantástico, 2016).

No dia 21 de dezembro de 2016, o Departamento de Justiça dos Estados Unidos<sup>45</sup> publicou um comunicado cujo título [em tradução livre] era “Odebrecht e Braskem se declaram culpadas e concordam em pagar pelo menos US\$ 3,5 bilhões em multas globais para resolver o maior caso de suborno estrangeiro da história”

---

<sup>45</sup>

Ver

mais

em:

<https://www.justice.gov/opa/pr/odebrecht-and-braskem-plead-guilty-and-agree-pay-least-35-billion-global-penalties-resolve> Acesso em: 10 set. 2024

Após acordo de cooperação com a Justiça, a Odebrecht, a maior construtora da América Latina, e a Braskem, uma de suas subsidiárias que atua no setor petroquímico, admitiram ter pago, juntas, mais de 1 bilhão de dólares (o equivalente a 3,3 bilhões de reais), em propina a funcionários, partidos políticos e representantes de governos de 12 países, incluindo o Brasil. Em troca do suborno, as empresas ganhavam vantagens em contratos em relação a concorrentes. (DW, 2016)

**Lava Jato: ex-presidente da Braskem confessa desvio de R\$ 1,4 bi**

**Lava Jato: Braskem paga R\$ 265 milhões para Petrobras**

**Novo presidente da Braskem chegou a ser preso na Lava Jato em 2016**

Escândalo se espalha com suposto envolvimento da Braskem

Justiça dos EUA condena ex-presidente da Braskem

Odebrecht e Braskem se declaram culpadas e concordam em pagar pelo menos US\$ 3,5 bilhões em multas globais para resolver o maior caso de suborno estrangeiro da história

**Acordo de leniência da Braskem chega a R\$ 2,8 bi**

*Fonte: Colagem feita por Laryssa Owsiany mesclando manchetes de notícias sobre o envolvimento da Braskem na Operação Lava Jato.*

Não sei se eu descreveria exatamente como uma surpresa encontrar o nome da Braskem explicitamente citado no comunicado do departamento de justiça dos Estados Unidos. Ou que tivesse em sua lista de presidentes pessoas condenadas por desdobramentos da Lava Jato, como por exemplo José Carlos Grubisich e Roberto Prisco Paraíso Ramos. A questão é que todas as manchetes apresentadas na colagem acima são anteriores ao terremoto de 2018 e aos indícios de afundamento do solo em Maceió. Como uma corporação que já detinha uma péssima reputação e esteve explicitamente envolvida no “maior caso de suborno da história”, “o mais organizado da história do capitalismo” após 6 anos, ainda não havia sido responsabilizada pelo deslocamento compulsório de mais de 60 mil pessoas em uma capital brasileira? A seguir busco apresentar uma investigação da gênese dos sucessivos crimes cometidos pela Braskem.

## 1.2 A gênese do caos

De acordo com o artigo de Ticianelli (2015) no portal História de Alagoas a descoberta de sal-gema em Maceió foi por acaso. Em 1941, sondas começaram a perfurar o solo nas áreas de mangue da Lagoa Mundaú com o objetivo de prospectar petróleo. A firma contratada não obteve sucesso, em contrapartida um “leito” de sal-gema foi descoberto. O sal-gema é um minério extraído de rochas subterrâneas a mais de mil metros de profundidade. É utilizado na indústria química para fabricação de soda cáustica, cloro, sabão, bicarbonato de sódio, pasta de dente, entre muitas outras coisas. Na época, o Conselho Nacional de Petróleo (CNP) não tinha interesse na extração de sal-gema e o empresário baiano Euvaldo Luz<sup>46</sup> procurou o governo Federal em 1944 para obter a autorização de lavra, todavia o benefício já havia sido outorgado a um grupo internacional. Essa concessão a empresa estrangeira caducou 20 anos depois, e a exploração do minério não chegou nem a ser iniciada.

A Salgema Indústrias Químicas Ltda foi constituída em 29 de fevereiro de 1966 com a participação da Euluz S/A e de Euvaldo Luz que manteve seu interesse durante esses anos. A permissão para pesquisar sal-gema no município de Maceió, numa área inicial de 500 hectares veio então no dia 4 de outubro de 1966, através do decreto nº 59.356 da Presidência da República<sup>47</sup>. Nos anos seguintes, diversos outros documentos como por exemplo o de nº 66.718, de 1970<sup>48</sup> e o de nº 69.037, de 1971<sup>49</sup> registram as ampliações sucessivas da área de lavra. Desde o primeiro decreto<sup>50</sup> de concessão, a área em questão já era definida no documento como perímetro urbano e os fatores de impacto resultantes deste fato não foram levados em consideração.

É importante ressaltar que na época da instalação da indústria não existia a Lei nº 6.938<sup>51</sup> que dispõe sobre a política nacional do Meio Ambiente que foi implantada só em 1981. Diego Rodrigues, líder do Observatório de Impactos Ambientais e de Saúde do CNPq, em entrevista<sup>52</sup> ao projeto Histórias do subsolo destaca outro ponto importante. O licenciamento que permitiu a mineração de sal-gema foi pré constituição de 1988. Ou seja, isso significa que consultas às populações potencialmente atingidas, e as demais precauções também não ocorreram.

---

<sup>46</sup> De acordo com o Portal História de Alagoas, Euvaldo Freire de Carvalho Luz, era o proprietário da oficina que recebia as sondas para reparo e elas chegavam cheia de fragmentos de sal-gema.

<sup>47</sup> BRASIL, 1966.

<sup>48</sup> BRASIL, 1970.

<sup>49</sup> BRASIL, 1971

<sup>50</sup> BRASIL, 1969

<sup>51</sup> BRASIL, 1981

<sup>52</sup>O respectivo trecho da entrevista de Diego Rodrigues para o projeto Histórias do Subsolo está disponível em: <https://historiasdosubsolo.org/10#0> Acesso em: 16 set. 2024

Quando a Salgema Indústrias Químicas S/A foi instalada na restinga do Pontal da Barra, a Constituição de 1988 estava longe de ser consagrada. Em seu artigo 225, há este dispositivo: “todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. (Cavalcante, 2020, P.67)

Com necessidade de expansão e através do apoio da Companhia de Desenvolvimento de Alagoas (CODEAL) e dos investimentos da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), Euvaldo Luz se tornou sócio da Union Carbide, que passou a deter 50% de participação no empreendimento. Entretanto, mais tarde uma alteração na composição societária da Salgema Indústrias Químicas Ltda fez com que a Union Carbide se retirasse do projeto, sendo substituída pela empresa E. I. Du Pont De Nemours & Co, que passava a deter 45% das ações.

Não era só a má fama e o passado catastrófico da DuPont ou da Union Carbide que preocupavam. Em depoimento à CPI da Braskem, José Geraldo Marques em seu depoimento na CPI da Braskem (2024), ressalta que na época ter se livrado da Union Carbide (responsável pelo desastre de Bhopal) não era motivo de tanta comemoração assim, pois “foi tudo dado, dado de mão beijada - dado! D-a-d-o - à DuPont de Nemours. Por quê à DuPont de Nemours? Nos Estados Unidos, tem um museu só sobre os desastres químicos da DuPont”<sup>53</sup>

Uma reportagem de Victor Mafra (2022) para o Brasil 247 recupera as incontáveis semelhanças entre a planta da fábrica da Salgema e a de Bhopal na Índia, onde em 1984 ocorreu o maior desastre industrial da história. Um vazamento de gás cloro provocou 3.787 mortes imediatas e deixou mais de 500.000 pessoas expostas ao Isocianato de Metila, que segundo a reportagem foi também a primeira arma química usada na primeira guerra mundial.

O gás ao entrar em contato com a população de Bhopal provocou mortes aterrorizantes, cegueiras, falta de oxigênio no sangue e várias outras atrocidades. O CEO da Union Carbide Corporation, Warren Anderson, teve seu processo judicial arquivado e a empresa pagou ao estado o pífio valor de 470 milhões de dólares, cerca de um bilhão hoje em dia. Como se a vida de milhares de pessoas e ferimentos permanentes possuíssem algum valor que possa ser calculado em capital. Hoje, cerca de 150 mil pessoas sofrem com as consequências da explosão, e ainda há uma segunda geração de pessoas que nasceram afetadas pela exposição de seus pais aos gases tóxicos. Após o acidente de Bhopal, os jornalistas Érico Abreu e Mário Lima fizeram um levantamento do investimento publicitário da Salgema nos jornais impressos da imprensa burguesa, já que a planta da fábrica da Bhopal era a mesma da fábrica da Salgema, e nenhum jornal se perguntou se isso poderia ocorrer em Maceió. O que os jornalistas descobriram foi que o

<sup>53</sup> Notas taquigráficas do depoimento estão disponíveis em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/notas-taquigráficas/-/notas/r/12343> Acesso em: 16 set. 2024. Além disso, para saber mais sobre o museu veja a reportagem de Sharon Lerner para o The Intercept Brasil (2018).

investimento da Salgema nos jornais burgueses foi 10 vezes maior um mês antes do acidente em Bhopal e um mês depois, mostrando claramente um suborno para que a imprensa se calasse. (Mafra, 2022)

O nome do professor José Geraldo Marques é unanimidade entre as indicações de referências sobre ‘o início de tudo e/ou a gênese do caos’. Hoje ele se apresenta como um refugiado ambiental, mas foi durante o período em que era secretário de Controle da Poluição que a então Salgema se instalou em Maceió. Em entrevista concedida à Evellyn Pimentel para o Tribuna Hoje (2019), Marques ressalta que ele e sua equipe nunca foram contra a exploração do minério, que é abundante em Alagoas como em poucos lugares, e se bem explorado, conduzido e planejado poderia contribuir com o desenvolvimento do Estado. Sua posição contrária desde o início se dava pelo local onde a empresa seria implantada, uma área de restinga, sobre isso ele afirma que

Passei quatro anos na Secretaria e não dei o aval. Mas eles conseguiram. Conseguiram um aval que até hoje não sei quem deu. Que foi autorizada ad referendum, que para mim é misteriosa até hoje e eles partiram para a implantação (Marques apud Pimentel - Tribuna Hoje, 2019).

O Episódio Gregos e Alagoanos do podcast Rádio Novelo Apresenta<sup>54</sup>, descreve o momento em que José Geraldo Marques viu o terreno onde seria erguida a planta industrial da Salgema Indústrias Químicas – que hoje conhecemos como Braskem.

Um belo dia a gente soube na coordenação: "Olhe, estão derrubando as dunas do Tomix!" Eu não acreditei e não temos fiscalização e eu mesmo fui para poder constatar. Eu fiquei pasmo, inclusive, eu digo: "Essa gente é louca! Porque, se houver uma explosão nessa indústria, são essas dunas que têm o efeito de trincheira que vão proteger a cidade", não é? Então eu peguei minha arma, na época, mais importante, que era a máquina fotográfica. E chamei um técnico da Secretaria de Planejamento, meu amigo idôneo, para testemunhar. E rumamos para lá. Rapaz, quando eu cheguei, eu nunca pensei que a coisa pudesse ser tão rápida. Não existia mais duna sobre duna! O terreno estava com a terraplanagem feita, os coqueirais todos derrubados. (Rádio Novelo Apresenta, Episódio Gregos e Alagoanos, 2024.)

O podcast ainda descreve que ao olhar para as dunas arruinadas, ele percebeu que a motivação de sua vida seria lutar contra a destruição daquela região e que o cargo que ocupava não tinha muito poder de decisão. Em suas palavras, ele era o equivalente a um secretário de meio

---

<sup>54</sup> O episódio completo feito por Evellyn Argenta em parceria com a Caranto media pode ser ouvido em: <https://radionovelocom.br/originais/apresenta/gregos-e-alagoanos/> Acesso em: 30 jan. 2024

ambiente “indicado por um governador da Arena<sup>55</sup>. Que, por sua vez, tinha sido indicado por um ditador. Que, por sua vez, estava interessado na industrialização e não no meio ambiente.”

A localização onde o complexo industrial foi instalado, em área de restinga, à beira mar, próximo ao encontro do mar com a laguna, assim como a obra do dique-estrada, são frutos da imposição do regime militar em que o país vivia na época (Cavalcante, 2020) e simbolizam também as indicações do urbanismo neoliberal, onde são criadas intervenções drásticas na paisagem e no ambiente, colocando o desenvolvimento econômico da cidade como princípio norteador do planejamento urbano. (Bulhões, 2023, p.20)

Em entrevista à Joaldo Cavalcante (2020), o promotor de justiça Tácito Yuri revela que na época em que era presidente da Sindiquímica “era um tempo difícil, pois todo o tipo de iniciativa sofria repressão.” Ele destaca que existia uma tentativa de cooptação dos funcionários e que o chefe de segurança da Salgema era também um coronel do Exército - o que era suficiente para que eles entendessem que a planta industrial da mineradora se tratava também de uma área de segurança nacional. (Yuri Apud Cavalcante, 2020, p.62)

Uma outra forte característica do regime militar era a censura à imprensa. Lopes (2022) cita o historiador Geraldo de Majella para afirmar que “muitos acidentes e vazamentos de produtos químicos não foram noticiados pela imprensa de Alagoas. O governo, em ‘conluio’ com a sal-gema, criou uma cortina de proteção” (Lopes, 2022, p.16).

O grupo de jornalistas e ecologistas, que constitui o Movimento pela Vida, não dispõe dos bilhões do saldo bancário da Salgema, para enfrentar em igualdade de condições o massacre publicitário que certamente está sendo preparado para convencer o povo de que o cloro é ótimo, seu cheiro é agradável, e o dicloretano, então parece até garapa.

(Tribuna de Alagoas, 05/06/85 apud Vieira, 1997, p. 29)

Ainda que houvesse censura, é possível sim encontrar referências a vazamentos, mortes, explosões e protestos noticiados em diferentes jornais locais desde a sua instalação. A colagem a seguir ilustra algumas dessas manchetes fotografadas por mim durante visitas à Biblioteca Pública Estadual Graciliano Ramos, localizada em Maceió.

---

<sup>55</sup> A Aliança Renovadora Nacional (ARENA) foi um partido político criado em 1965 cujo objetivo era dar sustentação política aos militares durante a ditadura.

**Explosão causa pânico na Cidade**

*Família do operário morto vai pedir indenização a Salgema*

**EXPLOSÃO NA SALGEMA**  
Correrias e desmaios logo após o acidente

**Povo faz passeata contra a Salgema**

**Explosão na Salgema atira corpo do seu operário na avenida**

*Salgema ainda não sabe a causa da explosão que matou operário em Bebedouro*

**Explosão na Salgema causa pânico, medo, desmaios e choros**

*Salgema provoca irritação nos olhos e no nariz*

*A Policia cercou A Salgema*

**Estrondo, o fogo e um forte cheiro de lança foram ao ar**

Fonte: Acervo da Biblioteca Estadual Graciliano Ramos - Colagem feita a partir de fotografias de Laryssa Owsiany - Maceió, 2024.

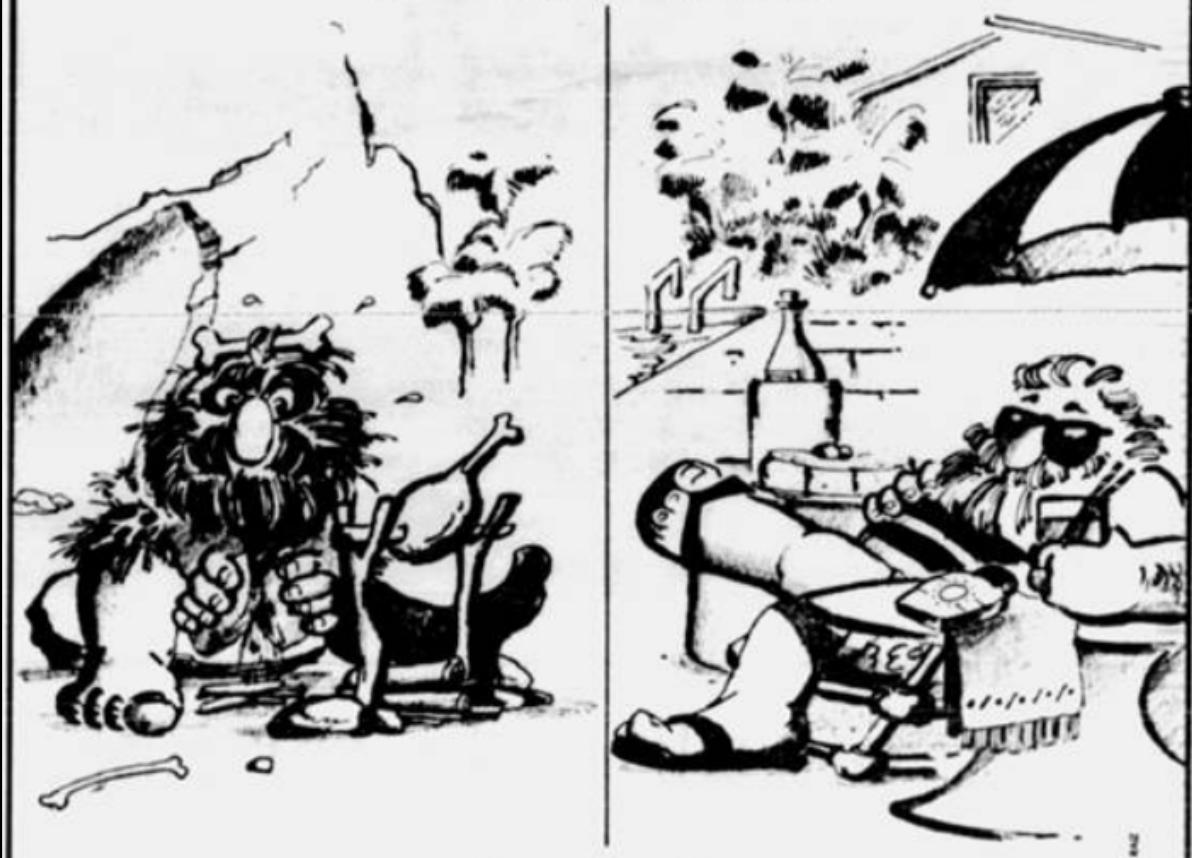
A título de curiosidade, com o objetivo de compreender se havia algum tipo de circulação nacional sobre esses fatos, resolvi pesquisar também em outros acervos como por exemplo na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. Apesar de não possuir nenhum jornal do Estado de Alagoas para consulta, ao pesquisar pela palavra Salgema encontrei muitas propagandas positivas que apresentavam a empresa como “a fórmula verde e amarela do sucesso”.



Fonte: Reprodução Hemeroteca Digital - Biblioteca Nacional

A imagem reproduzida abaixo foi veiculada no Jornal do Brasil em 25 de março de 1988 e destaca soda e cloro como duas palavrinhas capazes de mudar a vida e o bem estar do Homem. Espero que essa tese contribua para contar outras versões de como essas duas palavrinhas realmente mudaram a vida (só que para pior) de muita gente.

# Duas palavrinhas mudaram a vida dele:



## soda e cloro.

A história do conforto, da segurança e do bem-estar do Homem pode ser contada em duas seqüências: antes e depois da indústria química. E a soda cáustica e o cloro são protagonistas dessa história.

O desempenho da soda pode ser notado nos tecidos que você usa, nos vidros, no alumínio, sabões e detergentes e até mesmo no papel da revista que você lê. O cloro atua na produção de plásticos à base de PVC usado em tubos e conexões, móveis, garrafas, na indústria automobilística, nos gases de refrigeração, em embalagens.

Uma série de medicamentos e de

defensivos agrícolas conferem ao cloro um papel de destaque. Sem mencionar o uso no tratamento da água que abastece os grandes centros.

A Salgema, uma das maiores fabricantes de soda e cloro da América Latina, participa em 30% do mercado nacional escrevendo um capítulo muito especial nessa história de sucesso.

Pesquisando, criando e investindo, a Salgema está ampliando a produção da soda cáustica e do cloro e diversificando seu elenco com novos personagens.

Da idade da pedra à vida atual, a química caminha com a humanidade.



**Salgema**

“Doutor eu imploro livre a gente da morte pelo Cloro” é uma das frases de um poema escrito por um morador do Pontal, que abre de forma impactante o livro de Maria do Carmo Vieira (1997) publicado sob o título “Daqui só saio o pó”. Sua pesquisa de mestrado em Desenvolvimento Urbano e Regional feita de forma colaborativa com os moradores do Pontal da Barra impactados diretamente pela implantação da Salgema propõe “a recuperação de uma memória política e o registro de uma história não oficial, tecida no cotidiano dos moradores” (Vieira, 1997, p. 6)



Fonte: Reprodução, Vieira, 1997, p.41

Sua presença no cenário urbano impõe riscos à população de Maceió decorrentes da possibilidade de acidentes e explosões de materiais como o eteno, incêndios, poluição do mar e das lagoas e degradação de área de grande potencial turístico- o Pontal da Barra e também em consequência de efeitos poluentes e seus efluentes líquidos (ácido clorídrico, sulfúrico, cloreto de sódio, cálcio, magnésio e ferro), da lama de amianto resultante da fabricação dos diafragmas das células e dos efluentes gasosos (hidrogênio, cloro, ácido de enxofre). Além destes, existem efeitos a médio e longo prazo, não tão visíveis, e por isso de maior periculosidade. Os organoclorados produzidos e/ou estocados às toneladas na área urbana e cercanias de Maceió detêm propriedades ecotoxicológicas, alterando ou

acumulando efeitos biológicos destruidores, agudos e/ou crônicos, que começam com o efeito irritante sobre a pele e vão até ao desencadeamento de processos cancerígenos. Sabe-se que a epicloridrina é causadora de esterilidade e lesões no fígado, o dicloreto causa deformações nas células humanas, o MVC provoca câncer no cérebro e outros órgãos, além de angiosarcoma do fígado. (Vieira, 1997, p. 26)

Retornando a década de 70, o I Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) foi aprovado em 1971 com o objetivo de substituir as importações apresentando em suas diretrizes a busca pela autossuficiência nacional na produção de soda e cloro. No ano seguinte (1972) o BNDE<sup>56</sup> aprovou o financiamento para implantação da unidade produtora de clorossoda. A fábrica de clorossoda do Trapiche e o campo de salmoura do Pontal da Barra começaram a ser construídos em 1974 impactando diretamente um perímetro urbano onde viviam 65 mil pessoas, ou seja, 22% dos quase 300.000 habitantes de Maceió à época.<sup>57</sup>

O principal argumento para a localização da planta era a proximidade entre a mina e a fábrica, necessária para reduzir a dificuldade de transporte. A localização permitia que a salmoura extraída no subsolo do Mutange fosse levada até o Trapiche da Barra por uma tubulação de aço de 14 polegadas de diâmetro num percurso de 8 km de extensão, o que gerava ganhos expressivos com a economia no transporte da matéria-prima. (Relatório Final - CPI da Braskem, 2024, p.86/87)



Fonte: ANM, 2019, p. 13.

Reprodução - Relatório Final da CPI Braskem, 2024, p.87

<sup>56</sup> Nota-se que o BNDE ainda não tinha o S de social, a mudança só ocorreu em 1982. O site oficial descreve que: “o início dos anos 80 foi marcado pela integração das preocupações sociais à política de desenvolvimento. A mudança se refletiu no nome do Banco, que passou a se chamar Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).”

<sup>57</sup> Essa afirmação pode ser confirmada na página 87 Relatório Final da CPI da Braskem disponível em: <https://legis.senado.leg.br/atividade/comissoes/comissao/2642/mna/relatorios> Acesso em: 04 jun 2024

O II Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) lançado em 1975 fez com que o Governo Federal incentivasse a criação de um pólo cloroquímico em Alagoas.

O grupo Euvaldo Luz, sem ter como acompanhar a demanda, retira-se da sociedade em 26 de abril de 1975, vendendo sua participação para o BNDE. Em 18 de junho, parte das ações do BNDE são repassadas para a Petroquisa, subsidiária da Petrobras. A Salgema – agora SALGEMA INDÚSTRIA QUÍMICA S/A – passa a ter nova estrutura acionária: Petroquisa, 45%; Fibase/BNDE, 41,3%; DuPont, 13,7%49. (Relatório Final - CPI da Braskem, 2024, p.88)

O ano de 1976 constitui um marco importante no processo desta pesquisa, já tendo sido mencionado no início deste capítulo por conta do tremor de terra que “sacudiu um homem no ar” noticiado no jornal Gazeta de Alagoas (1976).

Em matéria intitulada “Alagoas reconhece erro ao instalar a Salgema”, publicada na edição dominical do jornal O Estado de S. Paulo em 12 de setembro de 1976, o repórter Valdeci Verdelho, enviado especial a Maceió, depois de entrevista com o governador Divaldo Suruagy, afirma que “O governo de Alagoas reconheceu finalmente que a localização das unidades de cloro e soda da Salgema S.A é inadequada e decidiu fazer o replanejamento da ‘Grande Maceió’ que custará 900 milhões de cruzeiros”. O projeto de transferência, porém, jamais ocorreu. (Relatório Final - CPI da Braskem, 2024, p. 89)

O plano criado pela Defesa Civil de Alagoas conhecido como “Operação Catavento” é mais uma das provas de que já em 1976 os riscos eram conhecidos. A operação continha instruções explícitas para que em dias de jogo no estádio conhecido como Trapichão os torcedores levasssem um lenço molhado com água para o caso de acidentes com vazamento de gás. O documento indicava que sirenes e alto-falantes poderiam ser acionadas a qualquer momento.

Se o acidente for num dia de jogo do estádio Rei Pelé [Trapichão], vocês estão imaginando a cena? O que é que se deve fazer? Uma voz tranquila deve ser transmitida pelo alto falante. Aconteceu, mas não há motivo para pânico, porque o cloro é facilmente contornável pelo uso da água. Pegue um lenço (gente tá lá) molhem e coloquem no nariz, a população deve ser evacuada para o CEPA. (José Geraldo Marques em depoimento para a CPI da Braskem)

O Relatório Final da CPI da Braskem apresenta dados de mais um vazamento de cloro, desta vez em outubro de 1977. O problema em uma das unidades de armazenamento fez com que a população precisasse de atendimento médico por causa de complicações respiratórias. As

alterações no Plano Diretor de Maceió, aprovado pela Lei Municipal 2.485, de 16 de junho de 1978, passaram a considerar o Pontal da Barra como zona industrial e nos anos seguintes, a Salgema iniciou a produção comercial de dicloroetano em 1979 e de eteno em 1981.

Entre o final dos anos 1970 e o início dos 1980, as ações da Salgema S.A. foram adquiridas 1) pela COPENE (Companhia Petroquímica do Nordeste) e, mais tarde, 2) pela NORQUISA (Nordeste Química S/A), esta última sob a presidência de Ernesto Geisel (desde 1980). Em meados dos anos 1980, eram três os controladores da empresa: Copene (35,25%), Norquisa (34,53%) e Petroquisa (30,22%). (Relatório Final - CPI da Braskem, 2024, p.103)

No auge da ditadura civil-empresarial-militar, outro fato importante para a contextualização da política local é que Fernando Collor de Mello (ARENA) foi nomeado prefeito de Maceió em 1979 pelo então governador Guilherme Palmeira, cargo ao qual renunciou em 1982, ano em que foi eleito deputado federal pelo PDS.<sup>58</sup>

No início da manhã de 31 de março de 1982 houve outra grande explosão na Salgema que matou mais um trabalhador - encontrei informações divergentes de que as labaredas atingiram 15, 25 e até 40 metros de altura na ocasião. Em diferentes jornais veiculados neste dia, há descrições de correria, desmaios, choro e um desespero generalizado de pessoas procurando abandonar suas casas. Este episódio foi o estopim para que o deputado federal Mendonça Neto (PMDB/AL)<sup>59</sup> apresentasse em Brasília um compilado de materiais endereçados ao presidente João Figueiredo com o objetivo de requerer a mudança da sede da Salgema por conta das repetidas explosões e pelo stress causado aos moradores de Maceió.”

Veja-se o relato da Gazeta de Alagoas a 1º de abril de 1982, narrando explosão ocorrida no dia anterior: “Violenta explosão, seguida de chamas que alcançaram cerca de 15 metros de altura, atingiu ontem por volta das 7h40m, a Unidade de dicloretano da Salgema. Desmaios, pânico, correrias e crises de choro se seguiram junto à população na vizinhança da empresa”. A imprensa narra que pessoas saiam de suas casas até sem roupa, gritando: “É o fim do mundo”. (Câmara dos deputados, 1982)

---

<sup>58</sup> Durante o regime militar, o Ato Institucional nº 2 (AI-2) declarou a extinção de todos os Partidos Políticos que eram 13 na época e cancelou todos os respectivos registros, inaugurando assim o sistema bipartidário (Aliança Renovadora Nacional x Movimento Democrático Brasileiro). Com o retorno do sistema pluripartidário em 1979, a ARENA, antigo partido de Collor, foi legalmente extinta e o PDS foi criado em seu lugar, como seu sucessor direto. E no lugar do MDB, o PMDB (Partido do Movimento Democrático) se consolidou.

<sup>59</sup> Os discursos do deputado federal Mendonça Neto podem ser acessados no link a seguir <https://historiasdosubsolo.org/4#4> Acesso em: 08 ago. 2024

O deputado também ressalta em um de seus discursos que com sua atitude não estava recusando o progresso. O seu bom senso só não aceitava que em nome dele se colocasse em risco a sociedade humana. Manifestou “ter receio dos homens que estavam mandando no Brasil”, e acusou a Salgema de ter a proteção do ex-presidente Geisel, que também era presidente da Norquisa, uma das acionistas da empresa naquela época. Afirmando categoricamente que a impunidade se dava por esta razão. (Câmara dos deputados, 1982, p. 5)

Existem muitos Decretos-Leis para punir escapamentos e explosões como as que vem ocorrendo na Salgema S/A. Não me consta, até agora, que a empresa tenha sido punida, ou até advertida mesmo porque sua propriedade é dividida entre o Governo e a empresa Norquisa S/A, que tem como presidente e com altíssimo salário, o General Geisel.

Não descansarei um só instante enquanto não convencer o Governo brasileiro à relocalizar a Salgema, com a parafernália dos seus tubos, dutos de salmoura, emissário submarino, num complexo industrial sofisticado em que a proteção da vida humana não foi levada em consideração.

*Fonte: Câmara dos deputados, 1982*

Em uma das muitas tentativas de compreensão desse quebra-cabeça investigativo, eu cedi ao clichê de separar os personagens entre mocinhos e vilões. Quando encontrei os discursos entre os materiais disponibilizados pelo projeto Histórias do Subsolo, eu imediatamente o coloquei no “time do bem”, inclusive atribuindo juízo de valor pela coragem de enfrentar explicitamente o regime militar.

Entretanto, anos depois, durante o governo Fernando Collor (1987-1989), o deputado Mendonça Neto se transformou no maior defensor da duplicação da Salgema. A edição do Jornal Tribuna de Alagoas, datada de 19 de julho de 1987 por exemplo, trouxe um artigo de Nilton Oliveira intitulado “Metamorfose de um cretino” fazendo referência direta a sua mudança de lado.

Em julho de 1987, o ex-deputado Mendonça Neto, secretário de planejamento do Estado, rasgou definitivamente seu discurso do passado e, presidindo a reunião do Cepram, não vacilou em sequer violar o Regimento do Conselho para forçar, a todo custo, a aprovação da duplicação da produção de cloro da Salgema na restinga do Pontal da Barra.” (Cavalcante, 2020, p.93)

## MEIO AMBIENTE

# Mendonça Neto e a explosão da Salgema



Mendonça Neto: encenação na Assembleia contra Salgema

"Não descansarei um só instante enquanto não convencer o Governo brasileiro a relocatear a Salgema, com a parceria dos seus tubos, dutos de salmoura, emissário submarino, num complexo industrial sofisticado em que a proteção à vida humana não foi levada em consideração".

Estas palavras não são de nenhum político de oposição ou militante do movimento ecológico, mas sim do atual secretário de Planejamento, Mendonça Neto, que é hoje o maior defensor da fábrica Salgema no governo Fernando Collor. O detalhe é que foram ditas em 1982, quando Mendonça era deputado federal e fazia uma acirrada oposição ao governo do PDS e ao seu adversário Divaldo Suruagy culpando-o, entre outras coisas, de favorecerem a má localização das indústrias químicas em Alagoas.

Publicadas num livro, impresso pela Câmara dos Deputados sob o título "Mendonça Neto — Salgema: a explosão de uma cidade", elas aparecem hoje como um testemunho grotesco face às atitudes do secretário que não vacilou em sequer violar o regimento do Cepram, na semana passada, para forçar a todo custo a aprovação da duplicação da produção de cloro da Salgema, na restinga do Pontal. No livro, Mendonça chega em 82, quando era candidato, a colocar em dúvida a "laura" dos processos aprovados no Cepram, entre outras coisas por conta de atos que ele mesmo, Mendonça, está cometendo agora. O então deputado oposicionista, também colocava em suspeita os lucros da Salgema, em 1980 e ainda afirmava que deles muito pouco se beneficiavam os cidadãos de Alagoas.

Na página 5 a TRIBUNA reproduz outras passagens do livro e publica artigo de Nilton Oliveira sob o título "Metamorfose de um cretino".

**Tribuna de Alagoas - edição de 19 de julho de 1987**

Fonte: Reprodução (Cavalcante 2020, p. 132)

Após a explosão de 1982, veículos de comunicação coletaram depoimentos de moradores do entorno da indústria. De acordo com o projeto Histórias do Subsolo (2020), os relatos davam ênfase no fato dessa explosão não ter sido a primeira, e compilavam dados sobre o número de

pessoas que deram entrada nos hospitais da região. Outras histórias sobre os tremores de terra frequentes e um “gás misterioso que era liberado toda quarta feira por volta das 10 horas da manhã” na Rua Riachuelo estão entre os demais registros.

Em 1983 uma comissão designada pelo então governador Divaldo Suruagy emitiu um relatório de riscos do complexo industrial que já destacava a possibilidade de afundamento do solo se não fossem observadas e respeitadas as dimensões das cavernas.

Além dos segmentos da sociedade e organizações como o Movimento pela Vida, o Poder Legislativo de Alagoas tomou uma posição na década de 1980. Observando acidentes recorrentes e a pretensão de duplicação da produção da empresa, o deputado Miguel Palmeira (PDS) apresentou projeto de lei, pelo qual determinava a relocalização da Salgema em oito anos. (Cavalcante, 2020, p.68)

O projeto de relocalização chegou a ser aprovado e seguiu para apreciação do governador Divaldo Suruagy, que acabou vetando sob a alegação de alto custo operacional do processo. O Relatório da CPI (2024 p.91) apresenta dados de outro episódio de vazamento de gás cloro no ano de 1985, dessa vez atingindo o Clube Motonáutica localizado próximo a indústria e as descrições de pânico são muito semelhantes às anteriores. Nessa mesma época já haviam sido divulgados os primeiros planos da duplicação da capacidade operacional da empresa.

Nesse sentido, as notícias sobre poluição veiculadas nos jornais examinados no período 84/86, destacam acontecimentos marcantes, repercutindo na cidade. A polêmica em torno do depósito de lixo industrial acumulado pela Salgema no terreno que a circunda, resulta na retirada do lixo pela empresa e no encaminhamento à Câmara Municipal, de um projeto de lei, proibindo a instalação de outras fábricas no Pontal, Trapiche e Prado. A nível da Assembleia Legislativa é apresentado um projeto de lei - vetado pelo governador Divaldo Suruagy - visando impedir a instalação de indústrias na orla marítima e lagunar e garantir a preservação do ecossistema. Um outro incidente que gerou muita repercussão significativa neste período, foi o vazamento de cloro na tarde de um domingo, porque espalhou o pânico, não somente entre os moradores do Pontal da Barra, mas também entre os frequentadores do Clube Motonáutica, situado às margens da Lagoa, por trás da Salgema. (Vieira, 1997, p.27)



Charge do jornalista Enio Lins na Tribuna Hoje em 1985 / Enio Lins

Tanto a localização da Salgema no Pontal da Barra na década de 70, quanto a sua duplicação cerca de 10 anos depois, encontraram resistência popular por conta de seus efeitos poluentes e de seu alto risco de periculosidade.

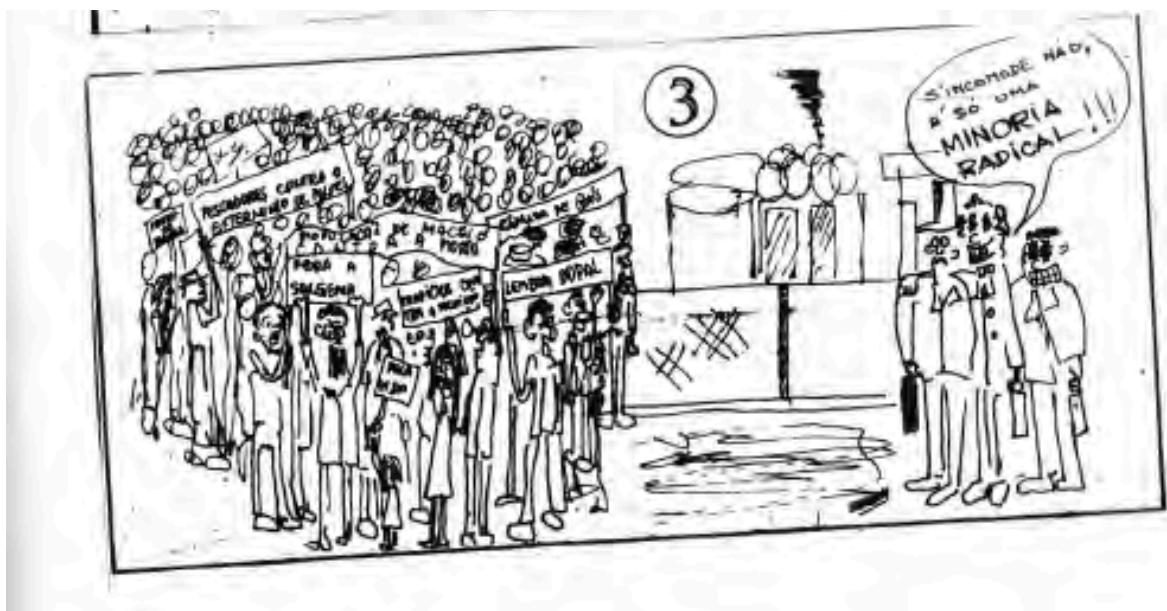


Fonte: A foto de 1985 é atribuída à Josival Monteiro e a de 2023 à Carlos Eduardo Lopes, idealizador do Projeto Cotidiano Fotográfico, 2024<sup>60</sup>

<sup>60</sup> Outros paralelos entre passado e presente podem ser encontrados no trabalho de Carlos Eduardo Lopes. No link a seguir ele contrasta imagens de pichações em muros retratadas no livro Daqui só saio o pó com imagens feitas de

A intensa mobilização pública levou um grupo de vereadores a criar uma Comissão Especial de Inquérito para investigar os riscos da ampliação. Ou seja, a CPI de 2024 referenciada várias vezes neste capítulo não foi sequer a primeira. Várias audiências públicas chegaram a ser realizadas nos anos 80. Em 31 de maio de 1985, o governador Divaldo Suruagy anunciou a realização de um plebiscito sobre a ampliação da empresa. Marcada para o dia 1º de julho, a consulta jamais chegou a ser realizada. No final daquele ano, a duplicação da capacidade operacional da Salgema foi autorizada.

Em 1985, quando o Movimento pela Vida e o Sindicato dos Jornalistas realizaram passeata em defesa da realocação do Pólo Cloroquímico e contra a poluição ambiental, chegaram a rotular a iniciativa de um bando de radicais contrários à redenção econômica de Alagoas. (Cavalcante, 2020, p.74)



Fonte: Reprodução, Vieira, 1997, p.41

Os alertas também já estavam presentes no ambiente acadêmico, um trabalho de conclusão de curso apresentado na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) por Martha Caldas e Olívia Freitas em 1986 já apontava o afundamento do solo, a formação de cavernas e os riscos de desabamento por conta da extração de sal-gema. As autoras alertavam para o risco de exposição da população a processos químicos altamente nocivos, liberação de substâncias tóxicas no ambiente lagunar, degradação da vegetação, e efeitos cancerígenos provocados por efluentes líquidos e sólidos da indústria.

outras pichações no tempo presente, fotografadas por ele no Projeto Cotidiano Fotográfico. [https://www.instagram.com/p/CkjnDrDLzng/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CkjnDrDLzng/?img_index=1) Acesso em: 13 fev. 2024

O desastre de Bhopal não foi a única tragédia internacional de grandes proporções que acionou comparações com a atividade industrial em Maceió. O ano de 1986 marca o “acidente” nuclear de Chernobyl ocasionado por uma sucessão de erros e violações de procedimentos de segurança. Algumas semelhanças entre os casos podem ser apontadas, dentre elas: o deslocamento compulsório, os objetos pessoais deixados às pressas, um mundo compartilhado transformado inesperadamente em ruínas, a omissão da mídia sobre a gravidade dos fatos<sup>61</sup>, o controle da narrativa e a elaboração de uma versão feita exclusivamente por parte de quem detinha o poder.

O papel da mídia nacional na cobertura do caso permanece sendo uma pauta em disputa. Alexandre Sampaio<sup>62</sup> concede uma entrevista ao vivo ao Uol (2023a) e em determinado momento o jornalista Ricardo Kotscho, um dos entrevistadores, se expressa dizendo que o que o Alexandre Sampaio estava contando era “um negócio inacreditável”. E o questiona dizendo: “Eu nunca vi uma história parecida de omissão, corrupção e descaso com a população. Como as autoridades e a mídia conseguiram esconder do restante do país essa imensa tragédia urbana?” (Uol. 2023a). A hipótese de Sampaio é a de que:

A Braskem paga uma mesada para todos os veículos de comunicação do estado de Alagoas e do Brasil. Quando ela patrocinou o Big brother para falar de sustentabilidade, reciclagem e lixo, ela barganhou obviamente o silêncio da emissora sobre o que ela tem feito em Alagoas. Aqui eu conheço histórias de veículo que publicou uma entrevista comigo e recebeu a visita dos diretores da Braskem de que ia suspender a verba publicitária de 50 mil reais por mês e de fato o veículo não deixou de publicar a matéria conosco e perdeu a verba. (Sampaio, apud Uol, 2023a)

De forma frequente, o jornalismo brasileiro tem se referido ao crime da Braskem como a “Chernobyl alagoana”. Para além do que já foi citado, o termo é utilizado também porque o destino final de cavernas de sal no mundo todo tem sido o lixo atômico, e futuramente Maceió poderia vir a se tornar o depósito de resíduos das usinas nucleares do Brasil.

---

<sup>61</sup> Saiba mais sobre como a União Soviética tentou esconder o caso em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48477868> Acesso em: 07 nov 2024

<sup>62</sup> Alexandre Sampaio é presidente da Assepra (Associação dos Empreendedores do Pinheiro e Região Afetada) e na época de minha pesquisa ainda era uma importante liderança do MUVB (Movimento unificado de vítimas da Braskem). A primeira vez que estive nos bairros afetados foi em sua companhia. O pastor Jeyson Rodrigues, membro da rede Fé no Clima foi quem intermediou nosso contato, a quem sou muito grata.

<b>Chernobyl alagoana: reportagem mostra envolvimento intermediário na negociação de dívidas da Braskem</b>	<b>Maceió: a tragédia anunciada de um “Chernobyl brasileiro”</b>
<b>Devastação por colapso de mina é “nossa Chernobyl”, diz especialista</b>	
<b>Cratera de mina em Maceió pode criar 'Chernobyl brasileiro', diz</b>	<b>Chernobyl brasileira: colapso de mina em Maceió pode abrir cratera do tamanho do Maracanã, moradores são retirados às pressas</b>
<b>“Terminal químico pode fazer em Maceió nova Chernobyl”</b>	<b>“Prefeito desiste de transformar Maceió em Chernobyl brasileira”</b>

*Fonte: Colagem feita por Laryssa Owsiany a partir de manchetes de portais online*

A publicação da primeira resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente, em 1986, exigiu que os titulares de empreendimentos em curso no país realizassem Estudos de Impacto Ambiental (EIA). Sandro Gallazzi (2015) ao refletir sobre os projetos de mineração de um modo geral, constata:

Nunca vi um Estudo de Impacto Ambiental (EIA) concluir pela não implantação do projeto em análise. Todo EIA consegue provar a viabilidade econômica, a sustentabilidade ambiental e a equidade social de cada projeto. Um conjunto abalizado de estudiosos, muito bem pagos pela empresa, despeja na nossa frente milhares de páginas, gráficos, mapas, imagens que nossas comunidades não têm o tempo de estudar e que nos fazem sentir ignorantes e impotentes diante de tanta clareza a respeito da indiscutível importância e necessidade do projeto. Aliás, um ponto comum a todos os EIAs é: como ficaria a sociedade sem este projeto? E a resposta é sempre a mesma: Ai de nós se não for implantado este projeto! (Gallazzi, 2015, p.97)

De acordo com a CPI da Braskem (2024) o Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) já apresentava forte evidência de que houve omissão dos riscos e negligência no licenciamento ambiental<sup>63</sup> pois afirmava que havia “segurança ambiental total” no empreendimento. A CPI argumenta que naquela altura já não era impossível alegar desconhecimento em relação aos riscos geológicos decorrentes da atividade de exploração de sal-gema em Maceió.

São muitos os estudos e referências sobre subsidência que já existiam à época da elaboração do Rima sobre exploração de sal em Maceió. Como informado na Seção 3.5 deste Relatório, um relatório do Serviço Geológico Americano de 1979,

<sup>63</sup> O Estudo de Impacto Ambiental (EIA) é um documento muito técnico e complexo. O Rima, por sua vez, é um relatório que resume, com linguagem acessível, os resultados do EIA.

intitulado “Bibliografia selecionada sobre subsidência do solo Causada pela Dissolução e Remoção de Sal e outros Evaporitos Solúveis” (em tradução livre), listava nada menos do que vinte páginas de referências científicas sobre o assunto. Especificamente apenas sobre subsidência, são listados 29 estudos científicos. (Relatório Final - CPI da Braskem, 2024, p.185)



Fonte: Fotografias de Laryssa Owsiany - Maceió, janeiro de 2024

Críticas ao poder público e a conivência do IMA com os sucessivos crimes cometidos pela mineradora estampam os muros das áreas atingidas. Existe um lapso temporal de 19 anos sem qualquer registro documental de controle ambiental em Alagoas. Ao ser questionado pela CPI da Braskem, o Instituto do Meio Ambiente (IMA) responde que:

(...) não foram encontrados na base do arquivo deste IMA/AL processos pretéritos ao ano de 2005, referentes à atividade de mineração de Salgema, com exceção do RIMA [mencionado acima], e que acredita-se que tais processos foram extraviados do Órgão. (Relatório Final - CPI da Braskem, 2024, p.188)

Em 1987, “o caçador de marajás”, Fernando Collor assumiu o cargo de governador de Alagoas. Após o assombro de um passado recente, marcado por 21 anos de ditadura civil-empresarial-militar, o ano 1988 marca de forma significativa o processo de redemocratização brasileira através da promulgação da Constituição Cidadã que dentre as muitas conquistas, consagrou os direitos ambientais como parte fundamental dos direitos humanos e introduziu mecanismos que exigem uma atuação tanto do Estado quanto da sociedade para garantir sua preservação.

O início da década de 90 foi marcado pela primeira eleição por voto direto após o regime militar. Fernando Collor, um velho conhecido da política alagoana, se tornou o presidente mais

jovem da história do Brasil, e o primeiro a ser afastado por impeachment no país. Mais adiante retornarei à Família Collor, mas por hora essa contextualização cronológica é importante para evidenciar como atores políticos locais estão absolutamente entrelaçados com contextos mais amplos.

Um artigo datado de 1992 cuja autoria é atribuída à Álvaro Maia e Paulo Cabral foi apresentado em um congresso em Houston<sup>64</sup> e se tornou uma das principais evidências utilizadas durante a CPI da Braskem (2024) cujo objetivo era comprovar que os procedimentos adotados em Maceió estavam errados e que funcionários da empresa sabiam disso. Paulo Cabral, um dos autores, foi considerado pelo senador e relator da CPI, Rogério Carvalho uma figura central para a apuração dos ilícitos da Braskem. O estudo de 1992 apresentava:

cálculos e ilustrações comprovando que o diâmetro das minas deveria ser de no máximo de 53 metros e a distância de eixo a eixo entre as cavernas deveria ser de pelo menos 100 metros e que a camada mineralizada acima das cavidades de sal-gema em Maceió era uma “rocha muito fraca”, e que era possível a existência de subsidências da superfície. Paulo Cabral, um dos autores do artigo, era o engenheiro de minas responsável pela elaboração dos planos de aproveitamento econômico (PAEs) realizados em 1977, 2003 e 2013 mantendo relações com a empresa durante os seus três diferentes nomes, Salgema, Trikem e Braskem. Além disso, foi o Gerente-Geral de Planta de Mineração da Salgema por 30 anos. O senador Rogério Carvalho (PT-SE) relator da CPI da Braskem considera Cabral uma figura central para apuração dos “ilícitos praticados pela Braskem (e empresas antecessoras)”. (AGÊNCIA BRASIL, 2024)

Paulo Cabral foi um dos convocados para depor na CPI e através de uma solicitação de sua advogada de defesa, o ministro Alexandre de Moraes concedeu parcialmente uma ordem de Habeas Corpus<sup>65</sup> que lhe dava o direito de ficar calado se sua resposta o comprometesse. Entretanto, seu comparecimento era obrigatório, mas ele não se apresentou à CPI. Isso fez com que fosse aprovado a quebra de sigilo telefônico, telemático, fiscal e bancário<sup>66</sup> e determinado uma

---

<sup>64</sup> Costa AM, de Melo PRC. Stress analysis and sizing of caverns mined by dissolution of halite of the evaporitic basin at the State of Alagoas in Brazil, Alagoas State-Brazil. Solution Mining Research Institute. Fall Meeting, October 19-22, 1992, Houston, Texas. Disponível em: <https://smri.memberclicks.net/assets/docs/Abstracts/1992/Fall/M92F-Maia%20da%20Costa%2CAStress%20Analysis%20and%20Sizing%20of%20Caverns%20M.pdf> Acesso em 22 de jun de 2024.

<sup>65</sup> Habeas Corpus nº 240.803, de 4 de maio de 2024: “(a) manter o efeito convocatório, tendo o paciente, na condição de testemunha, o dever legal de manifestar-se sobre os fatos e acontecimentos relacionados ao objeto da investigação, estando, entretanto, assegurado o direito ao silêncio e a garantia de não autoincriminação, se instado a responder perguntas cujas respostas possam resultar em seu prejuízo ou em sua incriminação”

<sup>66</sup> Os sigilos bancário e fiscal foram quebrados desde 1976, ano em que Paulo Cabral de Melo começou a atuar na mineração em Maceió, até o momento presente. E as ligações, redes sociais, documentos, whatsapp e e-mails armazenados no google desde 2005.

convocação coercitiva para a próxima reunião. Ao comparecer na semana seguinte iniciou sua fala ressaltando sua formação acadêmica e logo em seguida disse:

Eu estou atualmente respondendo a inquérito policial, em que sou considerado investigado. Sofri busca e apreensão em minha residência, às 5h da manhã. Além disso, a CPI determinou a quebra dos meus sigilos fiscal, bancário, telemático e telefônico, em períodos que variam de 48 anos a 19 anos, tanto da minha pessoa física como da minha empresa de consultoria - pessoa jurídica. Por esses motivos, por orientação da minha advogada que me assiste, está presente, eu não devo responder às perguntas relativas à minha atividade na Braskem ou denominações anteriores da empresa, apesar de respeitar o trabalho desta CPI e de todos os Senadores aqui presentes. Pela minha posição jurídica nesses procedimentos, não poderei falar.

(Paulo Cabral em depoimento para a CPI da Braskem - 14/05/2024)

Durante a oitiva, Cabral foi interrogado de forma assertiva e não respondeu absolutamente nenhuma pergunta. A cada novo questionamento se dirigia aos parlamentares como nobre senador, eminente relator alternando em frases curtas as justificativas de “que ficaria em silêncio”, e/ou “permaneceria calado”. É importante relatar que a CPI já estava praticamente concluída, tendo o seu relatório final divulgado apenas um dia após o depoimento de Paulo Cabral.

A própria empresa já havia assumido a responsabilidade de forma pública durante sessões anteriores e isso fez com que a indignação por ele se recusar a ajudar a esclarecer alguns fatos fosse crescente. Ele não permaneceu em silêncio de forma literal, ele disse em voz alta mais de 30 vezes frases como: “eu me manterei calado, nobre Senador”; “eu ficarei, mais uma vez, em silêncio, eminente Senador”; “também renovo o meu silêncio à sua indagação” e diversas variações similares.

A referência ao artigo de 1992 foi utilizada diversas vezes para questioná-lo, como por exemplo quando Rogério de Carvalho (PT-SE), relator da CPI lhe indagou sobre “autoafirmação acadêmica de vossa senhoria de que o que estava sendo feito na lavra em Maceió estava fora do próprio parâmetro que vossa senhoria considerava o parâmetro adequado para a exploração de sal-gema”. O presidente da CPI Omar Aziz (PSD-AM), também o confrontou Paulo Cabral dizendo:

Sr. Paulo, o senhor é engenheiro, formado há 50 anos e tem uma história na mineração. O que nós estamos tentando aqui, com que o senhor poderia estar contribuindo, é evitar que novos desastres iguais a esse aconteçam no país, e isso só será possível com o senhor ajudando a CPI a saber quais foram os erros cometidos. (...) O senhor daria uma grande contribuição ao Brasil e às pessoas que

foram afetadas nesse momento, ou futuramente a outras pessoas, se o senhor, que escreveu o artigo, que na prática fez uma coisa e no artigo falou outra coisa, pudesse dar essa contribuição para a gente. Ninguém vai obrigar o senhor a se autocriminar, mas que há falhas, que há coisas a serem corrigidas, há. (Omar Aziz - CPI da Braskem 14/05/2024)

Dando seguimento a lista infinita de “acidentes” envolvendo a Salgema, destaco alguns outros episódios da década de 90. Diversas contaminações ocasionaram infiltração nos lençóis freáticos, como por exemplo o vazamento de organoclorados da lagoa de decantação da Alclor Química de Alagoas<sup>67</sup> que atingiu gravemente o tabuleiro de Marechal Deodoro em 1991 e a contaminação da Lagoa Mundaú em 1993. Há registro jornalístico de pelo menos mais três acidentes que feriram trabalhadores em 1993 ocasionados por uma explosão na torre de secagem de cloro da Salgema e problemas na junta de vedação de salmoura.

O sindiquímica anotou ainda oito acidentes na casa de células da Salgema, morte de eletricista por descarga elétrica, vazamento de dicloroetano na Salgema e na tubovia entre a empresa e a Cinal; vazamento de DCE no trocador de calor, em um dos reatores da Salgema, este causando queimadura em dois funcionários e mais vazamento de DCE pela gaxeta de uma bomba da empresa, fato que lesionou outro trabalhador. No editorial “quadro adverso”, o Diário ainda manifestou indignação pela falta de punição para recorrentes acidentes. (Cavalcante, 2020, p. 62)

O impressionante volume de 150 toneladas de dicloroetano que “vazou da Salgema” na madrugada de 26 de maio de 1995 é mais um desses casos que parecem não ter fim. Nessa ocasião, o Instituto do Meio Ambiente (IMA) emitiu uma nota de esclarecimento de que o acidente foi gerado pela corrosão dos parafusos de inox, sendo que os especialistas na época afirmaram que estes parafusos deveriam ser de aço de carbono. Já em março de 1996, outro registro de vazamento, desta vez de um volume menor, mas não menos perigoso “seis toneladas de dicloroetano, uma substância altamente corrosiva, inflamável e tóxica - de uma tubulação intermediária entre a Salgema e a Companhia Petroquímica de Camaçari (CPC)”. Um caminhão tanque foi mobilizado para succionar o efluente e o enviar à Salgema que declarou na época que suspeitava de que o vazamento fosse fruto de uma sabotagem em seus equipamentos. (Cavalcante, 2020, p.80)

---

<sup>67</sup> A Alclor Química era responsável pela fabricação de epicloridrina a partir do cloro produzido pela Salgema. Joaldo Cavalcante (2020) nos apresenta recortes da Gazeta de Alagoas datados de abril de 1991 que registraram que a descontaminação do lençol freático custaria mais de US\$ 3 milhões. (Cavalcante, 2020, p.133)

O volume de produto informado [em 1995], constante na nota do IMA, teve como fonte a própria empresa. Não havia estrutura oficial à época capaz de fiscalizar e checar tais dados. O episódio gerou severos protestos de parlamentares e do Movimento pela Vida, que denunciaram a gravidade da situação e a iminente poluição da lagoa, pois a pluma formada pelo DCE se deslocaria em direção ao canal lagunar. (Cavalcante, 2020, p.80)

O Jornal O Diário, de 17 de abril de 1996, cravou na primeira página o título: “Salgema já provocou 23 acidentes, inclusive com morte, desde 1990 - Mas Odebrecht diz que CPI dos vereadores é política e que imprensa exagera” (Cavalcante, 2020, p.61) A citação anterior evidencia novamente que o clamor por comissões parlamentares de inquérito sempre existiu. E foi neste período, o início da estratégia de rebranding que mudaria o nome da Salgema pela primeira vez. O Grupo Odebrecht formou a TRIKEM S.A., a partir da fusão da Salgema S/A, PPH, Polioleofinas e CPC em 1996. A empresa se chamou Trikem S.A até o ano de 2002 quando se tornou BRASKEM a partir da fusão da Trikem com outras empresas do setor: COPENE, OPP, Trikem, Nitrocarbono, Proppet e Polialden.

Já sob o nome de Braskem, os “acidentes” continuaram a ser noticiados, escolho destacar aqui apenas os mais emblemáticos, como os dois episódios que resultaram em uma multa para a Braskem no valor 583 mil reais em maio de 2011. No dia 21, duas tubulações do parque industrial se romperam atingindo a comunidade Pingo D'Água e intoxicando 152 pessoas, 16 em estado grave e apenas dois dias depois uma nova explosão acabou deixando cinco funcionários feridos.

Nos dias 21 e 23 de maio de 2011, quando ocorreram explosões, seguidas de rompimento de tubulação e vazamento de gás cloro, intoxicando 152 pessoas da comunidade. Por conta da gravidade do acidente, prestadores de serviço da empresa se feriram gravemente. Após dois acidentes, a Justiça determinou, à época, a paralisação de toda a produção da Braskem em Maceió. (Cavalcante, 2020, p.69)

Em 2013, a Defesa Civil de Maceió foi acionada por moradores do Edifício Araçá, localizado no Conjunto Jardim Acácia, no bairro do Pinheiro, por conta da abertura de crateras na calçada e rachaduras no prédio. A Defesa Civil informou que tudo estava sob controle e não havia motivo para pânico como é relatado em uma reportagem do G1 daquele ano (G1,2013). E em abril de 2015, a Braskem foi autuada, pelo Instituto do Meio Ambiente (IMA), pelo vazamento no salmouroduto. Apesar de todas as evidências, em 2016, o IMA renovou a licença ambiental para as atividades de extração da empresa, ignorando fatos que já estavam sendo apontados há décadas.

### 1.3 “A Braskem é a dona da rua, é dona até de gente”

Isso aqui é da Braskem, não é municipal, nem estadual, nem federal. Isso aqui é da Braskem! As ruas, as praças, as igrejas, é tudo dela! O patrimônio histórico é dela! Não é mais da Unesco! Nem a Unesco manda mais! Ela é dona até de gente, se ela pagou os moradores comprou eles também!

( marisqueira, moradora dos Flexais)

Entre abril de 2019 e setembro de 2020, a Braskem assinou 4 termos de cooperação técnica com a Prefeitura de Maceió<sup>68</sup>. Um dos acordos mais relevantes para essa contextualização é o que prevê a transferência de áreas públicas do município para a Braskem (Jornal de Alagoas, 2023a). Além dos logradouros em geral, largos, praças, jardins, parques e calçadas estão entre os previstos.

Se a Braskem quisesse, ela já tinha mandado um oficial para tirar a gente daqui. Isso aqui é dela. Aqui é dela. A rua é dela, não só os imóveis. Eu tô multado com o Valdemir, o Romualdo, e mais um monte de gente, tá todo mundo com processo de justiça aí. Porque a gente passou ali dois meses acampado na rua, na porta da Braskem ali. Não sei quando é que vão nos julgar.

(Sassa - Trecho de diário de campo / protesto nos Flexais, 2024)

O trecho da conversa com Antônio, mais conhecido como Sassa destacado acima faz referência ao ano de 2021, período em que a Justiça proibiu protestos na frente da sede da Braskem, no Pontal da Barra. Se permanecessem, os manifestantes estariam sujeitos a uma multa cumulativa de R\$ 5 mil por dia, além da responsabilização criminal por desobediência. Assim como Sassa, diversos interlocutores importantes desta pesquisa como Alexandre Sampaio e Pastor Wellington Santos figuram entre as lideranças comunitárias processadas pela mineradora.

A própria etimologia da palavra acordo pressupõe que haja uma concordância mútua entre ambas as partes envolvidas em qualquer situação. Não houve acordo. As “vítimas”<sup>69</sup> não foram representadas por nenhuma entidade da sociedade civil nem por seus advogados. Tudo foi realizado envolvendo exclusivamente os Ministérios Públicos e a Defensoria Pública da União e posteriormente sancionados pela Justiça Federal.

---

<sup>68</sup> Os termos de cooperação podem ser consultados em: <https://www.braskem.com.br/termos-de-cooperacao#> Acesso em: 04 nov. 2024

<sup>69</sup> Utilizo a categoria vítimas como uma categoria nativa, tendo como referência o termo utilizado pelo movimento unificado de vítimas da Braskem MUVB.

Em janeiro de 2020, meses após a conclusão dos estudos da CPRM, da Defesa Civil do Brasil e da Defesa Civil Municipal, foi divulgado um Termo de Acordo firmado pelos Ministério Público Estadual e Federal, pelas Defensoria Pública Estadual e Federal com a empresa Braskem, sem a participação dos atingidos. O Acordo anexava um novo mapa, que foi o primeiro esboço de setores de danos e zonas de desocupação dos bairros, e apontava uma área total de 242 hectares que envolvia 4.500 imóveis a serem desocupados no menor tempo possível; e apontava ainda imóveis sob monitoramento, que poderiam ser desocupados futuramente. Esse Acordo define um Programa de Compensação Financeira e Apoio à Realocação (PCF), ofertado pela mineradora, que envolve o auxílio à desocupação no valor de R\$ 5 mil, um auxílio aluguel de R\$ 1 mil, custeio de transportadora e de serviços imobiliários, assim como a disponibilização de depósitos para bens móveis e, finalmente, apoio psicológico e assistência social (Braskem, 2020). O Programa passou a ser utilizado em janeiro de 2020, iniciando a desocupação dos imóveis pela encosta do Mutange e das áreas de resguardo dos poços de exploração no Pinheiro e no Mutange. Com o contínuo monitoramento do processo de subsidência, em julho de 2020, uma nova versão do mapa com as áreas de risco foi divulgada, sendo incluídos quase 2.000 imóveis; meses depois, em setembro de 2020, outra versão foi apresentada; e de novo, em dezembro de 2020, o Ministério Público publicou um segundo termo aditivo do acordo com a empresa Braskem onde foi incluído mais imóveis no PCF. Em todas as vezes as definições aconteceram sem nenhuma participação popular. (Bulhões, 2023, p.29)

Com o reconhecimento do estado de emergência, a Defesa Civil de Maceió iniciou o cadastramento para que famílias em áreas de risco pudessem ter acesso a um auxílio-moradia, que seria pago pela União. Entretanto, muitos moradores começaram a deixar suas casas por conta própria, sem qualquer auxílio, pelo medo do que poderia vir a acontecer. Uma declaração feita pela arquiteta Gardenia Nascimento ao Portal Alagoas de Verdade (2021) ilustra muito bem como as desocupações aconteciam:

Imagine que você está na sua casa e recebe um comunicado de que tem um mês para desocupar tudo. Se você não sair, mandam cortar a sua água e a sua energia. Você é obrigado. Você vai sair porque sou eu quem estou mandando. Eu vou lhe pagar mil reais por mês para você alugar algum lugar. Não me importa se a sua família tem 10 ou duas pessoas. Depois disso, eu vou dizer que em algum momento eu vou ligar pra lhe dizer quanto vale a sua casa. Sim, porque você vai vender pra mim, mas sou eu quem digo o preço. E você vai esperar um mês, dois meses, três, um ano. Sem poder planejar a sua vida.

(Gardênia Nascimento em entrevista ao Portal Alagoas de verdade, 2021)



Fonte: *Cotidiano Fotográfico/ Carlos Eduardo Lopes (à esq) e Laryssa Owsiany (à dir).*

Não há como ignorar a pandemia dentro dessa cronologia. Na fotografia acima, é possível ler “A Braskem mata mais que a Covid 19”. A imagem da esquerda é de autoria de Carlos Eduardo Lopes, e a da direita é minha, já desgastada pelo tempo. O trabalho do tempo no desaparecimento das provas desse crime, seja por ação ‘natural’ ou não, precisa ser evidenciado. E definitivamente a pandemia não é algo trivial no conjunto de toda a tese.

Salienta-se que as remoções a partir do PCF foram acontecendo concomitantemente com a pandemia pela contaminação do novo coronavírus (Sars-CoV-2), causador da Covid-19. Durante um período de inseguranças e medo, quando o isolamento social era uma das principais recomendações dos órgãos de Saúde mundiais, grande parte da população atingida precisou deixar seus lares, causando ainda mais abalos psicológicos. O período dificultou ainda mais as articulações comunitárias, uma vez que além dos moradores terem se distanciado uns dos outros, devido às desocupações, a pandemia arrefeceu a continuidade das manifestações coletivas, em virtude da necessidade do distanciamento social. (Bulhões, 2023, p.33

#### **1.4 O colapso da mina 18 e “a tragédia que não existiu”**

Desde outubro de 2023 ‘novos’ tremores de terra começaram a ser relatados por moradores dos bairros atingidos pela mineração e registrados na página do Instagram do Movimento

Unificado de Vítimas da Braskem (MUVB). Menções de que “eram leves e rápidos, mas causavam uma sensação de tontura”, que o “lustre e a cama tremeram” e que o “guarda-roupa bateu” podem ser encontradas nas postagens do período. Além disso, há registro feito pelos moradores do Condomínio Morada das Árvores localizado em frente à sede da Defesa Civil em que afirmavam que ao denunciar recebiam a resposta de que nada havia sido registrado nos sismógrafos. Somente no dia 29 de novembro de 2023, a Defesa Civil de Alagoas confirmou que havia risco de colapso em uma das minas monitoradas pelo órgão. O solo ao redor da mina 18 da Braskem, estava afundando a uma velocidade média de 1cm/hora, em alguns dias esse número chegou a ser noticiado como 2,6 cm/hora.

A evacuação emergencial foi autorizada, inclusive com o uso de força policial, devido à rápida subsidênci a do solo na região. Segundo o Capitão Augusto, da Coordenação Estadual de Defesa Civil, em declaração à TV Gazeta, a taxa de afundamento chegou a 50 centímetros por dia. A Defesa Civil não descartava a possibilidade de um *sinkhole*<sup>70</sup> e informou que o diâmetro máximo da cratera poderia chegar a atingir 300 metros.

No mesmo espaço-tempo em que os alertas sobre o colapso da mina 18 eram disparados, a participação de diretores da Braskem era aguardada em dois painéis para discutir sustentabilidade, entre os dias 8 e 11 de dezembro na COP 28 (Conferência do Clima da Organização das Nações Unidas, realizada em Dubai). Muitos protestos foram realizados por ativistas brasileiros e em nota repercutida na imprensa, a petroquímica afirmou que diante do agravamento da crise de Maceió, a empresa achou melhor cancelar sua participação para evitar que “o assunto sobrepujasse quaisquer outras discussões técnicas, dificultando eventuais contribuições que a empresa pudesse oferecer”. (Mendonça, 2023)

Com o objetivo de manter uma aparência de empresa verde e amiga do meio ambiente, a Braskem promove ações de reciclagem, economia circular e descarte de resíduos em festivais de música como o Lollapalooza, Popload Festival, The Town e o Rock in Rio<sup>71</sup>. Além é claro do intenso marketing realizado em parceria com o Big Brother Brasil e a Rede Globo que já dura várias edições.

A disputas entre a Braskem e os atingidos pela mineração em Maceió está além das espacialidades físicas, das decisões jurídicas, da (des)apropriação da área. No campo das memórias, as disputas se estabelecem no cotidiano, enunciada por moradores, mídias e pela assessoria de comunicação da própria empresa. De um

---

<sup>70</sup> Os sinkholes ou também denominados vazios de superfície são escorregamentos de terra que criam enormes crateras, levando para o seu interior tudo o que se encontra no diâmetro do vazio, podendo incluir casas, carros e prédios.

<sup>71</sup> Em seu site oficial, a mineradora dedica uma página só para as divulgações de resultados de impacto ações patrocinadas por ela em festivais musicais pelo Brasil. <https://www.braskem.com.br/festivais-de-musica> Acesso em: 05 abr. 2025

lado há a tragédia narrada pelos que perderam suas casas, seu lar, parte de suas histórias; do outro, as estratégias discursivas da mídia e da empresa, publicando em números, alardeando apoios financeiros, psicológicos, divulgando projetos sociais, patrocinando entretenimentos nacionais, como o BBB, e participando de eventos relacionados à sustentabilidade – práticas ou estratégias de mercado conhecidas como marketing verde e greenwashing. (Correia; Silva, 2023, p.102)

No dia 26 de janeiro de 2024 o Instagram do MUVB compartilhou os resultados de um estudo que indicava que um novo sonar revelou uma caverna gigante ocasionada pela união de duas minas, a 20 e 21. O resultado mostra que a cavidade sofreu alterações e avançou aproximadamente 5 metros rumo à superfície e que “dentro da cratera caberiam quase 4 estátuas do Cristo Redentor empilhadas” (Correia, 2024). Quando ressalto a dimensão imprevisível de um crime corporativo em andamento, é porque em outubro de 2024, foi outra mina a responsável por instaurar o medo, a de número 27.

A Defesa Civil, que acompanha a situação e monitora o local ininterruptamente, informa que a operação de enchimento da Mina 27 foi interrompida após a identificação de um desnível superficial, durante inspeções de rotina no terreno nessa região. (O jornal Extra, 2024)

Se no início do presente capítulo eu disse que a mineradora seguia sem qualquer responsabilização penal, escolho terminar esse esforço cronológico de sistematização destacando o trabalho da CPI da Braskem instaurada em 2024. Embora a maior parte deste capítulo tenha sido escrito antes, o trabalho da comissão parlamentar de inquérito foi essencial para arrematar muitas pontas soltas. Durante 3 meses eu acompanhei todas as sessões ao vivo na TV senado, além disso mapeei o site que foi<sup>72</sup> criado com o objeto de reunir relatos e perguntas que os atingidos gostariam que fossem respondidas durante as audiências.

Recebemos denúncias de coação moral, de assimetria nas negociações, de acordos firmados em estado de necessidade, com cláusulas de confidencialidade, de quitação de obrigações e de exoneração de responsabilidade, sob o patrocínio de agentes públicos. Recebemos denúncias de venda forçada, de falta de transparência nos cálculos e de subavaliação de imóveis, por empresa escolhida e remunerada pela própria Braskem. Recebemos denúncias de demora injustificada nas negociações, de indenizações uniformes e de reparações que não tiveram por objetivo a manutenção do padrão de vida das populações afetadas. Recebemos denúncias, enfim, de que as vítimas foram duplamente vítimas: do afundamento do solo e da leniência do poder público. (Relatório Final da CPI da Braskem, 2024, p. 16 e 17)

---

<sup>72</sup> Para acessar o site <https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaoaudiencia?id=28022> Acesso em: 01 nov. 2024



*Fonte: Cotidiano Fotográfico - Fotografia de Carlos Eduardo Lopes.*

Ciente de que a indenização compensatória é fruto de críticas acadêmicas e políticas, comprehendo que ela consiste em apenas uma parte do que é definido pelo campo dos Direitos Humanos como reparação integral. “O dinheiro apaga o sofrimento das vítimas e seus familiares? A resposta é: não, mas é necessária para reorganizar e reconstruir a vida após o crime, no mundo realmente existente.” (Vieira, Giménez, Pinheiro, 2022, p.61)

Ainda que o Brasil seja signatário de uma série de pactos e acordos internacionais que definem a reparação integral como elemento chave do sistema de direitos humanos em vigência, a dificuldade de garantir estes procedimentos tem se apresentado como um desafio para os movimentos sociais, organizações comunitárias e assessorias técnicas populares que fazem parte dos processos de construção de políticas públicas para definir responsabilidades, promover ações de mitigação dos impactos provocados e construir as modalidades de reparação dos danos individuais e coletivos referidos às próprias perdas materiais, danos à saúde física e emocional, mas também às relações produtivas e de geração de renda, relações ecossistêmicas, mas também relações comunitárias, tradições, manifestações culturais e religiosas, atividades educativas e de lazer, modos e projetos de vida, entre outros; ou também, reparar o irreparável. (Vieira, Giménez, Pinheiro, 2022, p.56)



*Fonte: Cotidiano Fotográfico - Fotografia de Carlos Eduardo Lopes.*

Se, por um lado, é escassa ou quase nula bibliografia que explicita os métodos utilizados para valorar danos neste tipo de processos; por outro, a literatura acadêmica insiste, desde uma perspectiva teórica crítica, na impossibilidade de reparar e restituir as perdas neste tipo de crimes que atingem a dignidade da pessoa, e por tanto sua anulação como horizonte de possibilidade. Partindo destes dilemas e compromissos, e sem perder a perspectiva realista que põe em tensão a impossibilidade teórica frente à necessidade e urgência prática das comunidades atingidas, nossa tarefa foi tentar desenhar uma ferramenta coletiva, que permitisse encaminhar processos de justa indenização individual ou familiar, ao mesmo tempo em que garantisse processos de organização e participação comunitária que desse acumulo à organização e luta na defesa dos direitos humanos em vistas a uma verdadeira reparação integral. É essa ferramenta que denominamos matriz de danos. (Vieira, Giménez, Pinheiro, 2022, p.50/51)

Durante outras empreitadas etnográficas que acompanhei sobre a questão ambiental, participei de um encontro com Bayo Akomolafe<sup>73</sup> em 2020. Em determinado momento, o ativista perguntou aos presentes se nós sabíamos qual era o preço dos oceanos? Absolutamente todas as

<sup>73</sup> Bayo Akomolafe é um filósofo negeriano e uma importante referência para pensar a crise climática a partir de uma perspectiva decolonial. Ele integra o Coletivo Gesturing Towards Decolonial Futures (GTDF) que acompanhei durante muitos anos. Para conhecer mais do seu trabalho acessar: <https://www.bayoakomolafe.net/> Acesso em: 02 nov 2024

pessoas concordaram que esse valor não existia, era algo impossível de especificar. Mas a verdade é que estávamos errados, de acordo com o World Wildlife Fund (WWF), os oceanos da Terra valem o equivalente a 24 trilhões de dólares em bens e serviços (Terra, 2024a). Outro exemplo citado foi o de que as baleias vivas no Brasil valem 82,5 bilhões de dólares, informação também confirmada em reportagem escrita por Chamorro (2020) para o National Geographic. Eu me lembra deste encontro tão marcante para mim em cada crítica que ouvia sobre o programa de compensação financeira da Braskem e me questionava se realmente tudo nessa vida é passível de especificação.

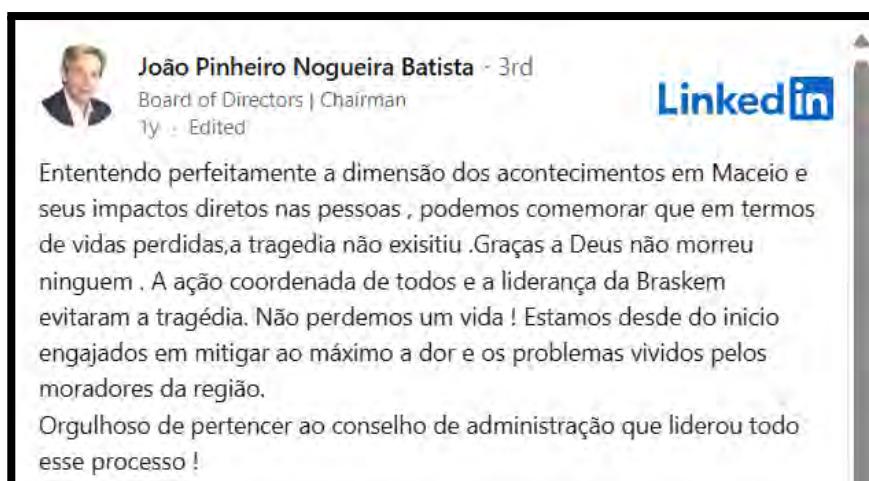
Neste sentido, como se costuma dizer, a reparação é legal e simbólica. Legal porque, como ato de reparação depende das leis e da justiça, mas o seu significado está sujeito à subjetividade da vítima. Ou seja, será apenas a vítima a estabelecer a relação absolutamente singular entre o que a reparação oferece e o que perdeu. (Vieira, Giménez, Pinheiro, 2022, p.62)

O relatório final propôs o indiciamento de 3 empresas e 11 pessoas e concluiu que a Braskem sabia da possibilidade de subsidência do solo e mesmo assim decidiu assumir o risco de exploração das minas para além de sua capacidade segura. Além disso, manipulou órgãos de fiscalização inserindo informações inconsistentes em documentos públicos para que pudesse manter a exploração de sal-gema. Em contrapartida é preciso pontuar que o resultado final apresentado no relatório não é considerado satisfatório por muitas pessoas que foram diretamente atingidas. Uma das críticas centrais ao documento é a falta de profundidade atribuída às questões das vítimas, privilegiando a questão minerária brasileira. (Galindo, 2024, p. 244)

Se os fatos aqui descritos puderam ocorrer, durante 40 anos, na região central da capital de um Estado brasileiro, o que diremos da exploração de sal-gema sob o solo de cidades pequenas, afastadas das grandes metrópoles, cujas autoridades e habitantes talvez não tenham força para lutar contra os atrativos econômicos e tributários, contra as promessas de desenvolvimento industrial, contra as falsas garantias de segurança total dos projetos? O crime ambiental de Maceió deve nos servir de exemplo. Desde o início esta CPI pretendeu fazer, do caso Braskem, um evento-sentinela: que servisse de alerta, que ajudasse a compreender a natureza do problema, que nos preparasse para a ação e mitigasse as sequelas da atividade minerária. Depois de Mariana e de Brumadinho, não podíamos mais interpretar Maceió como um caso isolado. Sabíamos que havia algo de errado, de muito errado, com o setor da mineração no Brasil. (Relatório Final - CPI da Braskem, 2024, p.669)

O conceito de evento sentinel<sup>74</sup> foi amplamente utilizado durante a CPI. Uma grande revisão da literatura é apresentada no relatório final, com casos semelhantes na Polônia, na França, Romênia, Itália, Bósnia-Herzegovina, Estados Unidos e no próprio Brasil, que poderiam ter servido como alerta para que se evitasse o desastre em Maceió. Tornar o caso Braskem “um evento sentinel significa, em primeiro lugar, reconhecer que há uma regularidade subjacente aos desastres causados pela mineração: a fragilidade do modelo regulatório brasileiro.” (Relatório Final - CPI da Braskem, 2024.p. 14) Ou nas palavras de quem atua diretamente na elaboração de matriz de danos para crimes de mineração “a ausência de reparação faz parte da impunidade e a impunidade propicia a repetição”. (Vieira, Giménez, Pinheiro, 2022, p.70)

João Paulo Nogueira Batista (2024), conselheiro administrativo da Braskem publicou em seu Linkedin que “a dita tragédia de Maceió não existiu”. A publicação causou uma imensa revolta, e após ser contatado pela Folha, ele alterou parte do texto e inseriu o trecho “em termos de vidas perdidas”, a “dita tragédia” não existiu. (Madeiro, 2024) E para embasar seu posicionamento, inseriu um link do Conselho Nacional de Justiça cujo título é “Caso Pinheiro: a maior tragédia que o Brasil já evitou” (CNJ, 2021)



*Reprodução: Uol - Madeiro, 2024.*

Grande parte dos argumentos utilizados em reação à fala de Batista, conselheiro da Braskem, enfatizam o número de suicídios e demais mortes humanas derivadas de depressão, falências, doenças crônicas e uso de medicamentos psiquiátricos. Isso sem contar a mortandade do ecossistema lagunar que afetou toneladas de peixes, sururus. E também os impactos significativos em muitos outros animais que foram abandonados pelos bairros.

<sup>74</sup> No âmbito da vigilância epidemiológica, eventos sentinelas são casos específicos que servem como sinal de alerta para ameaças à saúde pública, como surtos e epidemias. São eventos que inspiram cuidados especiais, monitoramento rigoroso e o desencadeamento de ações imediatas para evitar que se disseminem ou que afetem a segurança de todos. Entendemos que o conceito – e os procedimentos sanitários a ele associados – também pode e deve ser usado para situações, como a de Maceió, que permitem identificar e prevenir ameaças gerais associadas à atividade minerária no Brasil. (Relatório Final - CPI da Braskem, 2024.p. 13)

## É como um apocalipse debaixo d'água

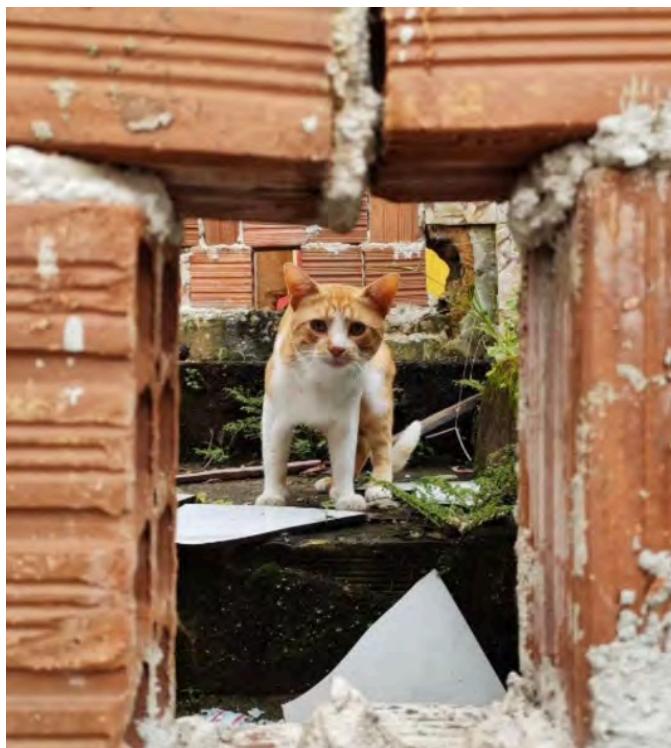
Morte de sururu, borbulhas na água e surgimento de 'sururu branco' evidenciam crimes ambientais na Lagoa Mundaú

### A situação dos animais abandonados nos bairros atingidos pela mineração da Braskem

### Mais de 1 tonelada de peixes mortos na Lagoa Mundaú

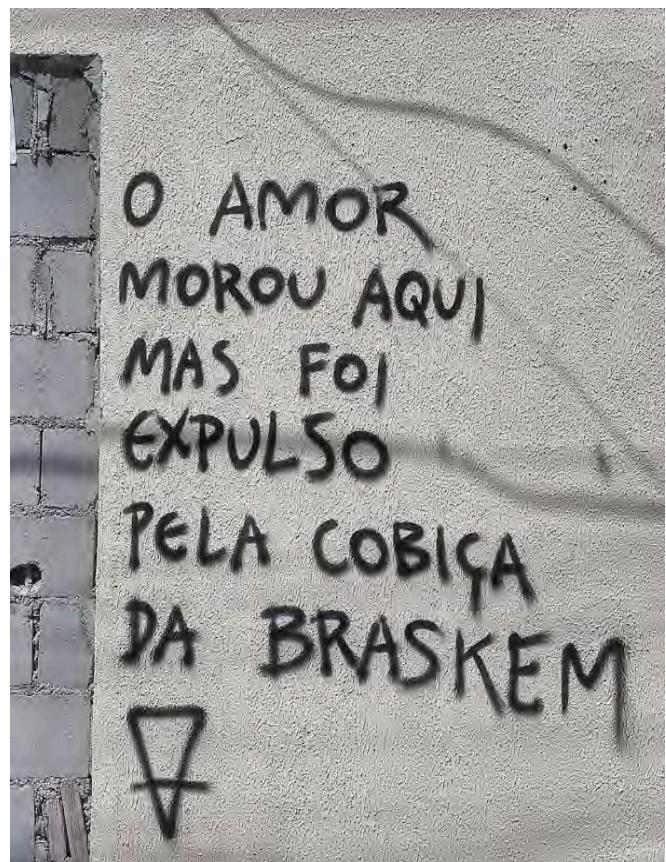
Pescadorés e marisqueiras acusam Braskem por grande mortandade ocorrida no final de semana

Fonte: Colagem feita por Laryssa Owsiany a partir de manchetes da Mídia Caeté (2022), 081 notícias (2022) e Tribuna Hoje (2024)



Fonte: Cotidiano Fotográfico - Fotografias de Carlos Eduardo Lopes.

Os relatos sobre a impossibilidade de precificação das memórias, da vida e do cotidiano compartilhado me atravessaram durante o trabalho de campo. As árvores frutíferas, as roseiras, os móveis planejados, a vista para a Lagoa Mundaú, o sol que entrava pela manhã, os animais de estimação, o silêncio ou o barulho crianças jogando bola na rua, os vizinhos são apenas alguns dos muitos exemplos do que mais sentiam falta, do que não foi possível levar consigo.

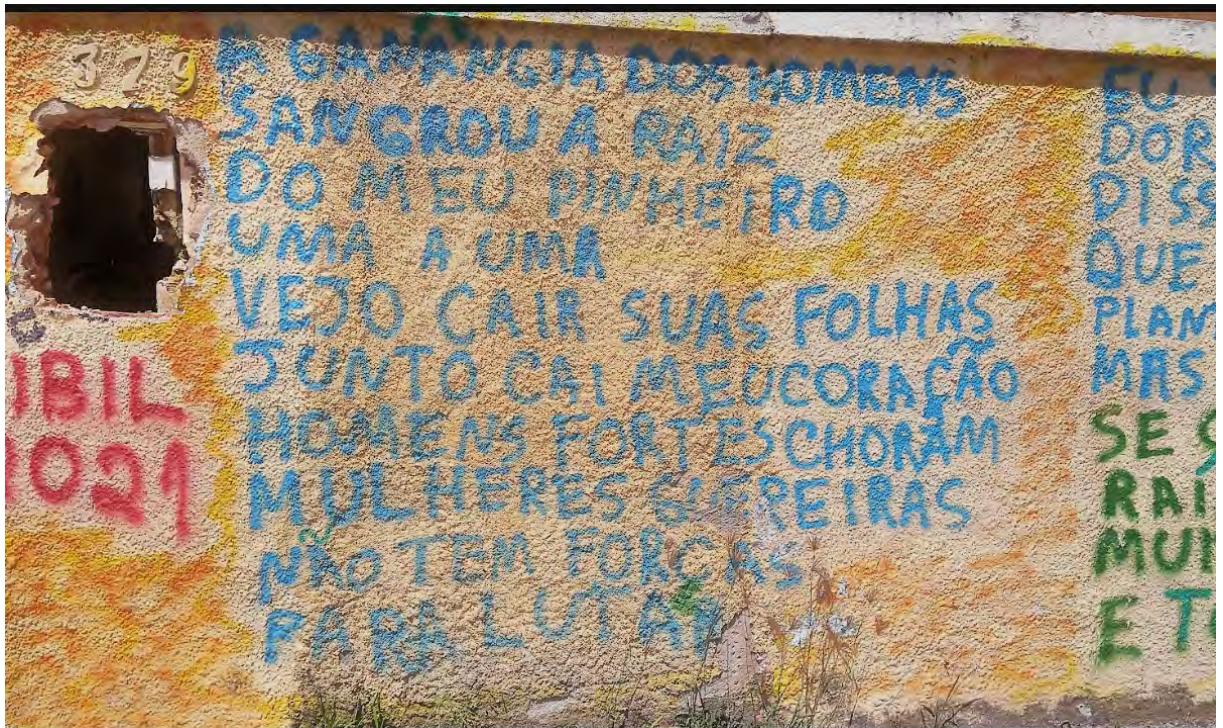


*Fonte: Cotidiano Fotográfico - Fotografias de Carlos Eduardo Lopes.*

Um dos casos marcantes me foi narrado por uma simpática funcionária de um restaurante na Jatiúca<sup>75</sup>. Enquanto almoçava sozinha no balcão, a senhora me fez companhia oferecendo dicas da cidade até que chegamos ao assunto da Braskem. Ela me contou a história de sua comadre, que tinha um profundo rancor da mineradora. Já fazia algum tempo em que era proibido tocar no assunto perto dela, pois ela ficava nervosa só de lembrar, “a pressão subia e era um aperreio só”.

---

<sup>75</sup> Jatiúca é um bairro que faz parte da orla de Maceió, região mais turística da capital, onde me hospedei em janeiro de 2024.



*“Mulheres guerreiras não têm forças para lutar.”*  
Fonte: *Cotidiano Fotográfico - Fotografia de Carlos Eduardo Lopes.*

Eu assumo que algumas vezes encaro o trabalho de campo de uma forma um pouco otimista demais, acreditando que todas as coisas que dão errado fazem parte da experiência etnográfica e essa é a melhor parte de ser antropóloga. Entretanto, chega uma hora em que a exaustão toma conta, falta carisma e disposição para continuar abordando desconhecidos na rua e torcendo para que eles topem conversar. Para cada contato estabelecido, é preciso aceitar que talvez ninguém apareça no lugar marcado, que há muita probabilidade de “levar alguns bolos”, ter e-mails e ligações ignoradas, é preciso viver preparada para “tomar chá de cadeira” e esperar muitas horas até que alguém te dê atenção. Todavia, histórias inacreditáveis podem surgir de forma inesperada e relações duradouras de amizade se consolidarem a partir da experiência etnográfica.

A conversa despretensiosa no balcão do restaurante e o relato de que havia um acordo familiar em que era expressamente proibido pautar qualquer assunto relacionado a Braskem me fez perceber que a maior parte dos meus interlocutores eram ativistas, pessoas muito dispostas a falar. Entretanto, era essencial que ao abordar o assunto Braskem eu considerasse que eu poderia estar evocando dor, traumas e ressentimentos.

Por isso essas regiões de memória são solo fértil para o ressentimento, um sentimento latente, que retorna intermitentemente por causa das situações desonrosas e dos “sofrimentos suportados, que são exortados a não serem

esquecidos" (Ansart, 2004, p. 30). Se for assim, as memórias servem tanto para se situar no mundo como para lutar por ele. (Correia, Silva, 2023, p.117)

Inspirada por Veena Das (2020), o objetivo dessa tese não é descrever momentos de horror ou tornar traumas visíveis. Era preciso que minha abordagem antropológica levasse em conta "o que acontece ao sujeito e ao mundo quando a memória de tais eventos está guardada nos relacionamentos existentes" (Das, 2020, p. 30) O conceito de "conhecimento venenoso", cunhado pela autora, complexifica o debate sobre a exigência de que as vítimas revivam suas experiências para "provar" o que sofreram. Mesmo que esses relatos sejam importantes para a justiça e para a reparação, a forma como são tratados e a pressão para narrá-los repetidamente precisam ser questionados. O legado de Myrian Sepúlveda celebrado postumamente no livro intitulado "Lugares de memórias difíceis no Rio de Janeiro" (2024) também me ajuda a olhar para o indizível como uma importante ferramenta de luta. Encerro então este capítulo agradecendo àqueles e àquelas que escolheram se calar, que não corresponderam às minhas expectativas e o fizeram como uma estratégia legítima de proteção. O silêncio dessas pessoas também preencheu muitas das lacunas desta pesquisa.

## CAPÍTULO II - COM QUANTAS CRISES SE ESCREVE UMA TESE?

O capítulo anterior apresenta um emaranhado de informações sobre o caso Braskem obtidas através de diferentes metodologias e fontes de pesquisa. A verdade é que eu poderia ter tomado conhecimento sobre os sucessíveis crimes da mineradora de várias maneiras, mas foi através do ativismo de uma igreja evangélica que eu o descobri. A Igreja Batista do Pinheiro me conduziu até a Braskem, todavia foi uma questão teórico-conceitual sobre apocalipse climático que me levou até a Igreja e é sobre ela que o presente capítulo se desdobrará. Como parte do objetivo desta pesquisa é abrir a caixa de ferramentas de como se constrói uma tese, este capítulo não dará centralidade ao caso Braskem. Ele se dedica a explorar os caminhos alternativos que foram percorridos até que eu fosse levada até ele.

### **2.1 Espiritualidades ecológicas e o cuidado com a casa comum como inspiração para construção de uma questão de pesquisa.**

Um processo de aprofundamento espiritual fundamentado em práticas de jejum e auto-observação chamado Prana Prasakti<sup>76</sup> foi o tema central de minha pesquisa de mestrado. Em minha dissertação, descrevo detalhadamente minha entrada no campo (Owsiany, 2019). De forma bem resumida, neste capítulo eu descrevo a carona que meu pai me ofereceu para a Comunidade Aham Prema. O local onde o ritual de 21 dias é realizado, fica na zona rural da cidade onde nasci e morei grande parte de minha vida. É importante contextualizar que não há transporte público, nem mesmo por aplicativo, disponíveis para a realização deste trajeto. Eu também não dirigia, e ter o suporte de alguém que conhecia minimamente as estradas de terra foi essencial para que eu conseguisse chegar até o destino.

Durante o trajeto sem sinalização, nos perdemos várias vezes. Já tínhamos tentado pedir informações perguntando pelo nome da Comunidade, pelo Portal Parvati, pelo local onde os retiros de 21 dias eram realizados e também mencionar o nome de moradores “famosos” e nada dava resultado. Até que, andando em círculos, cruzamos com um grupo de pessoas pela segunda vez. Prestes a desistir de procurar, meu pai soltou de forma espontânea que estava difícil achar onde os *hippies* se escondiam. Em meio a muitas risadas, ouvimos como resposta: "se vocês tivessem falado que é onde os *hippies* moram, lógico que a gente saberia" e de prontidão nos indicaram a direção correta.

---

<sup>76</sup> Quando realizei a pesquisa entre 2017 e 2019, o Portal Parvati não possuía site ou redes sociais, agora é possível ver mais detalhes em: <https://www.portalparvati.com/prana-prashakti> Acesso: 05 nov 2024

Este episódio contribuiu de forma significativa para a confirmação de algumas hipóteses da pesquisa no mestrado: Todo mundo “conhecia os *hippies*”, mas poucas pessoas em nossa cidadezinha, com cerca de 5 mil habitantes, onde repetidamente dizemos que “todo mundo conhece todo mundo”, sabiam que um famoso circuito transnacional de pessoas em busca de um retiro espiritualista passava por lá. Na época de meu trabalho de campo, 39 nacionalidades diferentes já haviam sido registradas nos cadernos de efeitos especiais do Portal Parvati (Owsiany, 2019).

Meu pai foi católico durante grande parte de sua vida, hoje é um homem evangélico, diácono e muito ativo nos trabalhos da Igreja Presbiteriana Independente de Soledade de Minas, na qual minha madrasta também exerce o cargo de presbítera. Quando chegamos ao Portal Parvati, super atrasados, ele não quis entrar no templo. Me esperou sozinho por um pouco mais de duas horas em um local bem próximo, onde era possível ouvir tudo que acontecia na oração que eu tinha ido acompanhar. Uma das facilitadoras na época saiu para resolver alguma coisa rápida, o viu de longe e foi até ele. De forma muito simpática, ela desejou boas vindas e perguntou se ele não gostaria de entrar e ele respondeu que me esperaria ali do lado de fora mesmo.

Ao final da oração, quando saí, ele me contou o ocorrido e na mesma hora me perguntou quando é que eu voltava lá de novo. Eu respondi que não sabia ao certo, tinha a questão do deslocamento e antes que eu pudesse completar o raciocínio, ele me interrompeu dizendo: “Eu venho com você, eu te trago sempre que você quiser. Eu quero participar da oração”. Fiquei instigada com o porquê e ele me disse que não tinha participado naquele dia porque ele tinha certeza absoluta que iam falar de Deus como se Deus fosse “a Natureza” e ele não ia gostar, ficaria sem jeito de levantar e sair. E completou: “Mas é Deus, Deus mesmo né? Eles falam de Deus de verdade”.

Retomei esse episódio, pois ao refletir em retrospecto, acredito que esse momento foi o meu primeiro *insight* de que o cuidado com o planeta, com a ‘casa comum’, não necessariamente precisava passar por espiritualidades ecológicas místicas. Há uma associação comum feita entre a sacralização da natureza e algumas práticas esotéricas que a compreendem como uma entidade divina, uma Deusa.

Este assunto ressoa inclusive em debates teóricos: Bruno Latour (2014) por exemplo proferiu uma palestra no Brasil cujo título era “Como ter certeza de que Gaia não é uma deusa?”<sup>77</sup> Ciente disso, não estranhei que meu pai esperasse algo parecido e tivesse uma surpresa ao

---

<sup>77</sup> A palestra foi proferida no evento “Os mil nomes de Gaia: do Antropoceno à idade da Terra” realizado no Rio de Janeiro em 2014 e mais tarde virou capítulo do primeiro volume que leva o mesmo nome do Colóquio publicado pela editora Machado em 2022.

encontrar "Deus de verdade" ali na oração e não "um papo de maluco beleza", como ele brincou depois.

Eu cresci na igreja evangélica e não me recordo de espaços de discussão onde o tema do aquecimento global ou do cuidado com o planeta, ‘a casa comum’, fosse central. Várias datas eram comuns entre a escola e a igreja<sup>78</sup>, mas nunca o dia da árvore, o dia água, o dia do meio ambiente ou até mesmo o “dia do índio”. Um documentário produzido pelo *Fé no Clima* sobre juventudes e ação ambiental retrata que em alguns espaços de fé a questão ambiental é vista como ideológica ou como pauta política da esquerda.

Karina Penha e Amanda Costa, ativistas climáticas evangélicas, questionam posicionamentos difundidos de que para se aproximar do ativismo, dos movimentos sociais de modo geral, você, consequentemente, precisaria se afastar da igreja. Tenho a sorte de fazer parte de um grupo de pesquisa onde diversas etnografias<sup>79</sup> borram as fronteiras entre religioso e ‘secular’. Isabel Carvalho e Carlos Steil (2024) chamam a atenção para um insurgente movimento de mão dupla que atravessa o campo religioso como um todo, o de naturalização do sagrado e de sacralização da natureza.

Na intersecção entre o sagrado e a natureza, produz-se um distanciamento dos deuses da transcendência, que estão fora do mundo, e a afirmação do sagrado como uma força e potência acessível e palpável, presente na imanência do mundo visível. Esse deslocamento da transcendência para a imanência cria as condições para o surgimento das espiritualidades ecológicas, que se inscrevem no horizonte de uma cosmologia em que a salvação se realiza na comunhão de todos os seres no universo. As espiritualidades ecológicas também são signatárias de uma ética ambiental, que se traduz em um encontro respeitoso, reverente e simétrico com a natureza. Isso contrasta com o dogma cristão da criação, em que o mundo é tomado como um referente externo e objetivo, em oposição ao ser humano, que se percebe como um ente separado da natureza. (Carvalho; Steil, 2024 p.3)

Passei o mestrado todo dialogando com teorias sobre consciência planetária a partir de uma reflexão teórica sobre novos movimentos religiosos, Nova Era e espiritualidades ecológicas. Escrever isso hoje em dia e assumir que também posso ter ficado surpresa, assim como meu pai,

---

<sup>78</sup> Me lembro de convergências entre o dia das mães, dos pais, das crianças a entrada da primavera e até o dia do soldado por exemplo serem trabalhadas em ambas, na escola bíblica dominical e na escola “normal”. E aqui ciente da problematização me refiro ao dia 19 de abril e aos estereótipos reforçados na data: como crianças de cocar, colar de macarrão e pinturas em seus rostos.

<sup>79</sup> Os diversos artigos de Carly Machado (2013) que fazem “muita mistura”, a monografia de Frederico Assis (2023) sobre a trajetória de Waguinho, um sambista que “não vê pecado em adorar a Jesus com cavaco e pandeiro”; a dissertação de mestrado de Sthefanye Paz (2018) sobre a possibilidade de se louvar em 150bpm analisadas através do Funk Gospel de Tonzão e a dissertação de Leonardo Cruz ainda no prelo sobre histórias de vida que circulam entre a igreja e os barracões de escolas de samba me possibilitam pensar coletivamente sobre como pertencimentos/modos de vida não são excludentes entre si. Algumas dessas referências estão disponíveis em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/sM9634Kkq6CVnsGTjtDfpJr/> e <https://tede.ufrrj.br/handle/jspui/5669>

parece meio estranho, mas eu circulava por espaços onde termos como "*hariboo*", "*tilêlé*", "jovem místico", "*hippie*" eram utilizados na maioria das vezes em tom de deboche para se referir ao pessoal que "abraçava árvores", andava descalço para sentir a Mãe Terra e se dizia um cidadão planetário.

Parte de minhas reflexões na dissertação tinham relação direta com as conversas que eu tinha com meu pai, que se tornou meu parceiro de campo. Suas percepções eram sempre bem diferentes das minhas e hoje comprehendo que minha curiosidade com o modo como religiões ditas tradicionais manifestavam ou não uma preocupação com o futuro do planeta surgiu a partir desses diálogos. Sendo assim, arrisquei escrever um projeto de doutorado que tematizava a interlocução entre mudanças climáticas, horizontes de futuro e fé.

## 2.2 Desconstruindo conceitos

As primeiras experiências de campo no doutorado, ainda em 2019, pré-pandemia, me fizeram repensar o uso da palavra "mudança" para se referir ao que estávamos enfrentando em termos climáticos<sup>80</sup>: "mudança é algo com o qual você se adapta", diziam sempre meus interlocutores. O que a humanidade está experienciando no planeta já não era mais passível de adaptação.

Estava absolutamente convencida de que não utilizaria mais o termo e me questionava repetidas vezes se o correto seria então passar a aplicar o conceito de crise (climática), já que a palavra aparecia muito em minhas anotações e me soava ser um pouco mais adequada. A citação abaixo faz parte de um livro lançado durante o 'Selvagem - Ciclo de Estudos sobre a Vida'<sup>81</sup>, em 2019 - um dos primeiros lugares por onde fiz intenso trabalho de campo no início da tese.

Crise não é um estado permanente, muito menos um estado que necessariamente nos conduza a um momento pior. Ela é transitória e, dependendo de como se lida com a transição, ela pode conduzir a um novo estado melhor ou mais desejável que o anterior. A crise é o elo entre a normalidade de um dado momento e uma nova normalidade consequente. Logo, demanda decisões e ações. Gaia está ferida, é hora de regenerar e cicatrizar. (Scarano, 2019, p.30)

Cheguei a participar de Grupos de Trabalhos (GTs) em congressos acadêmicos focados em "Antropologia Política de situações de crise" e investir analiticamente sobre isso. Gustavo Chiesa,

<sup>80</sup> Pelos espaços por onde circulei no ano de 2019, o primeiro de meu doutorado muito se era dito sobre como a mudança de linguagem e terminologia era um importante passo. Para saber mais sobre o assunto veja Tena (2019) e Dean (2019)

<sup>81</sup> De acordo com o site oficial, o Selvagem "é uma experiência que busca conectar conhecimentos a partir de perspectivas indígenas, acadêmicas, científicas, tradicionais e de outras espécies". Os estudos se desdobram em cadernos, audiovisuais, oficinas, conversas e exposições. O de 2019 que acompanhei mais intensamente foi realizado no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. <https://selvagemiclo.com.br/home/> Acesso em: 11 nov 2024

em minha banca de qualificação, me incentivou a apostar em uma arqueologia do conceito. No sentido etimológico, a palavra "*krisis*" possui relação direta com um momento de decisão. Na medicina hipocrática, por exemplo, a crise é compreendida como um momento crucial para a restauração do equilíbrio, para a cura.

Passei então a adotar o conceito de crise climática em minhas análises, mas a certeza de que ele era uma solução teórica e analiticamente mais adequada também não durou muito tempo. Como parte do trabalho etnográfico, comecei a acompanhar muitos ativistas climáticos nas redes sociais e quando diversos conteúdos começaram a viralizar com o *clickbait*<sup>82</sup> "Não existe Crise Climática", eu me surpreendi. As críticas chamavam a atenção, por exemplo, para o perigo de uma armadilha discursiva. O trecho abaixo retirado de um vídeo publicado no Instagram @brunopeloclima ilustra muito bem este posicionamento:

o caos climático não foi provocado por algo que deu errado no sistema capitalista e sim porque ele deu certo. Não há nada fora do lugar, não há crise. A ebulação climática portanto é parte intrínseca e esperada (inclusive pela ciência), da manutenção do sistema capitalista como modelo hegemônico planetário. E essa associação entre crise e caos climático é perigosa porque nos leva a uma armadilha discursiva (...) Não vivemos uma crise climática, vivemos uma ebulação provocada por agentes facilmente identificáveis. (Bruno Araújo - geógrafo e ativista climático)

Bruno Araújo utiliza as expressões "ebulação climática" e "caos climático", mas elas também não são um consenso entre os ativistas. Tem quem prefira "emergência", "colapso" ou até mesmo terrorismo climático, termo que já foi inclusive utilizado, pela Ministra do Meio Ambiente e da Mudança do Clima, Marina Silva (G1, 2024e). Sentia-me confusa e às vezes entendia alguns dos conceitos como sinônimos, mas a verdade é que participei de espaços de debate em que era comum uma discordância radical sobre eles.

Além das problematizações acerca dos termos "mudança" e "crise climática", também encontrei divergências sobre a utilização correta de "racismo ambiental" e de "justiça climática". Dediiquei muito tempo para aprender o vocabulário técnico dos espaços por onde circulei, como por exemplo: o que era mitigação? Descarbonização, transição energética justa, adaptação climática, combustível fóssil? Precisei me situar no que era o Acordo de Paris<sup>83</sup>, o que significava

---

<sup>82</sup> Clickbait é um termo utilizado para designar títulos sensacionalistas, utilizado como um artifício comunicacional para atrair o clique do usuário.

<sup>83</sup> De acordo com o Glossário dos Guias do *Fé no Clima*, é o acordo firmado entre os mais de 190 países que assinam a Convenção do Clima, entre eles o Brasil, que estipula limite de temperatura média do planeta a não ser ultrapassado até 2050. Os países signatários anunciaram também compromissos nacionais de redução de emissões de gases estufa.

restringir o aumento da temperatura global em até 1,5°C<sup>84</sup> e lidar com a sensação de que todo mundo falava em siglas: IPCC<sup>85</sup>, COP<sup>86</sup>, PNUMA<sup>87</sup>, OMM<sup>88</sup> dentre muitas outras. Era comum que pessoas no mesmo espaço utilizassem siglas ora em inglês, ora em português para se referir a mesma coisa.

Os conceitos em disputa são ainda mais amplos. Um outro debate muito presente no campo é o de que desenvolvimento sustentável / ecodesenvolvimento trazem em sua própria formulação uma ambiguidade conceitual. São interpretados como ações de “marketing verde”<sup>89</sup> cada vez mais presentes no modus operandi de grandes corporações cujo objetivo principal é mascarar o impacto ambiental negativo de suas ações.

A atuação da Braskem nos grandes festivais de música e no Big Brother Brasil é um grande exemplo disso. Para Ailton Krenak (2019) “há uma incompatibilidade entre a busca individual por conforto material, conveniência e segurança, e as consequências ecológicas de isso ser alcançado mesmo que para uma significativa minoria da humanidade.” (Krenak, 2019, p.29)

Não se tornaria o “desenvolvimento sustentável” um novo produto simbólico que o capital neutralizou e reificou em seu benefício? Quem analisa os relatórios de sustentabilidade de grandes empresas, com olhar técnico e crítico, percebe que várias delas selecionam os dados e as informações, de forma a apresentar um quadro que não corresponde à realidade. (Murad, 2013, p. 462).

---

<sup>84</sup> A temperatura média do planeta é obtida tomando-se a temperatura do ar medida por inúmeras estações meteorológicas ao redor do mundo. A cada uma é atribuído um peso, conforme a área que representam. Calcula-se, então, a média pela soma de todos os valores dividida pelo número de pontos de medição. Hoje, estima-se que a temperatura média global seja 1,1 ° C superior ao valor da era pré-industrial e que esse aumento se deve à ação humana no planeta.

<sup>85</sup> O IPCC é a sigla em inglês para Intergovernmental Panel on Climate Change (ou Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas). Ele foi criado em 1988 pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente e pela Organização Meteorológica Mundial com o objetivo de sintetizar e divulgar o conhecimento mais avançado sobre as mudanças climáticas.

<sup>86</sup> A COP é a sigla para Conference of the Parties/ Conferência das Partes - um encontro anual no qual os estados-membros das Nações Unidas se reúnem para trabalhar em duas principais missões: avaliar o estágio e o progresso em relação às mudanças climáticas e fazer um plano de ações e metas conforme as diretrizes da UNFCCC (sigla em inglês para Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas).

<sup>87</sup> O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) é a principal autoridade ambiental global que determina a agenda internacional no tema, promove a implementação coerente da dimensão ambiental do desenvolvimento sustentável no Sistema das Nações Unidas e serve como defensor do meio ambiente no mundo. Ver mais em: <https://www.unep.org/pt-br/sobre-o-pnuma/por-que-o-pnuma-e-importante> Acesso em: 25 out. 2024

<sup>88</sup> OMM é a sigla para Organização Meteorológica Mundial, em alguns espaços ela aparecer como WMO se referindo ao seu uso em inglês World Meteorological Organization

<sup>89</sup> Não existe capitalismo verde é o tema de um excelente episódio do podcast Planeta A. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/058US916ftNzTfYSut7M6o?si=a8e6eef6cde34d17> Acesso em: 25 out. 2024



Fonte: Reprodução Internet

Quando Ailton Krenak (2019) trabalhou na criação da reserva da biosfera, ele relata em seu livro ideias para adiar o fim do mundo que foi preciso justificar para a Unesco porque era importante que o planeta não fosse devorado pela mineração já que se dependesse dessas instituições só bastasse manter algumas “amostras grátis da Terra”<sup>90</sup> (Krenak, 2019, p.12)

Outras abordagens apresentam o tema da sustentabilidade como um *inédito viável*. “Paulo Freire cunhou a expressão “inédito viável”, para expressar como homens e mulheres podem ir além das “situações-limite” e transformar as utopias em sonho possível, empenhando-se em práticas transformadoras”. (Murad, 2013, p.464) O termo sustentabilidade fazia parte inclusive do título do projeto de pesquisa com o qual ingressei no doutorado e ele foi mais um dos que abandonei pelo caminho. Para Ailton Krenak (2020) a sustentabilidade era um mito, uma vaidade pessoal. O autor rememora um comentário público que realizou sobre o tema e relata que isso irritou muita gente, como se o que ele tinha dito “deslegitimasse iniciativas do bem”.

<sup>90</sup> O documentário *Lições da escuridão* de Werner Herzog é sempre indicado nos espaços por onde circulei em 2019. No filme há um Parque nacional do futuro. Herzog considera quase que uma produção de ficção científica, ao invés de um documentário, pois a impressão que nos passa é de que estamos assistindo a um filme de outro planeta, por parecer tudo tão longe de uma possível realidade.

Não é inventando o mito da sustentabilidade que nós vamos avançar. “Tem gente que se sente muito confortável se contorcendo na ioga, ralando no caminho de Santiago ou rolando no Himalaia, achando que com isso está se elevando. Na verdade, isso é só uma fricção com a paisagem, não tira ninguém do ponto morto” (...) acho que seria irresponsável ficar dizendo para as pessoas que, se nós economizarmos água, ou só comermos orgânico e andarmos de bicicleta, vamos diminuir a velocidade com que estamos comendo o mundo -isso é uma mentira bem embalada. Em vez de imaginar mundos, nós os consumimos. É uma distopia. (Krenak, 2020, p. 103/104/105)

A discordância conceitual sobre o que seria mais correto utilizar para definir o que estamos enfrentando no planeta não estava só no campo do ativismo. A comunidade acadêmica e até mesmo a teoria antropológica também não apresentam um consenso sobre a relevância de nomear de Antropoceno<sup>91</sup>, Plantationceno<sup>92</sup> ou Capitaloceno<sup>93</sup>. Para Donna Haraway (2016) o sufixo “ceno” prolifera e isso tem a ver com a escala, a relação taxa/velocidade, a sincronicidade e a complexidade do problema. “Todos os mil nomes propostos são grandes demais e pequenos demais; todas as histórias são grandes demais e pequenas demais.” segundo a autora. Haraway (2016) afirma que foi ensinada por Jim Clifford que “nós precisamos de narrativas (e teorias) que sejam grandes o bastante (e não mais que isso) para reunir as complexidades e manter as bordas abertas e ávidas por novas e velhas conexões surpreendentes.” (Haraway, 2016).

Segundo Murad (2013) o conceito de consciência planetária tem elementos intercambiáveis com o de cidadania planetária. No primeiro caso, a ênfase recai na originalidade da percepção e da sensibilidade ética, na emergência de um novo paradigma civilizacional. No segundo, acentuam-se as práticas transformadoras, a nova forma de estar e de atuar com os outros na biosfera, a organização da sociedade com os Direitos Humanos e os Direitos da Terra, que configuram uma civilização original. (Murad, 2013 p.452)

---

<sup>91</sup>Antropoceno é o nome dado à proposta de uma nova época geológica. A ideia é que as mudanças provocadas pelos humanos no planeta são tão profundas e duradouras que já é possível entender que o Holoceno terminou. Ver mais em: [https://link.springer.com/chapter/10.1007/3-540-26590-2\\_3](https://link.springer.com/chapter/10.1007/3-540-26590-2_3)

<sup>92</sup>“Em uma conversa gravada para *Ethnos*, na Universidade de Aarhus, em outubro de 2014, os participantes coletivamente geraram o nome Plantationocene para a transformação devastadora oriunda de diversos tipos de fazendas com tendências humanas, pastos, e florestas em plantações extractivas e fechadas, baseadas em trabalho escravo e outras formas de trabalho explorado, alienado, e, geralmente, deslocado espacialmente. A conversa transcrita será publicada como “Anthropologists Are Talking About the Anthropocene”, em *Ethnos* [N.T. a publicação aconteceu em 2016, ver *Ethnos: Journal of Anthropology*, v. 81, n. 3]”. A definição apresentada anteriormente pode ser encontrada em <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>

Acesso em: 05 nov 2024

<sup>93</sup> A noção de Capitaloceno que surge como uma crítica à ideia de Antropoceno, uma afirmação que ajuda a ilustrar isso é que o 1% mais rico do mundo emite a mesma quantidade de poluição que 5 bilhões de pessoas (dois terços da humanidade). Para se aprofundar no conceito de capitaloceno veja os trabalhos de James Moore e Andreas Malm. Há divergências na literatura sobre quem é o cunhador do termo.

A cidadania planetária não é somente ambiental, pois também tem como foco “a superação da desigualdade, a eliminação das sangrentas diferenças econômicas e a integração da diversidade cultural da humanidade”. É uma cidadania integral. Implica a luta por uma democracia planetária. Exige-se “o desenvolvimento de novas capacidades como vibrar emocionalmente, inter-conectar-se e pensar em totalidade”. Ela nos levará a construir “uma cultura da sustentabilidade, uma biocultura, uma cultura da vida, da convivência harmônica entre os seres humanos e entre estes e a natureza” (Gadotti, 2002, P. 23-24 apud Murad 2013, p. 467).

Para Latour (2014) apesar de suas ciladas, o conceito de Antropoceno oferece uma via poderosa, se usado de maneira sensata, de evitar o perigo de naturalização ao mesmo tempo em que assegura que o antigo domínio do social – o domínio do “humano” – seja reconfigurado como sendo a terra dos Terráqueos ou dos Terranos. Na opinião do autor, esse conceito pode também “chamar nossa atenção para o fim do que Whitehead chamou de “bifurcação da natureza”, ou a recusa da separação entre Natureza e Humanidade que tem paralisado a ciência e a política desde a aurora do modernismo.” (Latour, 2014, p. 11)

A química belga Isabelle Stengers na conferência de encerramento do colóquio “Os mil nomes de Gaia: do Antropoceno à idade da terra”<sup>94</sup>, falou sobre a situação inédita com que se deparam as ciências naturais. “Os cientistas do clima precisam de apoio. Eles devem desconfiar de seus aliados tradicionais – as empresas e o Estado –, que podem se apropriar completamente do problema com consequências catastróficas.” Para Stengers o momento é de cooperação, e meu projeto estava definitivamente interessado em explorar o possível entrelaçamento colaborativo entre comunidades de fé e questões climáticas. E é através da iniciativa Fé no Clima que eu encontro esta confluência.

### **2.3 Fé no Clima e minha atuação no ISER**

O trabalho desenvolvido pelo ISER (Instituto de Estudos da Religião) desde a sua fundação na década de 70, auge da ditadura militar, sempre foi uma referência não só para mim, mas para todos os pesquisadores interessados em religião. Contudo, no final do mestrado comecei a acompanhar mais de perto as ações articuladas especificamente pela área de Religião e Meio Ambiente do instituto.

---

<sup>94</sup> Em 2022 foi lançado o primeiro de dois volumes que compilam as apresentações feitas em setembro de 2014, pela Editora Machado. O texto de Isabelle só sairá no segundo volume, porém, o de Donna Haraway citado logo acima já está no primeiro volume. Mas aqui, ele aparece nas referências bibliográficas como notas a partir da entrevista. Os vídeos do colóquio já estão disponíveis no youtube há 7 anos. Ver mais em: <https://www.youtube.com/@OsMilNomesdeGaia>

Em comemoração aos seus 50 anos de atuação completados em 2020, todo o acervo do ISER com mais de 200 novos títulos foi digitalizado e disponibilizado de forma online e gratuita. Dentre eles, os já extintos Cadernos do ISER (desde 1974); a revista acadêmica Religião e Sociedade (desde 1977); e a série Comunicações do ISER (desde 1982). Muitas das publicações estavam esgotadas há muito tempo, e quando era possível encontrar em algum sebo virtual possuíam o valor de obras raras. Além disso, um ciclo de Encontros Virtuais transmitidos no Youtube reuniu pesquisadores e funcionários que marcaram a história da organização. Ao todo foram mais de 70 convidados, distribuídos em 16 lives temáticas, permitindo assim que eu pudesse voltar aos vídeos sempre que quisesse consultar alguma coisa.

Durante os anos 90, muitas pesquisas foram realizadas pelo ISER privilegiando a temática ambiental, como por exemplo: "Meio Ambiente, Desenvolvimento e Reprodução: Visões da ECO 92" e "Ecologia, Religião e Sociedade", ambas de 1992, e "O que o brasileiro pensa da ecologia?", de 1993, só para citar algumas delas. Não só as publicações do ISER, mas eventos realizados anualmente como a "Aldeia Sagrada" do Movimento Inter-Religioso do Rio de Janeiro (MIR) são referenciais obrigatórios para a consolidação do campo de estudos no Brasil. Ou seja, com a digitalização do acervo, as fontes de pesquisa sobre o tema ficaram ainda mais acessíveis, tendo em vista que estávamos passando por uma pandemia global.

Um dos outros marcos históricos que evidencia o pioneirismo do ISER na temática, foi a organização da Grande Vigília Inter-religiosa pela Paz Mundial: "Um novo dia pela Terra", que reuniu lideranças de diversos credos e ideologias em defesa do meio ambiente durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO-92) no Aterro do Flamengo. No total, cerca de 30 mil pessoas de 25 religiões e grupos espirituais participaram do evento. No site do ISER, é possível encontrar informações de que personalidades como o Dalai Lama, Mãe Beata de Iemanjá, Dom Helder Câmara e Dom Luciano Mendes estiveram entre os presentes. Imagens da celebração foram registradas no documentário intitulado "Uma noite pela Terra" editado por João Moreira Salles e disponibilizado no Youtube do ISER<sup>95</sup>. Naquela ocasião, formou-se o Movimento Inter-Religioso do Rio de Janeiro (MIR). Após o evento, as tradições envolvidas solicitaram ao ISER a continuidade do processo desencadeado após a vigília, tendo como um dos eixos de trabalho as questões que envolvem o relacionamento homem/religião/natureza.

Resgatei brevemente esse importante histórico de atuação para dizer que em 2022, comecei a trabalhar no ISER. Durante a pandemia enquanto celebrava a disponibilização de um

---

<sup>95</sup> Documentário completo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WPLQLtCOEVM> Acesso em: 22 nov. 2024

importante acervo com publicações pioneiras sobre Ecologia e Religião eu jamais imaginaria que alguns anos depois estaria compondo a equipe do Instituto e ajudando a planejar novas vigílias inter religiosas pelo Brasil, dessa vez por ocasião da COP 30<sup>96</sup>. Entrei para o ISER como colaboradora temporária em um projeto específico na área de Religião e Política e, posteriormente, acabou surgindo uma vaga fixa para a qual me candidatei em que sigo trabalhando como pesquisadora até o momento em que escrevo. Apesar de minha atuação não ser diretamente na área de Religião e Meio Ambiente, me sinto parte da equipe. Isabel Pereira, Sharah Luciano e Paulo Sampaio são absolutamente essenciais na jornada de construção desta pesquisa. Começar a trabalhar no ISER portanto, me permitiu uma maior aproximação com o projeto e com a extensa rede do *Fé no Clima* que eu já acompanhava anteriormente.

O Fé no Clima atualmente é o principal projeto desenvolvido pela área de Religião e Meio Ambiente do ISER. Ele consiste em uma iniciativa que tem como missão reunir e engajar lideranças religiosas para conscientização de suas comunidades de fé no enfrentamento à crise climática por meio do diálogo entre cientistas, religiosos, ambientalistas e representantes de povos originários. Criado em 2015, no contexto de dois importantes eventos daquele ano: a promulgação da encíclica “*Laudato Si’*<sup>97</sup> e a COP 21, ocorrida em Paris, sua declaração de compromisso propõe uma convergência entre ética religiosa e ética ambiental. A busca pela justiça climática leva à um comprometimento a partir de diferentes comunidades de fé e movimentos espirituais, conforme realidades locais e institucionais. Este documento assume que

“não se deve negar as tristes perspectivas sobre o futuro do planeta, mas deve-se acreditar na potência transformadora que reside na comunhão de aspirações das diversas comunidades religiosas do mundo.” (Declaração de compromisso - Fé no Clima, 2015)

O “artesanato intelectual” foi um dos primeiros textos que li quando entrei na graduação em Ciências Sociais. Reencontrar tais anotações durante o doutorado foi inspirador. Wright Mills (1969) compartilha da ideia de que os pensadores mais admiráveis dentro da comunidade intelectual não separam suas vidas de seu trabalho. Além disso, o autor sugere que devemos juntar continuamente o que estamos experimentando como pessoa ao que estamos fazendo intelectualmente. Reencontrar essa passagem foi como uma confirmação de que a decisão de

---

<sup>96</sup> COP é a sigla para Conferência das Partes, um evento anual da ONU para debater sobre as mudanças climáticas e definir acordos globais. A sua 30<sup>a</sup> edição acontecerá em Belém do Pará em novembro de 2025. Outras edições serão mencionadas ao longo dos capítulos.

<sup>97</sup> *Laudato Si’* é uma encíclica do Papa Francisco publicada em maio de 2015. Ela trata do cuidado com o meio ambiente e com todas as pessoas, bem como de questões mais amplas da relação entre Deus, os seres humanos e a Terra. Ver mais em: <https://laudatosimovement.org/pt/> Acesso em: 05 nov 2024

combinar os mundos de meu trabalho no ISER com o de minha vida acadêmica não eram tão absurdos assim.

Eu poderia ter me aprofundado no debate ambiental de muitas formas: livros, *podcasts*, artigos científicos, pesquisa documental e virtual. É claro que tudo isso foi feito, mas preciso reconhecer que a maior parte do que sei sobre o “mundo climático” se deu em espaços onde essa interlocução e formação contínua estava sendo ministrada para lideranças religiosas através do Boto Fé no Clima<sup>98</sup>, um curso de formação oferecido pelo ISER. O projeto assume um compromisso de traduzir o debate climático em termos aplicáveis ao cotidiano de comunidades de fé, e participar de perto dessa construção foi essencial para me situar nesse campo.

Por conta da aproximação com o Fé no Clima, fui também voluntária em uma pesquisa sobre Religião e Meio Ambiente durante a Marcha para Jesus no Rio de Janeiro. Uma parte específica do questionário aplicado solicitava que os participantes indicassem o seu nível de concordância<sup>99</sup> com algumas frases e ideias que circularam nas redes sociais. Dentre as frases apresentadas, duas particularmente me chamaram a atenção, são elas: (1) “Os desastres ambientais (enchentes, alagamentos, deslizamentos, seca, etc) estão relacionados à volta de Jesus?” (2) “As mudanças climáticas são reflexo do pecado do homem na terra?”.

A “concordância total” com as duas frases foi unânime entre as pessoas com quem conversei naquele dia<sup>100</sup>. Uma das entrevistadas disse “que sabe desde sempre” (pois aprendeu na igreja) que “dentre os vários sinais da volta de Jesus, alguns são desastres naturais como dilúvios, terremotos e tsunamis”. A aplicação desses questionários foi essencial para que eu começasse a sistematizar com mais atenção os discursos que associavam a volta de Jesus aos episódios climáticos extremos que vinham aparecendo em meu campo desde o início do doutorado.

Passei a organizar os diários de campo que acompanhavam iniciativas religiosas que estavam retomando a ideia da “defesa da criação”<sup>101</sup>, do “Jardim” e do “cuidado com a casa

<sup>98</sup> Acredito ser importante explicitar que Fé no Clima é o nome da iniciativa, enquanto Boto Fé no Clima é o curso de formação oferecido para lideranças religiosas por ela. Apesar de nomes parecidos, são coisas diferentes.

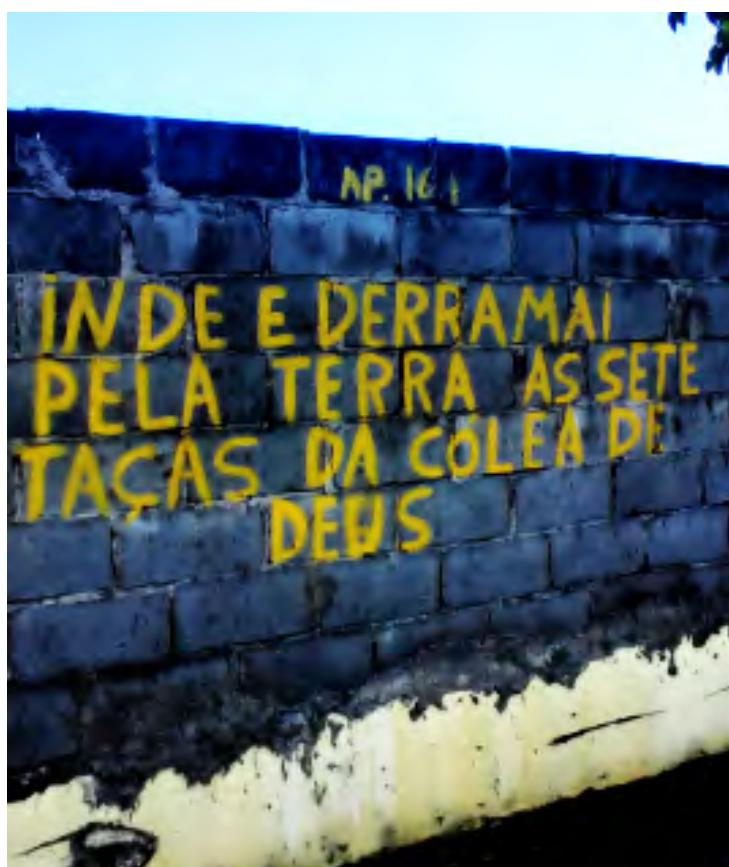
<sup>99</sup>O nível de concordância era medido em: [ ] Concordo totalmente [ ] Concordo [ ] Não concorda, nem discorda [ ] Discordo [ ] Discordo totalmente.

<sup>100</sup> É importante ressaltar que a unanimidade foi apenas entre as pessoas com as quais eu conversei. Os resultados mais amplos da pesquisa que também foi aplicada em São Paulo e em Recife apresentam outras nuances e podem ser encontrados em: <https://iser.org.br/publicacao/cristianismos-e-narrativas-climaticas/> Acesso em: 05 nov. 2024

<sup>101</sup> A campanha em defesa da Criação surgiu na época das eleições de 2022, com o objetivo de produzir materiais para divulgação a partir de uma gramática bíblica. Ver mais em: <https://emdefesadacriacao.com.br/>. Cheguei a ser convidada para participar da fase de consultas do projeto antes dele ir para rua, o objetivo era mostrar o material para grupos religiosos e ouvir críticas e sugestões sobre a eficácia de comunicação da agenda ambiental para um público alvo.

comum”<sup>102</sup> em contraposição às narrativas catastróficas e apocalípticas que estavam viralizando nas redes sociais.

E quando eu falo de viralização, estou me referindo principalmente a repercussão na internet de episódios como as intensas ondas de calor que atingiram mais de 60°C de sensação térmica no Rio de Janeiro, por exemplo. Este fato estava sendo debatido e relacionado, nas redes sociais, com a quarta taça da ira de Deus<sup>103</sup>. Fato que também encontrei estampado em grafites nos muros dos bairros desocupados pela Braskem em Maceió.



Fonte: Fotografia de Laryssa Owsiany - Muro em casa do Pinheiro desocupada pela Braskem. Maceió, setembro de 2024

As “taças da ira de Deus” são mencionadas no livro bíblico do Apocalipse, especificamente nos capítulos 15 e 16. Nos versículos 8 e 9 do capítulo 16 temos a descrição da quarta taça comumente associada ao tema. Ela é caracterizada por um grande calor que é derramado sobre a terra, queimando os homens:

<sup>102</sup> Foi nessa época que também me aproximei do movimento Nós na Criação e comecei a fazer formações sobre Ecoteologia Decolonial. Para saber mais: <https://www.instagram.com/nos.nacriacao/> Acesso em: 05 nov 2024

<sup>103</sup> Um exemplo de conteúdo viralizado pode ser visto em:

<https://www.tiktok.com/@waldeyofc91/video/7301687817699200261?q=apocalipse&t=1725799809964> Acesso em: 05 nov. 2024

O quarto anjo derramou a sua taça sobre o sol, e foi-lhe dado queimar os homens com fogo. E os homens foram queimados com grandes calores, e blasfemaram o nome de Deus, que tem poder sobre estas pragas; e não se arreenderam para lhe darem glória. (Bíblia Sagrada - Apocalipse 16:8-9).

O imaginário do fim do mundo faz parte tanto de discursos religiosos quanto da cultura pop - filmes de apocalipse zumbi, distopias, livros de ficção científica e músicas também disputam as narrativas sobre o tema. O Oscar de melhor filme em 2024 por exemplo, foi atribuído a Oppenheimer - uma cinebiografia sobre o criador da bomba atômica. Além da bomba atômica, Robert Oppenheimer também leva o crédito pela participação na criação do Relógio do Juízo Final, tema este que acompanhei durante muito tempo como uma questão central de pesquisa.

O Relógio do Juízo Final (ou Doomsday Clock, em inglês)<sup>104</sup> não é um objeto em si, é uma metáfora simbólica que tenta mensurar o quanto perto a humanidade está de destruir o mundo. É representado por um relógio analógico, cujos ponteiros indicam o tempo restante até a "meia-noite", simbolizando o momento de uma catástrofe global. Ou seja, quanto mais próximos os ponteiros estão da meia-noite, maior é a percepção de risco para a humanidade. Ele é mantido e atualizado pelo Boletim dos Cientistas Atômicos (Bulletin of the Atomic Scientists), que se reúne anualmente em uma conferência que é transmitida globalmente<sup>105</sup> para determinar quanto tempo falta para o apocalipse.

O grupo de cientistas liderados por Oppenheimer publicou a primeira edição do Bulletin of Atomic Scientists apenas quatro meses após o ataque nuclear a Hiroshima e Nagasaki, no Japão. O objetivo era alertar sobre a capacidade devastadora das armas nucleares e garantir que elas nunca mais fossem usadas. Além da questão nuclear, foi só em 2007 que a crise climática passou a ser formalmente analisada pelo grupo como critério para a definição da posição dos ponteiros.

É possível retroceder o tempo, como por exemplo em 1991, no final da Guerra Fria quando os Estados Unidos assinaram o Tratado de Redução de Armas Estratégicas com a União Soviética, os ponteiros foram atrasados e chegaram a marcar 17 minutos. Contudo, atualmente, em 2024 o relógio está a apenas 90 segundos da meia noite. Os ponteiros já se moveram 25 vezes ao longo da história<sup>106</sup>. A seguir uma ilustração representa alguns desses marcos:

---

<sup>104</sup> Para citar alguns exemplos de como o relógio aparece mencionado na cultura pop, o site oficial mantém uma playlist em que todos podemos colaborar. Na íntegra: "The Doomsday Clock continues to be an inspiration and reference in pop culture. If you know of a song that mentions or is inspired by the Doomsday Clock—send it to us at [@bulletinoftheatomicscientists](mailto:@bulletinoftheatomicscientists) on Instagram or email it to us at [sstarkey@thebulletin.org](mailto:sstarkey@thebulletin.org). <https://thebulletin.org/doomsday-clock/doomsday-clock-playlist/>". Todas as músicas dessa playlist estão incluídas na minha playlist da tese que é bem mais ampla, e não só restrita ao relógio. Acesso em: 05 nov 2024

<sup>105</sup> A conferência de 2024 foi realizada em janeiro e transmitida ao vivo pelo youtube <https://www.youtube.com/watch?v=p67zvLaUFs> Acesso em: 07 out. 2024

<sup>106</sup> Uma linha do tempo interativa por ser consultada em: <https://thebulletin.org/doomsday-clock/timeline/> Acesso em: 05 nov 2024

## Relógio do Juízo Final - minutos para meia-noite



Fonte: Doomsday Clock timeline (thebulletin.org)

BBC

O fim do mundo sempre foi um patrimônio da religião e, ocasionalmente de Hollywood e de seus filmes de catástrofes. No entanto, a ciência vai acumulando dados e começa a levar a sério os riscos de que um fenômeno natural ou provocado pelos humanos possa acabar com a civilização. Um recente relatório detalha os 12 grandes riscos que poderiam provocar o Apocalipse anunciado nos textos sagrados e nas salas de cinema. (Criado, 2015)

Um time de 30 especialistas do Instituto para o Futuro da Humanidade (IFH), da Universidade de Oxford e da Fundação Desafios Globais revisaram centenas de livros e artigos científicos para a elaboração do relatório sobre os 12 grandes riscos mencionados na reportagem de Miguel Criado para o EL País Brasil citada acima. Mudança climática extrema, guerra nuclear, catástrofes ambientais, pandemias e o colapso do sistema mundial estão listados como riscos atuais. Os impactos de grandes esteróides e os supervulcões são classificados como riscos exógenos. Já na categoria de riscos emergentes aparecem a nanotecnologia, a biologia sintética e a inteligência artificial. Os conflitos em âmbito político mundial também aparecem citados como possíveis riscos para a civilização, mas é a partir do eixo climático que concentra meus esforços analíticos.

Acredito que tenha ficado explícito que ao longo dessa pesquisa eu fui descartando conceitos em constante disputa no campo ambiental e a partir disso redesenhando os caminhos etnográficos desta tese. A verdade é que, de forma inesperada, em muitos espaços acabei esbarrando com um velho conhecido: o apocalipse, agora adjetivado de “climático”.

## 2.4 Apocalipse Climático e outros fins de mundos



Fonte: Outdoor na Avenida Brasil - RJ - Fotografia de Layssa Owsiany

“Escreve as coisas que tens visto, e as que são, e as que depois destas hão de acontecer” (Bíblia Sagrada - Apocalipse, 1:19)

“O mundo está à beira de um apocalipse climático, constata jornal do Vaticano” é o que se lê na manchete de uma notícia publicada no Centro de Estudos Bíblicos (CEBI)<sup>107</sup> em 2016. Já, outra matéria publicada em 2022 na BBC News alertava que “depois de décadas no combate a negacionistas do aquecimento global, cientistas estão voltando suas preocupações para o crescimento dos ‘profetas do apocalipse climático’ (Suzuki, 2022). Conhecer “os cavaleiros do Apocalipse Climático no Congresso segundo entidades ambientais”, era o objetivo do material publicado pela Revista Fórum em maio de 2024 (Vidal, 2024).



Fonte: Colagem feita por Laryssa Owsiany que mescla notícias e uma imagem que foi reproduzida do Instagram @revistapiaui.

Publicado há mais de uma década, o livro ‘Vivendo no fim dos tempos’ de autoria de Slavoj Zizek (2012)<sup>108</sup> também utiliza a metáfora dos cavaleiros do Apocalipse definindo a “crise ecológica” como sendo o primeiro deles<sup>109</sup>. A escolha por começar a traçar reflexões a partir do conceito de apocalipse climático se dá principalmente devido a minha aproximação com agendas de pesquisa no campo da religião. E assim resolver o embate entre mudança versus crise e qual a

<sup>107</sup> O CEBI é uma associação ecumênica sem fins lucrativos criada em 1979 com foco na leitura popular da Bíblia dentre os fundadores está Jether Ramalho, sociólogo, professor da UFRJ, uma grande referência para o campo ecumônico brasileiro.

<sup>108</sup> O livro foi publicado originalmente em 2011 e a versão brasileira saiu no ano seguinte, em 2012, publicada pela Editora Boitempo.

<sup>109</sup> O segundo é descrito como as consequências da revolução biogenética, o terceiro são os desequilíbrios do próprio sistema (problemas de propriedade intelectual, a luta vindoura por matérias-primas, comida e água) e quarto e último é o crescimento explosivo de divisões e exclusões sociais.

melhor nomeação a ser aplicada aos eventos climáticos extremos. A seguir apresentarei várias ocasiões em que o assunto apocalipse foi amplamente viralizado e debatido nas redes sociais.

O apelido “Apocalipse Carioca” ocasionado pela vinda de Taylor Swift para o Rio de Janeiro em novembro de 2023 vale ser destacado. Dentre os muitos acontecimentos catastróficos durante o primeiro show da cantora no Rio de Janeiro, sem dúvidas a temperatura de mais de 60°C dentro do estádio Nilton Santos é a mais emblemática delas. Desmaios, índices altos de desidratação, queimaduras de segundo e terceiro grau e até a morte de uma fã por exaustão térmica foram registrados pelo corpo de bombeiros.



Fonte: Colagem feita por Laryssa Owsiany que mescla notícias (Valor investe, 2023) e imagens reproduzidas de redes sociais como Instagram e X/twitter.

O assunto atingiu os *trending topics*<sup>110</sup> mundiais no X (antigo twitter) e a cantora que tem o apelido de ‘Miss Co<sup>2</sup>’ no *TikTok*<sup>111</sup> precisou cancelar uma de suas apresentações devido às temperaturas extremas na cidade. Taylor Swift tem esse apelido porque ela lidera o topo da lista de famosos que mais emitem dióxido de carbono (CO<sup>2</sup>) em viagens com aviões particulares. As discussões sobre como uma pessoa “normal/comum” demora quase 35 anos para produzir o mesmo CO<sup>2</sup> que Taylor Swift sozinha em apenas 3 meses foram protagonistas nas mídias sociais.

<sup>110</sup> “Os trending topics do Twitter são um compilado dos principais assuntos no momento, de acordo com os temas que circulam pela plataforma. Embora o Twitter tenha sido criado em 2006, essa funcionalidade foi apresentada somente em 2008 (Twitter, 2010), logo após a incorporação de outra tão marcante quanto: as hashtags (#). Na prática, os trending topics se apresentam como uma lista de hashtags em destaque nos últimos minutos, a partir do momento em que o usuário acessa o Twitter.” (Chagas, 2023, p.668)

<sup>111</sup> O *TikTok* é uma rede social chinesa focada no compartilhamento de vídeos curtos. Anteriormente intitulada de *Musical.ly*, a plataforma disponibiliza variados recursos de edição.

Uma das postagens destacadas na colagem abaixo diz o seguinte: “irônico, de um jeito catastrófico e apocalíptico que a artista que mais emite toneladas de CO<sub>2</sub> por ano na atmosfera em suas incontáveis viagens de jatinho particular ter que cancelar show por causa das mudanças climáticas”. Ou outros que aproveitaram a ocasião para pautar educação ambiental analisando “como o jatinho de Taylor Swift ajuda a explicar o aquecimento global” (Diaz, 2023) ou que simplesmente se diziam: “quem diria que a Taylor Swift seria o primeiro cavaleiro do apocalipse?”

**professora falando sobre os desafios da sustentabilidade na sociedade do consumo e eu com a camiseta da miss CO2**

Miss CO2 ataca novamente kkk

Fui fazer uns nuggets aqui no airfryer e quando abri saiu uma brisa refrescante. Mais frio que a cozinha nesses tempos apocalípticos.

Tá explicado o caos no RJ ! Deus castiga sem dó.

O apocalipse que foi a passagem da Taylor deixou o Rio fora dos eixos.

Como o jatinho de Taylor Swift ajuda a explicar o aquecimento global

quem diria que o primeiro cavaleiro do apocalipse era a taylor swift né?

Uma briga entre Movimento Verde e Amarelo x argentinos x PMERJ é a última fase do apocalipse carioca

barulho do ventilador desligando pq a energia caiu é o que a gente tem de mais parecido com o som do inferno

O final de ano no Brasil tá assim

mistura de fim do mundo com apocalipse

diante dos últimos dias eu percebi que eu não duro 15s no apocalipse

irônico, de um jeito catastrófico e apocalíptico, a artista que mais emite toneladas de CO<sub>2</sub> por ano na atmosfera em suas incontáveis viagens de jatinho particular ter que cancelar show por causa das mudanças climáticas

Jesus é ÚNICO! Ela é uma mera cantora

não é possível que vou morrer tostado depois de ter sobrevivido a uma pandemia

Essa mulher vai embora que dia pelo amor de Deus

Acho que Jesus já voltou, e pelo calor que tá fazendo eu já sei aonde eu to

Slk a equipe de marketing de Deus tá mandando muito na divulgação do comeback do Kingo

E o fim dos tempo mesmo

A Taylor Swift veio para o Brasil trazer músicas & apocalipse



*Fonte: Colagem feita por Laryssa Owsiany que mescla comentários, tweets, manchetes de notícias postadas durante os shows de Taylor Swift no Rio de Janeiro, em novembro de 2023.*

Outro episódio emblemático foi protagonizado pelas cantoras Baby do Brasil e Ivete Sangalo no Carnaval de Salvador em 2024. Durante um encontro entre trios elétricos, Baby do Brasil - que se apresenta como um “popstora” (uma mistura de pastora com estrela pop) - diz no microfone: “Todos atentos porque nós entramos em apocalipse, o arrebatamento tem tudo para acontecer entre cinco e 10 anos. Procure o Senhor, enquanto é possível achar”.

Em seguida, Ivete com uma expressão de muita surpresa por aquele comentário inesperado responde: "Eu não vou deixar acontecer, porque não tem apocalipse certo quando a gente maceta o acopalipse". Ela fica tão desconcertada que ao repetir a palavra realmente comete o erro gramatical que gerou inclusive uma ilustração viralizada feita por Petit Abel e reproduzida abaixo. Baby então faz sua tréplica: "Canta uma pequena Eva pra mim agora!" E Ivete responde: "Eu vou cantar um macetando, porque Deus está mandando o macetando agora. É o macetando de Jesus. A força de Deus é maior que qualquer mandamento, do que qualquer energia. Porque ele [Deus] é a maior energia de todas" Na segunda ilustração feita por Elane Queiroz, a personagem aparece utilizando uma tiara escrito "Macetando o Apocalipse" que quase que instantaneamente passou a compor fantasias de carnaval por todo o Brasil.



Fonte: Ilustrações feitas por @petitabel (à esq) e @elanequeiroz (à dir). Reprodução: Instagram

Quando Baby do Brasil pede "canta uma pequena Eva pra mim" ela está se referindo a uma música muito popular entre os brasileiros. Após o ocorrido, muitas reações no X (antigo Twitter) começaram a discutir que nunca tinham parado para pensar no significado da composição. Reproduzo a seguir um trecho emblemático de sua letra<sup>112</sup>

<sup>112</sup> Eu sempre fui uma grande consumidora de ficção científica, livros, séries e filmes do gênero fazem parte da minha vida desde a adolescência. Muito interessada em observar esse fenômeno que passava despercebido por mim no mundo da música eu comecei a criar uma playlist ao longo dessa pesquisa. Nela há músicas gospel, internacionais e nacionais que falam explicitamente sobre o tema como por exemplo: "Um minuto para o fim do mundo" do CPM22, "A mulher do fim do mundo" de Elza Soares, "A dama do apocalipse" de Elis Regina, "Juízo Final" cantada por muito intérpretes e entoada com muito entusiasmo em todas as rodas de samba que já participei nessa vida. São em

“Meu amor  
Olha só, hoje o Sol não apareceu  
É o fim da aventura humana na Terra  
Meu planeta, adeus  
Fugiremos nós dois na arca de Noé  
Olha bem, meu amor  
É o final da odisseia terrestre”

A partir deste episódio, intensivas discussões nas redes sociais defendiam que deveríamos ter “cuidado ao ridicularizar a profecia de Baby”, pois o que ela estava chamando de Apocalipse e prospectando no mínimo cinco anos, alguns cientistas do clima estimam apenas três anos para o mesmo iminente colapso. A mesma temática profética apareceu nas Olimpíadas de Paris, gerando outra enorme repercussão nas redes sociais<sup>113</sup>.

Durante o espetáculo que marcava o início dos jogos olímpicos, um cavaleiro que cruzava o rio Sena foi interpretado como o anticristo. Essa representação, segundo a maioria dos conteúdos analisados no TikTok, simbolizava a falsa paz descrita no capítulo 6 do livro do Apocalipse de João e a quebra do primeiro selo, momento em que João vê o cavaleiro branco. Pastor Lamartine Posella, autor do livro “Apocalipse: a maior Profecia do Mundo” publicou um vídeo de grande repercussão em seu TikTok dizendo que não pode afirmar categoricamente que é o anticristo, mas ele crê que sim e afirma que os diversos “elementos simbólicos” na cerimônia foram utilizados principalmente por se tratar de um evento que é transmitido para o mundo inteiro.

A cerimônia de encerramento também trouxe outros elementos interpretados como novas confirmações do Apocalipse. Vídeos circularam no TikTok enfatizando o momento em que alguém vestido com roupas dourados e brilhantes, “vem descendo dos céus em cima de todas as nações”, interpretado como o anjo de luz trajado de pedras preciosas que está descrito no livro bíblico de Ezequiel 28.<sup>114</sup> Outro aspecto bastante destacado é o fato de que diversos pontos do mapa mundi aparecem “em chamas” durante a cerimônia e os jogos olímpicos reúnem

---

sua maioria canções que já faziam parte do meu repertório, mas que eu nunca tinha prestado a devida atenção. A playlist está disponível em: <https://open.spotify.com/playlist/48AV2OZpzkjP7BMWBgT15O> Acesso em: 05 nov. 2024

<sup>113</sup> Um compilado de vídeos sobre o tema pode ser acessado em: <https://www.tiktok.com/search?q=cavaleiro%20olimp%C3%ADadas&t=1724089265479> Acesso em: 06 ago de 2024.

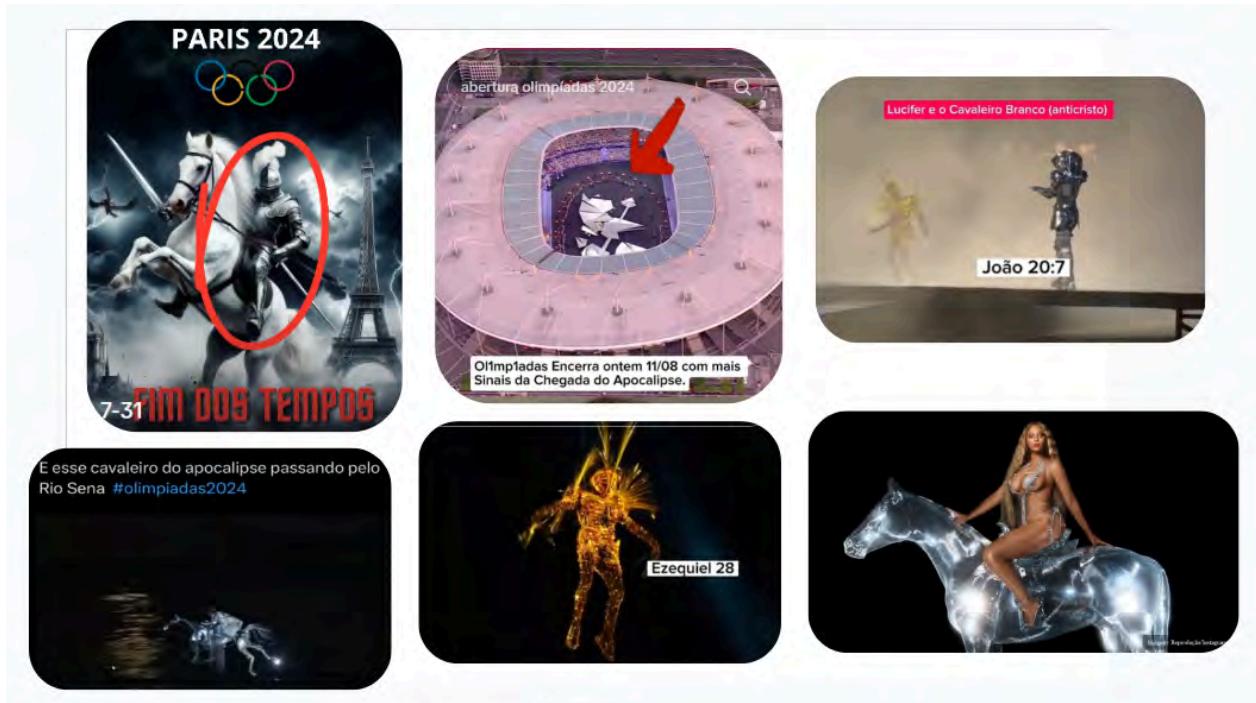
<sup>114</sup> Assisti e analisei um grande volume de conteúdos sobre a repercussão da cerimônia de encerramento também, escolho referenciar esse vídeo do tiktok porque ele condensa a maior parte dos elementos descritos em um único material.

Ver mais em:

[https://www.tiktok.com/@viniciuslana\\_br/video/7402374530972404998?q=olimpíadas%20apocalipse&t=1725794549669](https://www.tiktok.com/@viniciuslana_br/video/7402374530972404998?q=olimpíadas%20apocalipse&t=1725794549669) Acesso em: 01 ago. 2024

representantes de todas as nações. Os diferentes cavalos representados nas Olímpiadas fizeram com que as redes sociais revivessem outro momento em que eles foram interpretados como sinais das profecias: na capa e nos materiais de divulgação do álbum Renaissance (2022) de Beyoncé<sup>115</sup>.

Os apocalipses, sejam eles zumbis, climáticos, apócrifos ou não, estão longe de serem as únicas narrativas sobre o fim do mundo com as quais eu cruzei ao longo da pesquisa<sup>116</sup>. E uma grata surpresa foi que essas narrativas nem sempre eram pessimistas e catastróficas, circulei por espaços onde o fim deste mundo já aconteceu ou está sendo muito aguardado.



Fonte: Colagem feita por Laryssa Owsiany com frames de conteúdos viralizados no Tik Tok.

Para Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro (2017) “o Antropoceno é o Apocalipse, em ambos os sentidos, etimológico e escatológico” (Danowski; Viveiros De Castro, 2017, p.40). Os autores relatam que o primeiro esboço do livro publicado anos mais tarde foi criado por conta do dia 21 de dezembro de 2012 - o dia do fim segundo o calendário Maya.

Parece-nos fortemente simbólico que uma das versões recentes do fim do mundo a excitar a nova geração de espectadores planetários tenha sido o Apocalipse Maya (...) Afinal, não é de se desprezar o fato de que a única data do calendário de

<sup>115</sup> Durante a divulgação do álbum a cantora aparece em fotografias com diferentes cavalos, e imagens como a seguir viralizaram trazendo interpretações que as associam aos 4 cavaleiros do apocalipse. <https://i.ytimg.com/vi/bUW29T7xtHs/maxresdefault.jpg> Acesso em: 05 nov. 2024

<sup>116</sup> Uma abordagem interessante pode ser encontrada em: <https://www.indigenousaction.org/rethinking-the-apocalypse-an-indigenous-anti-futurist-manifesto/> Acesso em: 05 nov. 2024

origem supostamente ameríndia a ser incorporado à cultura pop mundial se refira a um apocalipse. (Danowski; Viveiros De Castro, 2017, p.144)



Fonte: Colagem feita por Laryssa Owsiany que mescla imagens reproduzidas do Instagram.<sup>117</sup>

Há outras previsões relativamente recentes sobre o fim do mundo, como por exemplo a passagem do Cometa Halley em 1988, as profecias de Nostradamus previstas para o ano de 1999 e o chamado “bug do milênio” na virada de 1999 para 2000. Eu não tenho lembranças pessoais de nenhuma das três citadas anteriormente. Entretanto, outro fim de mundo me marcou de forma significativa. Em 2009, estreou o filme “2012” e eu o assisti no cinema de São Lourenço (MG) com vários amigos da escola e uma piada interna se instaurou entre nós. No filme, tudo começava a dar errado no dia do meu aniversário, 20 de dezembro. Como toda adolescente, eu sonhava em ser maior de idade, poder dirigir, ficar bêbada e 2012 seria o ano em que eu completaria 18 anos. O filme foi um grande sucesso e os anos se seguiram com o assunto permanecendo na ordem do dia. A verdade é que completar a maioridade não foi emblemático, não tenho lembranças memoráveis sobre o que eu estava fazendo quando o mundo possivelmente acabaria. Mas algo sobre esse tema, naquele mês de dezembro, foi inesquecível.

<sup>117</sup> A imagem com a foto de Noam Chomsky é a divulgação de um curso do ICL sobre o Relógio do Juízo Final disponível em: <https://icl.com.br/curso/how-to-stop-the-doomsday-clock-como-parar-o-relogio-do-juizo-final/>. A maternidade e o fim do mundo são fotos de divulgação da AzMina está disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/azmina/2024/05/12/maes-contra-o-fim-do-mundo-sem-filhos-nossa-historia-acaba.htm>. Para saber mais sobre o leilão do fim do mundo: <https://diplomatique.org.br/leilao-blocos-petroleo-fim-do-mundo-cop28/> Acessos em: 05 nov. 2024

Foi também em 2012<sup>118</sup> que cursei o primeiro ano da graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, me mudando assim de Minas Gerais para Seropédica – cidade da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Antes mesmo de completar um mês de aulas, a universidade entrou em uma greve que durou um pouco mais de 8 meses. Sendo assim, voltei para minha cidade e fiquei pagando aluguel na esperança de que tudo poderia voltar a qualquer momento. Quando retornamos já no final do ano, muito mais da metade da minha turma havia desistido do curso. Durante as provas finais, enviamos um e-mail coletivo para um de nossos professores perguntando sobre prazos. Por mais que ele tenha errado a ‘data da profecia’ por alguns dias, o assunto do fim do mundo era tão presente que até hoje não sabemos se ele nos respondeu brincando ou não. A seguir compartilho a íntegra de um dos trechos deste e-mail que guardei com carinho ao longo de todos esses anos.

A segunda semana já é reservada às 'provas finais' (essa instituição tão local...), no nosso caso dia 12/12/12, quarta, isto é, durante a festejada data do Fim do Mundo (você já sabe a que horas o mundo vai acabar? Deve ser ao meio-dia (12:00). Mas nesse caso não haverá mais 'mundo' no qual fazer a 'prova' à 13:00...).

Era isso?

Fonte: Acervo pessoal - Laryssa Owsiany

## Nasa desmente 'fim do mundo' e alerta sobre suicídios

Fonte: BBC Brasil, 2012

Resolvi pesquisar o que jornais diziam sobre o potencial fim do mundo em 2012. Foi interessante relembrar as notícias (G1, 2012 ; Uol, 2012) que destacavam que Alto Paraíso de Goiás se preparou para receber mais de 15 mil turistas, pois era tida como um “bunker esotérico” que não seria atingido pelo colapso. Ou que a Nasa precisou fazer um pronunciamento oficial

<sup>118</sup> No que diz respeito à relevância de conteúdos viralizados, destaco uma reportagem do UOL cujo título é “Memes mostram como 2012 passou o bastão de ‘fim do mundo’ para 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/04/11/memes-mostram-como-2012-passou-o-bastao-de-fim-do-mundo-para-2020.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em: 05 nov 2024

através de uma conferência online de cientistas listando motivos pelos quais o mundo não acabaria (BBC Brasil, 2012).

As notícias destacavam uma grande preocupação com os suicídios e reuniam muitos depoimentos de pessoas que estocaram alimentos e/ou passaram décadas se preparando para a data.

A proposta de desacelerar nosso uso de recursos naturais pode sugerir a ideia de adiar o fim do mundo, mas, em alguns lugares esse fim já aconteceu – ontem, hoje cedo, vai acontecer depois de amanhã. Alguém pode dizer: Ah, mas isso é muito apocalíptico, ele está apavorando a gente! Na verdade, estou dando notícias velhas. Inclusive nas religiões dos brancos há uma história de que, nos seus primórdios, essa humanidade se espalhou pelo planeta como uma praga. O Deus deles ficou muito bravo, pois estavam deixando o mundo muito sujo e o destruiu com um dilúvio. Em seguida criou outro, novinho em folha, mas sua humanidade voltou a se comportar da mesma maneira caótica e predatória. Ou seja, na cosmovisão dos brancos também já houve um fim do mundo, eles olham para nós com estranhamento quanto falamos disso porque não tem memória. (Krenak, 2020, p.97/98)

Se por um lado alguns argumentos defendem que não há nenhuma ação que seja suficientemente capaz de adiar a destruição planetária. Outros, atribuem os extremos climáticos às profecias e aguardam com entusiasmo à volta de Jesus Cristo utilizando a referência bíblica de que “não somos deste mundo” para justificar a falta de ações engajadas por parte das igrejas. Nunca é demais reforçar que os evangélicos e os grupos religiosos de modo geral não são um bloco monolítico que está inerte aguardando a volta de Jesus e por este motivo não se engajam em ações ambientais de preservação.

Agnes Alencar, Priscilla Ribeiro e eu (2023) escrevemos um artigo coletivo que apresenta algumas iniciativas que vão na direção oposta buscando resgatar o Gênesis e o cuidado da criação e não o Apocalipse. A pastora Agnes Alencar, importante interlocutora deste trabalho, costuma dizer que hoje reconhece que o “fim do mundo” tido como natural e bíblico, é na verdade, fruto dos abusos do capitalismo, mas reconhece que nem sempre pensou assim visto que o discurso apocalíptico/climático possui aderência em muitos espaços religiosos.

Se nos distinguimos dos apocalípticos judaico-cristãos clássicos, não é apenas por temermos o fim (que eles, de sua parte, esperavam), mas sobretudo porque nossa paixão apocalíptica não tem outro objetivo senão o de impedir o apocalipse. Só somos apocalípticos para podermos estar errados. (Jonas, 1985, P.29-30 apud Danowski; Viveiros De Castro, 2017, p.118)



*Fonte: Reprodução Instagram - Material produzido pela Coalizão Evangélicos pelo Clima, 2023.*

Outros fins de mundos aparecem na Bíblia Sagrada. Talvez, o mais conhecido deles seja o dilúvio narrado entre os capítulos 6 e 9 do livro de Gênesis, a história de Noé transcende os espaços religiosos tendo sido retratada de muitas formas pela cultura pop também. Não sou teóloga e não tenho a pretensão de abrir grandes debates escatológicos na tese, entretanto preciso reconhecer que mergulhar nessa temática foi essencial para meus referenciais etnográficos. Apesar do Apocalipse de João ser o mais conhecido de todos, não só no âmbito religioso, durante minhas pesquisas descobri que existem muitos livros apócrifos chamados também de Apocalipses. A tabela abaixo lista alguns dentre os quais eu encontrei materiais durante o percurso da presente pesquisa:

<b>Velho Testamento</b>	<b>Novo Testamento</b>
Apocalipse di Abramo	Primeira Apocalipse de Tiago
Apocalipse de Adão	Segunda Apocalipse de Tiago
Apocalipse de Baruc (siríaco)	Apocalipse da Virgen (etiope)

Apocalipse de Baruc (grego)	Apocalipse da Virgen (grego)
Apocalipse de Daniele	Apocalipse de Pedro (grego)
Apocalipse de Elias (copta)	Apocalipse de Pedro (copta)
Apocalipse de Elias (hebraico)	Apocalipse de Paulo (grego)
Apocalipse de Esdras ou 4 Esdras	Apocalipse de Paulo (copta)
Apocalipse de Sedrach	Apocalipse de Estêvão
Apocalipse de Moisés	Apocalipse de Tomás
Apocalipse de Sofonias	

Durante minhas várias empreitadas etnográficas, uma proposta que me foi apresentada pelo coletivo Gesturing Towards Decolonial Futures (GTDF) foi essencial para a compreensão de que “um futuro decolonial requer um modo diferente de (co-)existência que só será possível com e através do fim do mundo como o conhecemos”<sup>119</sup>, pois este mundo foi construído e é mantido por diferentes formas de violência e insustentabilidade.

É importante para nós notarmos desde o início que não levantamos a possibilidade do “fim do mundo como o conhecemos” levianamente, nem em direção a fins sensacionalistas ou escapistas. Primeiro, enfatizamos que não queremos dizer o fim do mundo, ponto final, mas sim o fim de um modo particular de existência que é inherentemente antiético e insustentável, baseado em formas racializadas de exploração e desapropriação, e extração ecológica. Segundo, e relacionado, notamos que a continuidade deste mundo foi subsidiada através da tentativa de destruição de outros mundos, mundos que detêm possibilidades alternativas de existência. Terceiro, notamos o perigo de que a possibilidade de colapso sistêmico seja mobilizada para fins nefastos, como de fato a crise tem sido frequentemente tratada como uma desculpa para novos projetos de colonização, dominação racial, militarização e acumulação de capital. (The Gesturing Towards Decolonial Futures collective , 2020 tradução livre)

Enquanto me dedicava ao estudo do Apocalipse no campo teológico, em paralelo eu cursava a formação 'Boto Fé no Clima'. Além de participar como aluna, também desempenhei funções de apoio à equipe duas vezes por semana durante três meses. Com o objetivo de engajar

<sup>119</sup> As citações deste parágrafo são uma tradução livre de um conteúdo que está disponível apenas em inglês. O original pode ser consultado em: <https://decolonialfutures.net/portfolio/preparing-for-the-end-of-the-world-as-we-know-it/> Acesso em: 05 nov. 2024

comunidades de fé na “produção de narrativas ambientais voltadas ao cuidado com a criação”, o curso contou com a participação de 34 professores diferentes. Adaptação climática, mitigação, incidência nacional e internacional, os biomas brasileiros, comunicação de causa foram alguns dos temas abordados por especialistas convidados sendo eles religiosos ou não.

De acordo com o relatório final, a primeira turma do projeto na qual eu também me formei, era composta por um grupo de 55 jovens religiosos, sendo 32 mulheres (incluindo uma mulher trans), 22 homens (incluindo um homem trans) e 1 pessoa não binária. Sobre os dados de raça: 74% Negros (48% Pretos e 26% Pardos) e 22% Brancos. Sobre o pertencimento religioso, o grupo foi formado por 22 evangélicos, 19 de religiões de matriz africana, 11 católicos, 1 de espiritualidade indígena, 2 de outras espiritualidades/religiões. A diversidade de territórios também é um ponto importante a destacar: 16 jovens da região amazônica, 11 do Nordeste, do Centro-Oeste, 23 do Sudeste e 1 do Sul. Fiz questão de destacar os dados acima, porque um dos motivos pelos quais eu investi na pesquisa a partir do Fé no Clima era o compromisso do projeto na promoção de espaços plurais. Ainda que eventos climáticos extremos ocorram não só em áreas vulneráveis, a capacidade de adaptação a eles é absolutamente atravessada por marcadores sociais de raça, classe, gênero e território.

Para a conclusão do curso era necessário apresentar uma proposta de ações de comunicação, mobilização e incidência. O resultado foi apresentado para toda a turma e múltiplos formatos foram explorados: podcasts, vídeos, artigos acadêmicos, oficinas de compostagem, dentre muitos outros. Um projeto em específico chamou muito a minha atenção: uma conferência intitulada “*O que pode brotar das ruínas?: Fé, justiça e cuidado socioambiental na vida comunitária*”<sup>120</sup> que seria realizada na Igreja Batista do Pinheiro, localizada em um dos bairros atingidos pela Braskem em Maceió. O evento seria realizado em parceria com o movimento Nós na Criação, que havia sido responsável por ministrar algumas das aulas desse curso e com quem eu também já dialogava, participando sempre que possível dos espaços de discussão e formação sobre Eco-Teologia Decolonial promovidos por eles.

Na ocasião, por curiosidade e sem esperanças, cheguei a simular quanto custaria uma passagem até Maceió para acompanhar a conferência e principalmente o processo de implementação de uma Pastoral Ambiental. O evento que teria duração de dois dias, foi proposto por Andréa Laís, que além de aluna do curso era também filha dos pastores da referida igreja. O conceito de ruínas presente no título me despertou o interesse principalmente por ter Anna Tsing

---

<sup>120</sup> Para saber mais sobre a conferência veja o vídeo disponível em: <https://www.instagram.com/p/CxTqWE1LEUg/>  
Acesso em: 04 set. 2024

como uma de minhas principais referências teóricas, e posteriormente ter descoberto que a utilização conceitual por parte da igreja também se inspirava na proposta da autora.

A seguir apresento um print de um Ciclo de Estudos Bíblicos intitulado “Memórias do Pós-Exílio: Reconstrução e Vida Comunitária que Brota das Ruínas” promovido pela Igreja Batista do Pinheiro em 2023.



Fonte: *Youtube Igreja Batista do Pinheiro, (2023a)*

Odja Barros<sup>121</sup>, pastora da igreja, sempre reforça seu compromisso em trazer para a sua comunidade de fé as reflexões sobre as quais tinha acesso em ambientes acadêmicos. Sendo assim, a partir da conferência, começo a acompanhar com muito interesse e mais de perto as atividades da igreja.

Cerca de um mês após a conferência, o colapso da mina 18 descrito no primeiro capítulo ganha repercussão nacional e consequentemente o trabalho de resistência da Igreja Batista do Pinheiro também.

<sup>121</sup> Odja Barros, além de pastora da Igreja Batista do Pinheiro e uma importante interlocutora deste trabalho é também uma referência bibliográfica importante sobre o Apocalipse. Além disso, é psicanalista, bíblista e teóloga feminista. Meu primeiro contato com Odja se deu porque em 2023 ela se tornou membro do conselho deliberativo do ISER, instituto responsável pelo Fé no Clima e também local onde eu trabalho.

## 2.5 “A Braskem é o dragão do Apocalipse em Maceió”

A primeira nota formalizada e veiculada pela Pastoral Ambiental<sup>122</sup> da Igreja Batista do Pinheiro destacava que nos últimos cinco anos sua comunidade de fé era símbolo de resistência e denúncia contra a Braskem, por ser a única igreja a permanecer no bairro, mesmo após o seu processo de degradação. Este documento foi meu primeiro contato com a comparação da Braskem com o Dragão e da IBP como a mulher grávida com dores do parto - símbolos fortes representados no capítulo 12 do Apocalipse de João.

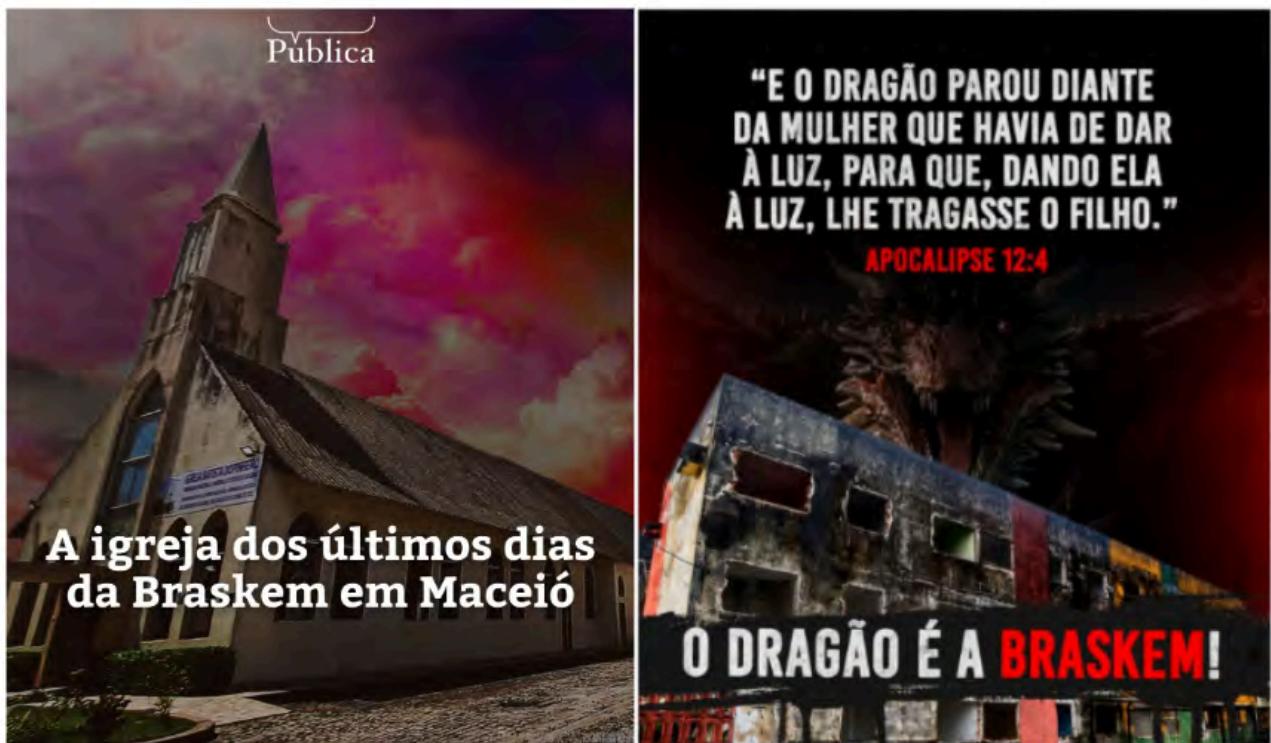
a resistência profética dessa comunidade de fé que vem lutando como a mulher grávida com dores de parto do capítulo 12 de Apocalipse contra um dragão vermelho que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre as suas cabeças sete diademas. O Dragão é a Braskem, esta empresa que enquanto coloca a cidade de Maceió em polvorosa e amedrontada sem saber o que está por vir e quais serão as consequências aqui num pedacinho do Nordeste do Brasil, está se apresentando em estandes como empresa verde e sustentável durante a 28º Conferência do Clima da Organização das Nações Unidas em Dubai, onde o mundo está reunido para coordenar ações globais climáticas, intimidando ativistas e boicotando iniciativas de mobilização e denúncia do maior crime ambiental em área urbana do mundo. Seguiremos na resistência como a mulher grávida com dores de parto do Apocalipse, inspirados e inspiradas no exemplo de Jesus de Nazaré, seguros e seguras na fé do Deus Conosco que tem chorado essas lágrimas de sal de mãos dadas com a nossa comunidade. (Nota da Pastoral ambiental da Igreja Batista do Pinheiro - 01/12/2023)

“Braskem é o Dragão do Apocalipse em Maceió, diz pastora”, este era o *clickbait* de uma longa reportagem da Agência Pública sobre a Igreja publicada em 21 de dezembro de 2023 (Correia, 2023). Sim, 21 de dezembro, a mesma data, (um dia depois do meu aniversário) em que o mundo possivelmente teria acabado 11 anos antes.<sup>123</sup> E eu, que estava imersa em narrativas apocalípticas, e já estava atenta ao trabalho desenvolvido pela igreja desde a conferência, ao me deparar com esses materiais, decidi dar centralidade ao caso, todavia o objetivo inicial era escrever apenas um capítulo.<sup>124</sup>

<sup>122</sup> A Pastoral ambiental foi instituída na Conferência “*O que pode brotar das ruínas?: Fé, justiça e cuidado socioambiental na vida comunitária*” que mencionei anteriormente no texto. A proposta de incidência do evento era fruto do trabalho de conclusão da formação “Boto Fé no Clima” apresentado por Andréa Laís.

<sup>123</sup> E aqui eu preciso fazer um parêntese, como grande parte desta pesquisa buscou reconstituir dados cronologicamente, eu me diverti com o número de vezes em que o dia 21 de dezembro (fim do mundo de acordo com o calendário maia) apareceu nesta tese. Além das duas citadas acima, em 2016 o dia 21 de dezembro foi marcado pelo comunicado do departamento de justiça dos EUA informando que naquele dia a Braskem e a Odebrecht se declararam culpadas e concordaram em pagar uma multa total combinada de pelo menos US\$ 3,5 bilhões para resolver acusações do “maior caso de suborno estrangeiro da história”. (Department of justice, 2016) Além disso, também é o dia que marca o aniversário de ministério pastoral de Wellington Santos também.

<sup>124</sup> Apocalipse Climático era o eixo conceitual que inicialmente articulava todas as temáticas apresentadas neste capítulo. A etnografia extensa com o Coletivo GTDF, e com o próprio Fé no Clima e os casos apresentados de forma



Fonte: Reprodução Instagram

O que estamos acompanhando nos últimos dias, desde o dia 28 de novembro, é mais um triste capítulo desse pesadelo, dos danos gerados pelo crime da mineradora. O possível colapso da mina 18 na região do Mutange, já desocupado há pelo menos 2 anos, causará danos graves e incalculáveis à Laguna Mundaú (conhecida popularmente como Lagoa Mundaú) e ao seu ecossistema. As populações mais vulneráveis do Bom Parto e dos Flexais protestam há meses por uma realocação digna e segura para seus moradores. A Braskem, a Defesa Civil e a Prefeitura de Maceió foram irresponsáveis mantendo a população naquela região, garantindo ausência de risco. Agora, na iminência do colapso de uma das minas, esta mesma população está sendo retirada com força policial às pressas e jogadas em escolas públicas, de forma apressada e indigna. Na mesma situação estão os pescadores daquela região que já sofrem nos últimos anos com as consequências da poluição e do crime ambiental na Lagoa Mundaú, com a escassez da sua principal fonte de sustento, e agora com a proibição completa e talvez até permanente de pescar naquele perímetro. O que estamos presenciando é mais um desdobramento do racismo ambiental praticado por um conluio entre empresa privada e gestão pública, os detentores do poder que decidem quais existências importam mais e quais devem viver, padecer ou morrer.

(Nota da Pastoral ambiental da Igreja Batista do Pinheiro - 01/12/2023)

resumida como o Relógio do Juízo Final, Taylor Swift, Baby do Brasil, Olimpíadas já fizeram parte da presente tese de formas mais aprofundadas. Mas sem dúvidas nenhum outro investimento etnográfico resultou em tanto material de pesquisa quanto a Braskem. Por este motivo, ela passou a ser a protagonista da presente tese.

Entrei em contato com Andréa Laís, a aluna do Fé no Clima responsável pela proposta da conferência e compartilhei com ela algumas ideias que gostaria de desenvolver em minha tese perguntando o que ela achava. Manifestei minha enorme vontade de ir até Maceió, mas sem muitas esperanças por conta do custo financeiro do deslocamento. Andrea se mostrou muito solícita e disse que seria ótimo se eu fosse, mas que achava possível conduzir uma pesquisa estando longe. Me indicou os nomes com os quais ela achava essencial que eu conversasse, me enviou materiais e se ofereceu para fazer a ponte entre muitos contatos para que eu fizesse “entrevistas online”, se assim eu desejasse.

☰ Menu

**IstoÉ**

IstoÉ • Dinheiro • Dinheiro Rural • Popular • Bem-estar • Gente • Glow News • Mulher • Sua História • Es

Capa

## A tragédia apocalíptica em Maceió: de quem é a culpa?

*Irresponsabilidade castiga Maceió e causa o maior crime ambiental do mundo. Capital alagoana tem um quinto de sua área condenada por falta de controle do governo na mineração, como aconteceu em Mariana e Brumadinho. Mais de 60 mil pessoas são obrigadas a evacuarem cinco bairros e a briga da população por justiça virou braço de ferro por capital político*

Fonte: Istoé, 2023 - Reprodução Internet

Enquanto me dedicava a outros capítulos, fui conduzindo a distância a pesquisa e acumulando referências sobre a tragédia apocalíptica de Maceió. Estabeleci muitas interlocuções diferentes e algo era unânime em todas elas: a paisagem arruinada era impossível de descrever em detalhes, e ainda que as fotografias capturassem nuances importantes, era preciso estar lá para sentir. Acabei me especializando em como conseguir passagens aéreas de baixo orçamento. E felizmente eu consegui realizar três viagens à Maceió: janeiro, maio e setembro de 2024. Com alguns perrengues, hospedagens duvidosas, parcelas a perder de vista no cartão de crédito e principalmente com muita dedicação essa tese foi construída.

É importante ressaltar que nenhuma dessas viagens aconteceram por ocasião de algo que eu considerava importante acompanhar, como por exemplo o aniversário de 6 anos do tremor em que a IBP realizou uma “via crucis” pelos bairros atingidos ou os 30 anos do Grito dos Excluídos

que foi realizado em um território atingido. Esses períodos foram definidos única e exclusivamente por conta de promoções relâmpago de companhias aéreas. Eu poderia listar infinitos exemplos de eventos importantes que eu “perdi”, às vezes por uma questão de poucas horas ou por um ou dois dias de diferença. E isso se deve ao fato de que passagens de baixo orçamento não permitem nenhum tipo de flexibilidade. É claro que isso foi frustrante em alguns momentos, todavia, há uma singularidade em se fazer pesquisa nos dias arrastados do cotidiano, aqueles em que é preciso desenvolver estratégias para alimentar a esperança de que a justiça seja feita.



Fonte: Reprodução Instagram - Cards oficiais de divulgação dos eventos

## Via Crucis percorre bairros afetados pela Braskem: “O Cristo em cada trabalhador e morador”

Fonte: Reprodução Instagram - Jornal de Alagoas (2024)

Em setembro de 2024, durante a minha última viagem a Maceió, um dia enquanto caminhava pelo bairro do Pinheiro acompanhada de Carlos Eduardo e de Larissa, outros dois pesquisadores do caso Braskem, nós conhecemos o seu Ronaldo. Ele estava literalmente na frente

do imóvel que fica ao lado direito da Igreja Batista do Pinheiro. Em meio ao bairro fantasma lá estava ele sentado em um banquinho acompanhado de sua mochila, seus óculos de grau, sua muleta e o mais importante: sua Bíblia e um hinário da Harpa Cristã.



*Fotografia de seu Ronaldo - Por Laryssa Owsiany, 2024.*

Carlos Eduardo estava com uma câmera profissional e perguntou a ele se poderia fotografá-lo. Ele foi muito simpático conosco e disse que sim. Ao vê-lo, não o imaginei como um morador de rua. Se eu tivesse que supor alguma coisa, diria que talvez morasse no bairro antes da degradação, afinal, não era incomum encontrar pessoas caminhando em luto pelo que já havia sido seu mundo. Contudo, ele não era de Maceió, e sim de União dos Palmares, outro município de Alagoas. Nos contou que passava o dia todo ali, mas durante a noite ia dormir na Fernandes Lima, porque depois que escurecia era impossível permanecer. A avenida Fernandes Lima fica a poucos metros dali e é uma das principais da cidade de Maceió. Enquanto conversávamos, ele nos perguntou “Vocês crêem que Jesus está voltando? E nos relatou que durante uma oração havia visto o cavaleiro branco e por este motivo estava escrevendo a palavra de Deus pelo bairro do Pinheiro.

Talvez eu tenha me arrependido de não ter permanecido ali e conversado mais tempo com ele. Apesar de ter nos dito que ficava por ali durante o dia inteiro e muitas pessoas da igreja depois terem me relatado que o conheciam de vista, eu nunca mais o encontrei. Eu retornei várias vezes procurando por ele. Ronaldo não tinha nenhuma relação com a Igreja Batista do Pinheiro, mas ele era o responsável pelas frases que estampam os muros do bairro, em sua maioria retiradas do livro de Apocalipse. Antes suas frases eram riscadas com lápis, carvão, raspadas na parede com pequenas pedras, não sei ao certo qual o tipo de material utilizado. Eram quase imperceptíveis, a não ser que o observador estivesse muito atento e muito próximo delas. Em algumas paredes, não

era nem possível capturar com a câmera de baixa qualidade do meu celular. As imagens retratadas na colagem abaixo estão inclusive um pouco editadas para que seja possível enxergar o mínimo.



Fonte: Muros escritos por seu Ronaldo no bairro do Pinheiro - Fotografias de Laryssa Owsiany, 2024



Fonte: Muros escritos por seu Ronaldo no bairro do Pinheiro - Fotografias de Laryssa Owsiany, 2024

Entretanto, de forma inesperada, Ronaldo nos conta que encontrou tintas na rua para que ele pudesse seguir na missão de deixar a mensagem pelos bairros. Embora não haja mais moradores, carros continuam circulando pelo bairro do Pinheiro em trânsito intenso. Agora, escritas com tinta em cores vibrantes, suas frases retiradas da Bíblia poderiam ser melhor avistadas.

O encontro com Ronaldo me deu um novo ânimo em um momento difícil desta tese, me fez pensar que eu tinha uma relevante questão de pesquisa que expandia a temática apocalíptica para além da Igreja Batista do Pinheiro. Todavia, eu nunca mais o encontrei. Eu, Larissa e Carlos seguimos para a nossa agenda programada inicialmente e eu estava eufórica. Talvez se eu tivesse recalculado a rota, me despedido deles ali e ligado para desmarcar o almoço que eu tinha combinado com outra interlocutora essa tese teria tomado outro rumo, talvez um pouco mais apocalíptico.

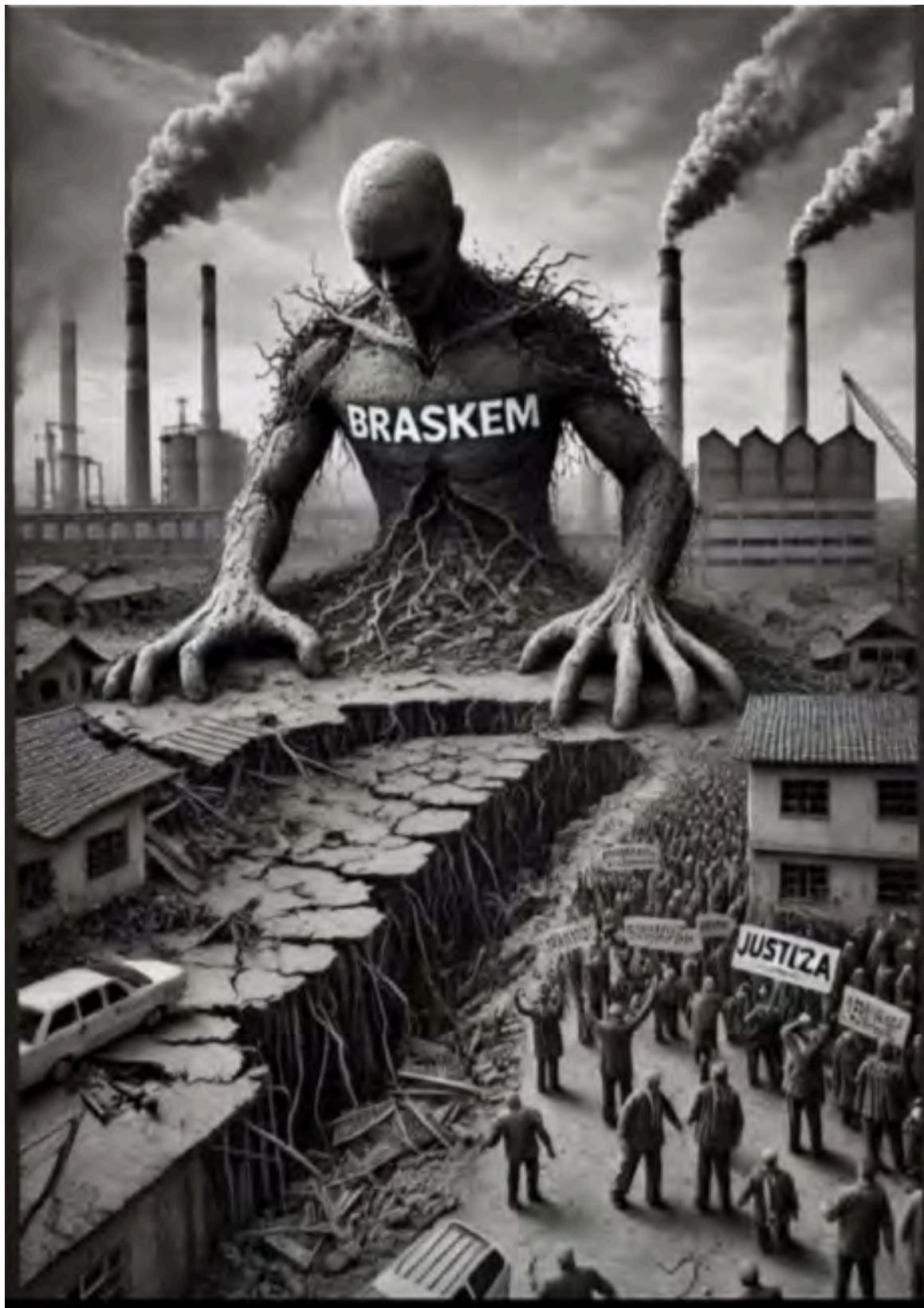
Eu fiz questão de narrar este episódio aqui, porque embora não seja possível dizer quais os desdobramentos teóricos e etnográficos existiriam se tivesse permanecido, refletir sobre esses encontros e desencontros proporcionados pela pesquisa de campo foram imprescindíveis. Ao mesmo tempo em que fiquei entusiasmada ao ver a ressonância de minhas questões através do Ronaldo, eu precisei lidar com a frustração de que eu deixei isso escapar.

E se tem uma coisa que eu aprendi me dedicando ao estudo de Apocalipse é que ele não tem nada de catastrófico. Em seu sentido mais profundo a palavra Apocalipse significa tirar o véu. Nas palavras de Odja Barros (2023, p.8) “é como se estivéssemos deixando visível alguma coisa que estava por baixo de um pano” e parte do objeto deste capítulo é justamente não tentar encobrir os percalços.

O defensor público-geral de Alagoas, Ricardo Melro, divulgou em seu instagram que resolveu fazer um experimento com inteligência artificial onde anexou no Chat GPT algumas ações coletivas em defesa das vítimas que foram feitas contra a Braskem<sup>125</sup>. E pediu para que as transformasse em uma imagem em sentido figurado do cenário narrado. O resultado de uma paisagem distópica é impressionante e é com ela que escolho encerrar este capítulo.

---

<sup>125</sup> É importante ressaltar que o experimento realizado resultaria em uma imagem completamente diferente se junto das ações fossem anexados também as contestações feitas pela empresa. Mas o objetivo é justamente representar o lado das vítimas neste embate.



*Fonte: Foto gerada por inteligência artificial através do CHAT GPT*

## INTERLÚDIO - TRAMAS POLÍTICAS ALAGOANAS

O primeiro presidente da República era de Alagoas: o marechal Deodoro da Fonseca (1889-1891). Dezenove anos depois, um sobrinho dele assumiu a Presidência, o marechal Hermes da Fonseca (1910-1914). Oito décadas depois, um político alagoano subiu a rampa do Planalto pela primeira vez: Fernando Collor de Mello (1990-1992). Neto de deputado e filho de senador, Collor indicou um primo para o Supremo Tribunal Federal (STF) durante seu breve mandato. A política pode nem sempre ser a mais republicana. Mas nunca deixa de ser familiar em Alagoas. (Sardinha; Camargo, 2011)

Ao dizer um simples “boa tarrrde”, por conta de meu sotaque mineiro, todas as pessoas já identificavam imediatamente que eu era turista e perguntavam por educação se eu estava gostando da cidade. Eu obviamente nunca perdia a oportunidade de dizer o que estava fazendo lá e de introduzir o assunto da Braskem. As pessoas sempre queriam falar sobre, seja para dizer que o alarde era um exagero e que a empresa era essencial para a economia local ou para desabafar expressando suas revoltas. Eu costumava sair dos carros por aplicativo ou dos estabelecimentos por onde circulava com indicações infinitas dos mais variados materiais e algumas vezes até com o telefone de alguém que teria boas histórias para contar.

Como um mecanismo de segurança, os aplicativos de transporte permitem que se grave o áudio das corridas; funcionalidade essa que aciono cotidianamente no Rio de Janeiro quando faço trajetos um pouco mais longos ou em alguns horários específicos. O que eu nunca imaginei é que iria utilizá-la posteriormente para checar informações e pesquisar mais sobre algumas contribuições essenciais que me foram cedidas nesses contextos.

Para além das relações com a Braskem, “Maceió, é um negócio muito sinistro, muito muito sinistro mesmo, a história política daqui é regada a sangue, muito sangue”. Essa frase me foi dita por um motorista de uber que me narrou toda a história da “Gangue Fardada” de Maceió - um famoso grupo de extermínio alagoano. Ouvi com absoluto fascínio e até um pouco desconfiada da veracidade daqueles detalhes dignos de um bom roteiro cinematográfico. Ao ouvi-lo percebi que estava buscando similaridades e diferenças com os grupos de extermínio da Baixada Fluminense, lugar onde morei por mais de 10 anos e que tinha como referência o trabalho de José Cláudio Alves, meu professor na universidade, cuja tese de doutorado sobre essa temática foi defendida em 1995<sup>126</sup>.

---

<sup>126</sup> ALVES, José Cláudios. Dos barões ao extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense. Consequência, 2<sup>a</sup> edição, 2020

Em um primeiro momento, eu tinha certeza absoluta de que eu nunca havia ouvido falar da Gangue Fardada, até que o motorista me perguntou se eu conhecia a Eloá, aquela do sequestro televisionado<sup>127</sup>. Pois bem, Everaldo Pereira dos Santos era seu pai e um dos integrantes mais famosos do grupo de extermínio. Foragido desde os anos 90 foi reconhecido ao aparecer na TV durante o sequestro de sua filha. Sob o nome falso de Aldo Pimentel, acabou sendo preso em decorrência disso (G1, 2023c). Um dentre os quatro homicídios que constavam em sua ficha criminal, era o assassinato do delegado Ricardo Lessa, irmão de Ronaldo Lessa, ex-governador do estado, ex- vice-prefeito de Maceió, atual vice-governador e também o político que obteve as maiores doações de campanha da Braskem (Agência Tatu, 2023).

### Detalhes de cada doação realizada pela Braskem

Político	Ano	Cargo disputado	Valor da doação
RONALDO LESSA	2006	Senador	R\$ 50.500,00
RONALDO LESSA	2010	Governador	R\$ 200.000,00
RONALDO LESSA	2014	Deputado Federal	R\$ 100.000,00

*Fonte: Portal AL 1, 2023.*

Com base em dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), a Agência Tatu (2023) divulgou um levantamento que mostra que entre 2004 e 2014, a petroquímica doou o total de R\$ 2.994.693,26 às campanhas de 41 políticos alagoanos. Para além de Ronaldo Lessa, Benedito de Lira, Renan Filho, Fernando Collor de Mello, Rodrigo Cunha e JHC são apenas alguns dos outros nomes que compõem a lista de beneficiários.

Os nomes destacados acima são exemplos de figuras centrais, tanto na política alagoana quanto no cenário nacional. Em alguns casos é possível identificar relações oligárquicas de forma mais explícita, pelo sobrenome. Rodrigo Cunha, é filho da deputada assassinada em 1998, Ceci Cunha e Benedito Lira, é pai do atual presidente da câmara de deputados Arthur Lira.<sup>128</sup>

<sup>127</sup> Para relembrar o caso acesse o acervo da Rede Globo disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/caso-eloa/noticia/caso-eloa.ghtml> Acesso em: 22 nov 2024

<sup>128</sup> Não pretendo me estender na história de Arthur Lira e os escândalos que envolvem seu nome, entretanto sua influência e poder são tão significativos que ele ganhou um podcast só para ele cujo objetivo é pautar os atalhos do poder. Disponível em: <https://www.uol.com.br/play/podcast/lira-os-atalhos-do-poder/> Acesso em: 05 out 2024

O modus operandi do rebranding não é utilizado só pela mineradora Braskem. Políticos cujas trajetórias pessoais e/ou familiares são perpassadas por escândalos também utilizam e muito este recurso. Duas das pessoas citadas na lista possuem literalmente o mesmo nome de seus pais. Renanzinho, como é conhecido, por exemplo, não utiliza o seu sobrenome Calheiros, e JHC busca se desvincular em seu nome de urna do passado de seu pai, João Caldas.

O pai dele foi um dos maiores ladrão aqui do estado de Alagoas e da saúde. Foi ou não foi? Eu nunca votei nele. Ele usa esse JHC como a abreviação que ele fez pra não ser reconhecido como o pai. O pai dele, João Caldas, roubou dinheiro da saúde. Procura saber sobre a máfia das ambulâncias. Na minha casa aquele homem não entra. Eu botei ele pra correr duas vezes. Filho de ladrão, ladrão é também. Eu não saio da minha casa para dar voto para nenhum.

(motoboy, morador dos Flexais, 2024)



Fonte: Reprodução Internet.

A tal história política regada a sangue sobre a qual o motorista do Uber me alertou possui uma vasta gama de exemplos. E neste interlúdio, vou discorrer sobre apenas alguns deles. José Geraldo Marques<sup>129</sup> durante seu depoimento na CPI da Braskem afirma: "Em Alagoas, quando se ameaça de morte, se mata. Tanto que mataram meu pai, tanto que mataram a mãe do senador que nós temos aqui, na minha frente, e a quem admiro bastante, e sou solidário"<sup>130</sup>. A fala de José

<sup>129</sup> José Geraldo Marques foi citado muitas vezes durante o primeiro capítulo. Esta nota tem o intuito apenas de relembrar que ele é a referência unânime sobre o início de tudo em Maceió. Foi ele quem se recusou a dar o aval de instalação para a Salgema por se tratar de uma área de restinga e foi perseguido por isso.

<sup>130</sup> O assassinato de Ceci Cunha, deputada federal e de seus familiares foi amplamente noticiado na imprensa no final dos anos 90. O depoimento completo se encontra disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/notas-taquigraficas/-/notas/r/12343> Acesso em: 26 out. 2024